

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

OUVIR E AMAR A JAVÉ: Dt 6,4-9

Um caminho para a cultura de paz

NELVI JORGE CEOLIN

Porto Alegre – RS
Junho de 2006

NELVI JORGE CEOLIN

OUVIR E AMAR A JAVÉ: Dt 6,4-9
Um caminho para a cultura de paz

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Irineu José Rabuske

Porto Alegre – RS
Junho de 2006

FOLHA DE APROVAÇÃO**NELVI JORGE CEOLIN****OUVIR E AMAR A JAVÉ: Dt 6,4-9**
Um caminho para a cultura de paz

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Irineu José Rabuske

Aprovada em 22 de junho de 2006, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Irineu José Rabuske – PUCRS

Prof. Dr. Pedro Kramer – ESTEF

Prof. Dr. Ramiro Mincato – PUCRS

AGRADECIMENTOS

A Bíblia lida individualmente é dom e graça.

A Bíblia lida em comunidade torna-se festa e tarefa.

Com este espírito registro, de coração, meu agradecimento:

- ✓ À Congregação do Santíssimo Redentor (Redentorista) que me disponibilizou para a realização deste estudo
- ✓ Aos professores Dr. Pedro Kramer e Dr. Irineu José Rabuske que me orientaram na pesquisa e aprofundamento do tema.
- ✓ Aos amigos Pe. Vitor Edezio Tittoni Borges e Ir. Demétrio André pela revisão do texto e Dr. Pedrinho Guareschi pelas observações e questionamentos.
- ✓ À direção e aos professores do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da PUCRS.
- ✓ À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que possibilitou a realização deste estudo.
- ✓ Aos amigos e amigas que me incentivaram e apoiaram na busca e reflexão do tema.

RESUMO

A dissertação *Ouvir e amar a Javé: Dt 6,4-9, um caminho para a cultura de paz* é um estudo exegético bíblico-pastoral da perícopa de Deuteronômio 6,4-9, que é denominado de *Shemá* Israel, sendo Israel desafiado a ouvir e a reconhecer Javé como único Deus em resposta de amor e fidelidade. A atitude de Israel deveria ser de amá-lo com todo o coração, com toda a alma e com toda a força e inculcar aos filhos estes ensinamentos. Esta demonstração do amor evidenciado unicamente por Javé, e não por outros deuses, leva Israel a formar uma sociedade em que a organização não se apóia na violência, nem se estratifica em classes sociais, mas é determinada por estruturas fraternas. Atualmente, o resgate destas ações expressa valores como a solidariedade, a cooperação e a fraternidade que foram minimizados no decorrer da história, ocasionando situações de violência. Os reis Ezequias e Josias, no séc VIII e VII a.E.C., promoveram reformas religiosas e políticas com o objetivo de unir Israel em torno de um só Deus, um só povo, uma só terra, um só santuário e uma só lei, a fim de manter a nação forte e coesa. Neste período, foi encontrado, no Templo, o livro da Lei que serviu como base para estas reformas. Este livro compõe o Dt atual, em que o *Shemá* Israel é agregador de valores como a solidariedade, a fraternidade e a justiça que impulsionam ações de paz. Na contemporaneidade, em meio aos conflitos e desumanizações, o *Shemá* é apresentado como um caminho alternativo, possibilitando reconhecer sinais existentes na sociedade, que enfoca a formação de uma cultura de paz. O *Shemá* aponta para uma mudança social na perspectiva do comunitarismo solidário, onde o complemento de Jesus Cristo em *amarás o teu próximo como a ti mesmo* (Mc 12,31), é fundamento de atitudes que consolidam tradições de paz.

Palavras chaves: Deuteronômio – *Shemá* – Israel – Solidariedade – Cultura de Paz.

ABSTRACT

The dissertation *To hear and to love Iahweh: Dt 6,4-9, a way towards a culture of peace* is an exegetic biblical-pastoral study of the pericope of Deuteronomy 6,4-9, which is called *Shemá* Israel, which is the challenge faced by Israel of listening and accepting Iahweh as the only God in response to His love and fidelity. His attitude should be of loving Him with all his heart, with all his soul and with all his strength and to inculcate into the children these teachings. Such demonstration of love towards *Iahweh* and not towards other gods, leads Israel to organize a society based not in violence or social classes, but determined by fraternal structures. In our times, the recuperation of these actions express values such as solidarity, cooperation and fraternity that have been abandoned throughout history, causing situations of violence. The Kings Hezekiah and Josiah, in the VIII and VII centuries B.C., favored reforms aiming at uniting Israel around the unique God, the unique people, the unique land, an unique sanctuary and a unique Law, to keep the nation strong and united. During that period they found in the Temple the Book of the Law that was used as the basis for those reforms. This book is part of the present Deuteronomy in which the *Shemá* Israel works as a set of values such as solidarity, fraternity, and justice that helps to build up actions towards peace. In our days, in the middle of conflicts and dehumanization, the *Shemá* is presented as an alternative way to recognize the signs already existent in our society, that focus on the construction of a culture of peace. It points towards a social change in the perspective of a communitarian solidarism, having the Jesus complement in the commandment *to love your neighbor as yourself*, becoming a fundament for attitudes that consolidate traditions of peace.

Key Words: Deuteronomy – *Shemá* – Israel – solidarity – Culture of Peace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 OS REIS DE JUDÁ NOS SÉCULOS VIII E VII a.E.C.	12
1.1 O REINADO DE EZEQUIAS	12
1.1.1 Judá sob o domínio dos Assírios	13
1.1.2 Ezequias e Senaqueribe.....	16
1.1.3 A Reforma Religiosa de Ezequias.....	17
1.2 O REINADO DE MANASSÉS	18
1.2.1 A Política de Manassés.....	19
1.2.2 Os últimos dias do Império Assírio.....	21
1.3 O REINADO DE JOSIAS	21
1.3.1 A reforma de Josias	22
1.3.2 As medidas da Reforma Religiosa	24
1.3.3 O Fim do Império de Judá.....	25
2 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS DO DEUTERONÔMIO	27
2.1 ALIANÇA COM JAVÉ	27
2.2 IMPORTÂNCIA DO LIVRO DO DEUTERONÔMIO	29
2.3 ESTILO DO DEUTERONÔMIO	31
2.4 GÊNERO LITERÁRIO DO DEUTERONÔMIO	32
2.5 COMO É APRESENTADO O DEUTERONÔMIO	33
2.6 CONTEXTO EM QUE SURTIU O DEUTERONÔMIO	35
2.7 AUTORIA DO DEUTERONÔMIO	38
2.8 INTENÇÕES TEOLÓGICAS.....	40
2.9 DEUTERONÔMIO: UMA LEI PREGADA.....	42
3 EXEGESE DO DEUTERONÔMIO 6,4-9	44
3.1 DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE DO DEUTERONÔMIO 6,4-9.....	45
3.2 TRADUÇÃO DO HEBRAICO DO DEUTERONÔMIO 6,4-9.....	46
3.3 OUVÉ, Ó ISRAEL: IAHWEH NOSSO DEUS É O ÚNICO IAHWEH(Dt 6,4)...	46
3.3.1 Ouve, ó Israel.....	47
3.3.2 Iahweh nosso Deus.....	48
3.3.3 É o único Iahweh.....	49

3.4 PORTANTO, AMARÁS A IAHWEH TEU DEUS COM TODO O TEU CORAÇÃO, COM TODA A TUA ALMA E COM TODA A TUA FORÇA (Dt 6,5).....	52
3.4.1 Amarás a Iahweh teu Deus.....	52
3.4.2 Com todo o teu coração	53
3.4.3 Com toda a tua alma	57
3.4.4 Com toda a tua força	60
3.5 QUE ESTAS PALAVRAS QUE HOJE TE ORDENO ESTEJAM EM TEU CORAÇÃO (Dt 6,6).....	61
3.5.1 Estas palavras que hoje te ordeno.....	61
3.5.2 Estejam em teu coração	63
3.6 TU AS INCULCARÁS AOS TEUS FILHOS, E DELAS FALARÁS SENTADO EM TUA CASA E ANDANDO EM TEU CAMINHO, DEITADO E DE PÉ (Dt 6, 7).	64
3.6.1 Tu as inculcarás aos teus filhos	64
3.6.2 Delas falarás sentado em tua casa.....	65
3.6.3 Andando em teu caminho, deitado e de pé.....	67
3.7 TU AS ATARÁS TAMBÉM À TUA MÃO COMO UM SINAL, E SERÃO COMO UM FRONTAL ENTRE OS TEUS OLHOS (Dt 6, 8).	68
3.7.1 Tu as atarás também à tua mão como um sinal	68
3.7.2 Serão como um frontal entre os teus olhos.....	70
3.8 TU AS ESCREVERÁS NOS UMBRAIS DA TUA CASA, E NAS TUAS PORTAS (Dt 6, 9).....	71
4 O <i>SHEMÁ</i>, UM CAMINHO PARA A CULTURA DE PAZ	73
4.1 ISRAEL E A EXPERIÊNCIA DE PAZ.....	74
4.2 ALGUNS PROBLEMAS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE	75
4.3 FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA PAZ.....	78
4.4 ASPECTOS QUE PERMEIAM A PAZ	79
4.4.1 A solidariedade	79
4.4.2 O diálogo e a tolerância	80
4.4.3 O Pluralismo cultural	82
4.4.4 O Comunitarismo solidário	83
5.5 ORGANIZAÇÕES SOCIAIS COMO SINAIS QUE EVIDENCIAM O <i>SHEMÁ</i>	84
CONCLUSÃO	87
BIBLIOGRAFIA CITADA	91

INTRODUÇÃO

A presente obra propõe uma análise exegética de Dt 6,4-9 que é denominado de *Shemá* Israel por conter a expressão máxima da fé judaica: *Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!* Israel é convidado a ouvir atentamente, a prestar atenção, a aguçar a sua percepção, a silenciar a mente, a meditar, a interiorizar e a absorver a mensagem de tal forma que se torne parte de sua própria essência. No decorrer da história de Israel, o povo hebreu, ao vivenciar o *Shemá*, confirmou a fidelidade a Javé pela fé que fundamentava relações fraternas e solidárias, evidenciando situações de paz. A fé vem do ouvir e escutar com atitudes alicerçadas no amor de Deus. Mas, com o passar do tempo, os homens foram se distanciando de Javé, enfraquecendo a fé e impossibilitando relações justas e igualitárias. Por isto, ao contemplarmos o *Shemá* na contemporaneidade, ressaltaremos os valores que são integrantes de ações articuladoras de paz e que promovem uma tradição, ocasionando uma cultura de paz e, conseqüentemente, um caminho para contrapor o sistema neoliberal.

O estudo de pesquisa do Dt foi realizado a partir do método ver, julgar e agir, com o qual confirmei o extraordinário livro que é o Dt, bem como a sua importância e influência na formação bíblica. A perícopes escolhida apresenta atitudes como o ouvir e o amar a Javé que expressam o *Shemá* Israel e revelam a fé no único Deus, sendo o *Shemá* a exortação mais antiga do Dt original e é repetida até hoje. A pesquisa apresenta o contexto histórico em que se localiza o *Shemá*, isto é, a situação política, econômica e religiosa dos séc VIII e VII que ajudará a compreender os fatos e as situações que cercavam Israel. A fé é proveniente do amor como eixo principal do Dt que apresenta um Deus amoroso, e libertador, misericordioso e fiel. A existência de um relacionamento de amor entre Javé e Israel, é proposto pelo Dt, com todo o coração, toda alma e toda a força. Com a releitura do *Shemá* na contemporaneidade, ele é visto como um sinal agregador de valores para a fundamentação de uma cultura de paz.

O Dt é o quinto livro da Bíblia e compõe a parte final do Pentateuco. Ele é um dos livros mais influentes da Escritura hebraica, tendo influenciado muitos escritos bíblicos do AT e do NT. O Dt é o livro da lei, conforme encontramos em 2Rs 22,8.11 ou o livro da Aliança, em 2Rs 23, 2.21, encontrado no Templo de Jerusalém no tempo do Rei Josias. Ele se tornou o documento oficial que inspirou e orientou os reis Ezequias e Josias nas reformas religiosas e litúrgicas em Israel. Em seu estilo, por se tratar de leis, o Dt é reconhecido como uma obra cheia de vida e de força persuasiva, lembrando o estilo fogo e direto de Jeremias, com uma oratória fluente e solene, buscando comover o ouvinte não só pelo intelecto, mas também pelo sentimento e pelo entusiasmo.

Os temas que compõem o Dt são complexos, devido ao seu processo de formação, pois se supõe uma época diferente do tempo a que o texto se refere. Também os escritores tinham como objetivo fazer a tradição antiga falar numa época de crise para Israel, a fim de ajudá-lo a superar. Suas leis não são de cunho jurídico, mas uma exposição da fé, como diretrizes norteadoras de ações em vista de uma vida feliz e de comunhão. Não se trata da repetição da história de Israel, mas de experiências que demonstram a intervenção salvífica de Javé em Israel.

O texto escolhido para análise contém a essência da fé no Deus Javé, reconhecendo-o como único. Este reconhecimento toma proporções no contexto latino-americano ao ser refletido e analisado a luz do *Shemá*, e pode servir para amenizar as diferenças sociais, políticas e religiosas. Em meio a tantos conflitos e desigualdades, na contemporaneidade, semelhantes aos de Israel antigo, somos convocados a ouvir e a amar Javé como resposta de fidelidade ao seu projeto e a visualizarmos os sinais existentes como um caminho possível que legitima a cultura de paz.

Ao contextualizarmos a realidade do século VIII e VII a.E.C., no primeiro capítulo, enfocamos a história dos reis de Judá e as reformas ocorridas na sociedade. Durante este período, os reis Ezequias e Josias promoveram a reforma política, econômica e religiosa na tentativa de unificar Israel em torno de um só rei, um só Deus, um só templo e uma só capital como sinal de prosperidade e coesão. Nesta época, foi descoberto o livro da Lei, que corresponde hoje à parte central do Deuteronomio, contendo o Código de Leis que passou a ser um programa para as reformas desejadas.

O Deuteronômio é uma obra complexa. Por isto, no segundo capítulo, apresentaremos as questões introdutórias do Deuteronômio, relatando aspectos que contribuirão na compreensão e na leitura do livro. Ressaltaremos essencialmente a importância da observação do Decálogo para conhecer as leis, acompanhando sua formação e situando-o historicamente.

A necessidade de observar as leis levou Israel a recordar a ação de Javé que o libertou da escravidão do Egito, sendo elas a correspondência entre Deus e a humanidade. Esta tradição cultivada com o *Shemá*, levou Israel a permanecer na fidelidade com o Deus da Aliança, alicerçada no amar com todo o seu ser, inculcando aos filhos e visualizando nas portas, nos umbrais e no uso dos filactérios. Por isto, com a exegese, no terceiro capítulo, compreenderemos o texto como elemento que remeterá à justiça, resultante em relações igualitárias e ações de paz.

A perícopete contém o *Shemá* como um indicativo para recordar e vivenciar a ação de Javé em todos os momentos de sua vida. Esta forma de agir nos remete a alguns questionamentos na contemporaneidade: como a proposta do *Shemá* pode se transformar em ações permanentes? Qual a forma para obter resultados que correspondam à justiça e à paz? De que maneira esta proposta poderá contribuir para nossa realidade social, política e religiosa? Estas questões nortearão a atualização do *Shemá*, que veremos no quarto capítulo porque, a partir da experiência do povo de Israel, o ouvir e amar a Javé tem conseqüências atuais na vida cristã, principalmente no contexto em que vivemos.

Hoje em dia, em meio aos conflitos, o desejo da paz ressurgiu com todas as forças como anseio de promover a vida com dignidade e justiça. Assim sendo, quais seriam as dimensões necessárias para abordar o tema da paz? Quais os elementos constitutivos que nos ajudariam a distinguir a cultura da violência e a optar por uma cultura de paz? Ao atualizarmos o *Shemá*, o relacionaremos com os sinais existentes como promotores de paz, tendo-o como base para um caminho possível na construção da cultura de paz. Reconhecemos, assim, os sinais que consideramos possíveis para legitimar a tradição de paz, pois ela é, antes de tudo, um dom de Deus que somos convidados a cultivar, transformando-se para nós numa tarefa como a foi para Israel. Importa desdobrar este dom, fazê-lo crescer em todos os recantos do mundo e no mais íntimo do ser humano que é o seu coração.

1 OS REIS DE JUDÁ NOS SÉCULOS VIII E VII a.E.C

Durante os séculos VIII e VII a.E.C. Judá¹ estava sob o domínio do Império da Assíria. O rei Ezequias iniciou a reforma religiosa e participou do levante contra a Assíria. Foi dominado, mas continuou governando Jerusalém, recebeu a avaliação bíblica de “justo”², por seguir os valores de Javé. Seu sucessor, Manassés, retornou à política tirana de seu avô Acáz. Declarou-se vassalo fiel ao grande império, foi um grande apóstata, derramando muito sangue inocente. A avaliação bíblica que recebeu foi de ele ter feito *o mal aos olhos de Iahweh* (2Rs 21,2). O seu sucessor, Amon, continuou a sua política e acabou sendo assassinado num golpe. A sua avaliação bíblica foi que *ele fez o mal aos olhos de Iahweh* (2Rs 21,20). Josias, empossado como rei aos 8 anos, recebeu a avaliação bíblica de “o mais justo”, fazendo *o que é agradável aos olhos de Iahweh* (2Rs 22,2), pois acreditando nos valores decorrentes da justiça, promoveu a grande reforma religiosa, centralizando o culto a Javé em Jerusalém e retomando Betel. Foi morto pelo faraó Necao.

1.1 O REINADO DE EZEQUIAS

Ezequias de Judá (725-697 a.E.C.)³ substituiu seu pai Acáz no poder, reinando no Sul, em tempo de monarquia dividida⁴. *Acáz não fez o que é agradável aos olhos de Javé, como o havia feito Davi, seu antepassado* (2Cr 28,1). O mandato de Acáz foi marcado por inúmeras dificuldades, pois os monarcas assírios avançavam na tentativa de controlar o

¹ Judá é o nome dado ao reino do Sul após a monarquia dividida em 931 a.E.C., também designado como reino de Judá.

² FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p. 367.

³ A cronologia de Ezequias não é muito segura. Os autores a seguir apresentam diferentes datas: DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997. p.368: 725-697; FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p.367: 727-698; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.102: 725/24-697/96; Bíblia de Jerusalém e Serviço de Animação Bíblica. *Entre a Fé e a Fraqueza*: Reino de Judá, 2002, p.27: 716-687; BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.373: 715-687; SILVA, Airton José da. *O contexto da obra histórica deuteronomista*. 2005, p. 13: 716/15-699/8.

⁴ Conforme SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Em busca da vida, o povo muda a história*: Reino de Israel, 2002, p. 14, após a morte de Salomão, em 931 a.E.C., as doze tribos de Israel dividiram-se em dois reinos: O reino do Norte chamado de reino de Israel e reino do Sul denominado de reino de Judá.

Crescente Fértil⁵ e foi continuamente sujeitado à pressão internacional. Acáz foi confrontado com o enigmático problema de manter a paz com a Síria e com Israel⁶. Em meio a tantas conturbações, o profeta Isaías se mostrou ativo no ministério profético. Trazendo uma mensagem por parte de Deus, ele apresentou a Acáz a solução de seu problema. A fé em Deus era a chave para vitória de Israel sobre a Síria. Embora contasse com o grande profeta Isaías como seu contemporâneo, Acáz promoveu as mais esdrúxulas práticas idólatras. De acordo com os costumes pagãos, ele fez seu filho passar pelo fogo. Não somente retirou muitos tesouros do templo para satisfazer as exigências do rei assírio, mas também introduziu cultos estrangeiros no lugar mesmo onde só Deus era adorado. Não se admira que Judá houvesse incorrido na ira de Deus⁷.

A partir de Roboão, primeiro rei do Sul, Ezequias e Josias foram os únicos reis a não receberem uma avaliação negativa, porque procuravam ouvir a voz de Javé através dos profetas e buscavam guiar o reino nos valores essenciais como a garantia de vida do povo com relações baseadas na justiça. Os demais, no livro dos Reis, *fizeram o que é mau aos olhos do Senhor* ou, em alguns casos, mesmo tendo feito o que é agradável ao Senhor, não conseguiram eliminar totalmente a idolatria nos lugares altos⁸.

1.1.1 Judá sob o domínio dos Assírios

O reinado de Ezequias assinalou uma extraordinária era religiosa na história de Judá. Mesmo sendo molestado pelos assírios, Ezequias sobreviveu ao ataque crucial contra Jerusalém, em 701 a.E.C. Durante a última década de seu governo, Manassés esteve a ele associado, como co-regente.

Em drástica reação à deliberada ação de seu pai, Ezequias começou a reinar impondo a mais extensa reforma que houve na história do Reino do Sul. Na juventude, com seus vinte e cinco anos, foi testemunha da desintegração gradual do Reino do Norte,

⁵ Crescente Fértil era a grande faixa de território habitada que se estendia do Golfo Pérsico através da Mesopotâmia até a Síria e a Palestina.

⁶ Sempre que citarmos a palavra *Israel* na presente obra, nos referimos à comunidade de todos os israelitas, como um povo único, independentemente da divisão dos dois reinos. Quando mencionarmos *reino de Israel* nos referimos ao *reino do Norte* a partir de Salomão (931a.E.C), quando houve a divisão de Israel em dois reinos.

⁷ SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p. 199.

⁸ SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza: Reino de Judá*, 2002, p. 26.

com a conquista assíria de Samaria que ficava apenas a cerca de 65 km de Jerusalém. Percebendo incisivamente que o cativeiro de Israel era consequência de um pacto quebrado e da desobediência a Deus (2Rs 18,9-12), Ezequias preferiu depositar sua confiança no Deus de Israel. Acreditava nas exigências éticas da Aliança que continham um projeto de vida justa e fraterna para o povo, promovendo a libertação da escravidão e da dominação. Nos primeiros anos de seu reinado liderou uma reforma eficaz, não somente em Judá, mas também em certas regiões do reino de Israel. Visto que Judá já era vassalo da Assíria, Ezequias reconheceu a suserania de Sargom II (722-705 a.E.C.)⁹.

Ezequias reabriu o templo. Levitas foram convocados para repararem e limparem o lugar de adoração. Aquilo que porventura fora usado para os ídolos, foi removido para o ribeiro do Cedrom, ao mesmo tempo que os vasos que haviam sido contaminados por Acáz foram santificados. Em dezesseis dias de trabalho, o templo estava pronto para a adoração pública. Ezequias e os oficiais de Jerusalém deram início aos sacrifícios no templo. Grupos musicais com suas harpas, címbalos e liras participaram da inauguração, conforme fora o costume na época de Davi. Na tentativa de curar a brecha que separava as nações dos reinos de Israel e Judá desde a morte de Salomão (931 a.E.C), o rei enviou cartas por toda a terra, convidando todos a que viessem celebrar a Páscoa em Jerusalém. Embora alguns ignorassem o apelo feito por Ezequias, muitos reagiram favoravelmente em Aser, Manassés, Efraim, Issacar e até mesmo em Judá, vindo celebrar a festividade¹⁰.

Numerosa congregação se reuniu em Jerusalém, para participar da reforma. Com a liderança dos sacerdotes e levitas, o povo ofereceu sacrifícios, entoou hinos de júbilo e se regozijou diante do Senhor. Em ocasião alguma, desde o tempo da dedicação do templo, Jerusalém vira tão jubilosa celebração. A reforma encabeçada por Ezequias foi um sucesso decisivo, enquanto ele se esforçava por moldar as práticas religiosas de seu povo à lei e aos mandamentos de Deus¹¹, sendo eles fortalecedores na promoção da dignidade humana, diminuindo as situações de escravidão.

Durante o reinado de Ezequias, Sargom II, por meio de um golpe de estado, pouco depois do final do sítio de Samaria, chegou ao poder da Assíria como usurpador,

⁹ Não se sabe ao certo a origem de Sargom II. Talvez tenha sido oficial ou um filho de Tiglate-Peliser. Seu nome significa, em acádio, Rei Legítimo.

¹⁰ SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p. 200.

¹¹ *Ibid.*, p. 200-202

usando de forças para chegar ao poder, derramando muito sangue. Ele eliminou seu antecessor Salmaneser V¹² (727-722 a.E.C.) de forma violenta, longe de sua capital¹³.

Logo depois de Sargom II assumir o poder, em diversas partes do império, começaram a estourar levantes dos estados subjugados, buscando livrarem-se das amarras assírias e recuperarem a autonomia¹⁴. Na aliança antiassíria, constituíram-se dois centros de resistência: um na Síria Central e outro na Palestina. Sendo que na Palestina o dinasta filisteu Hanunu, de Gaza, procurou conexão com o Egito e se esforçou em obter a adesão de Judá. Este, porém, permaneceu neutro e o rei Ezequias manteve-se cauteloso, “evitando envolver-se em empreendimentos dirigidos contra a Assíria”¹⁵.

Diante da promessa da ajuda egípcia, o profeta Isaías fez oposição, procurando o rei para que respondesse negativamente aos emissários etíopes e ilustrou simbolicamente a loucura de se confiar no Egito, “caminhando por toda Jerusalém de pés descalços e vestindo somente uma tanga”¹⁶. Judá escapou ileso. A partir de 720 a.E.C, Sargom II começou a colocar ordem na situação reinante no oeste, sul, noroeste, norte e nordeste de seu império, abafando os anseios emancipatórios de vassalos maiores ou menores ou então prestando auxílio a vassalos em apuros¹⁷.

Em 713 a.E.C, o rei de Asdode, na Filistéia, tentou formar uma coalizão antiassíria, suspendendo o pagamento de tributos à Assíria. Neste ato, juntou-se à Filistéia, a Judá, a Moabe, a Edom e ao Egito. Em 711 a.E.C, Sargom II interveio militarmente, deportou a classe alta das localidades filistéias conquistadas, transformando a região numa província assíria. Os demais participantes da coalizão, entre eles Ezequias de Judá, retiraram-se em tempo, escapando novamente ilesos¹⁸.

¹² Segundo DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997. p. 363, Salmaneser V sucedeu Tiglate-Peliser III de forma tranqüila, em 727.

¹³ Ibid., p. 363.

¹⁴ Ibid., p. 364

¹⁵ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997, p. 365.

¹⁶ BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p. 377.

¹⁷ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*, p. 365.

¹⁸ Cf.: METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p. 102; DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997. p. 367.

1.1.2 Ezequias e Senaqueribe

Com a morte de Sargom II (705 a.E.C.) assumiu Senaqueribe (705-691 a.E.C.), de forma legítima e sem dificuldades políticas internas. Mesmo assim, nos primeiros anos, teve que lutar duramente para impor seu domínio e a segurança das fronteiras do império. Este rei tornou famosa a cidade de Nínive como sua grande capital, construiu uma muralha que tinha entre 12 a 15 metros de altura num perímetro de 4 km ao longo do rio Tigre. Foi assassinado por dois de seus filhos¹⁹. Neste período houve constantes revoltas. O Rei Ezequias, de Judá, tornou-se líder de uma coalizão antiassíria dos estados da parte meridional, no corredor “siro-palestinense”. Em comum acordo, os aliados suspenderam, de uma só vez, os pagamentos de tributos ao grande rei, demitindo-se da sua condição de vassalos, contando assim com o apoio e cobertura do etíope Shabaca, do Egito²⁰.

Em 701 a.E.C., Senaqueribe marchou contra os revolucionários do corredor siro-palestinense e, em Elteque, expulsou um exército egípcio que havia vindo em socorro dos aliados. Conquistou 46 cidades muradas e fortificadas do Estado de Judá, entre elas Laquis, a maior e mais reforçada fortaleza, assim como as inúmeras pequenas cidades em suas cercanias e sitiando Jerusalém como um pássaro na gaiola. Ezequias, vendo-se completamente isolado em Jerusalém, solicitou trégua. Senaqueribe levantou o sítio de Jerusalém, exigiu um tributo drasticamente alto, obrigando Ezequias a despojar o templo e os tesouros reais para levantar a quantia, enviando-a a Nínive, juntamente com outros presentes, inclusive algumas de suas filhas como concubinas. Retirou o poder de Ezequias sobre Judá, restando-lhe somente a cidade-Estado de Jerusalém²¹. Este fato pode ser base para centralização do culto no templo de Jerusalém. Ele era o único espaço de autonomia dos israelitas.

Senaqueribe não conseguiu invadir Jerusalém porque Ezequias reforçou as construções das suas fortalezas e construiu o aqueduto de Siloé, conduzindo, de forma segura para a cidade, a água da fonte de Gion, por debaixo da colina de Jerusalém, para um

¹⁹ METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p. 161-162.

²⁰ Cf.: METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.104; DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997, p. 369 a 371.

²¹ Cf.: METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p. 104; BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.383 e 384. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997, p. 384, coloca que, durante o reino de Assurbanipal, foi abolida a ordem territorial criada em 701 e restabelecido o território do Reino de Judá.

reservatório na extremidade inferior da cidade²². Segundo Bright²³, há duas explicações do porque Senaqueribe não conseguiu tomar Jerusalém: a primeira foi “que o exército de Senaqueribe foi atacado por uma epidemia (2Rs 19,35) produzida por uma praga de ratos, talvez a peste bubônica; e a segunda, foi que correu a notícia de que sua presença era necessária na pátria”.

1.1.3 A reforma religiosa de Ezequias

A reforma religiosa do rei Ezequias está dividida em dois momentos: no primeiro, a política de Ezequias não tinha por finalidade somente a independência de Judá, mas também envolvia a reafirmação das pretensões dinásticas representadas pelo sonho de reunir os reinos do Norte e do Sul para formar o grande reino de Israel sob o trono de Davi. Seu projeto era apoiado pelo senso de patriotismo e pelo descontentamento diante dos tributos pagos à Assíria, já que Acáz, seu antecessor, “preferiu pagar imposto aos assírios a lutar contra eles”.²⁴

No segundo momento, o Rei Ezequias pretendia realizar a unificação religiosa, tendo em Jerusalém o santuário nacional de todo Israel. A natureza da teologia nacional oficial dava grande ênfase ao dogma da aliança eterna de Javé com Davi. Constantemente reafirmava-se no culto, que Javé havia escolhido Sião como a sede terrena do seu governo, tendo prometido a Davi uma dinastia que deveria reinar para sempre e triunfar sobre todos os seus inimigos²⁵.

O nacionalismo e o zelo javista convergiam, em larga escala, na política de Ezequias. Ele instituiu uma reforma total do culto, removendo o culto estatal assírio, o qual Acáz havia sido forçado a introduzir no santuário de Jerusalém, abolindo seus deuses. Expurgou outros inconvenientes cultuais que, por muito tempo, foram associados pelo povo ao Javismo²⁶, como nos informa 2Rs 18.4: ... *aboluiu os lugares altos, quebrou as*

²² Segundo BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.382, O túnel foi cavado a partir de ambas as extremidades e uma inscrição foi feita na rocha onde se encontraram as duas turmas de trabalhadores.

²³ Ibid., p. 386.

²⁴ Cf.: BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.379; BALANCIN, Euclides da Cunha. *História do Povo de Deus*. 1980, p. 87.

²⁵ BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.374.[2].

²⁶ Cf.: Ibid., p. 378; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.103.

estelas, cortou o poste sagrado, e reduziu a pedaços a serpente de bronze que Moisés havia feito, pois os israelitas até então ofereciam-lhe incenso; chamavam-na Noestã.

Os lugares altos, estelas (massebas), postes sagrados (aserás) e uma imagem de serpente “são referências à esfera religiosa Cananéia e ao culto cananeizado a Javé”²⁷. Os cultos de Aserá e de Baal eram nativos e não importados da Assíria. Aserá era uma das divindades mais antigas de Judá. Sua menção freqüente em conexão com os lugares altos de Javé indica que a adoração da Aserá era considerada como componente essencial do culto real básico realizado em todos os centros de culto oficiais²⁸.

Além disso, o livro das Crônicas relata que Ezequias promoveu a purificação do Templo, retirando os objetos impuros (2Cr 29,16); realizou uma celebração de expiação pelos pecados (2Cr 29,20-28); restaurou o culto divino (2Cr 29,29-35); convocou uma celebração solene da Páscoa (2Cr 30,1-14); e restaurou o clero (2Cr 31,2-21). A reforma de Ezequias foi grandemente eficaz, sendo a precursora da reforma de Josias²⁹. Depois de sua notável reforma religiosa, ele concentrou suas atenções em um programa de defesa, aconselhando-se com os principais chefes militares de seu governo³⁰.

Depois de Senaqueribe, a Assíria se enfraqueceu. A Babilônia começou a despontar no horizonte para assumir o controle de um grande império.

1.2 O REINADO DE MANASSÉS

Após a morte de Ezequias, Manassés (696-642 a.E.C.)³¹, seu filho ainda criança, o substituiu no poder. Ele assumiu o trono com doze anos de idade, abandonando a resistência ao grande império assírio e declarando-se leal vassalo desta potência.

²⁷ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997, p.379.

²⁸ Cf.: LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*, 2004, p. 301;

²⁹ Cf.: DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997, p.380; SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza: Reino de Judá*.2002, p.30; BRIGHT, JOHN. *História de Israel*, 1985, p.378.

³⁰ SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p.202.

³¹ As datas do seu reinado são divergentes conforme os autores: Donner: 696-642; Metzger:696/95-642/41; SILVA, Airton José da. *O contexto da obra histórica deuteronomista*.2005, p.13: 698-643/2; Finkelstein e Silberman:698-642;Bíblia Jerusalén e SAB 07: 687-642;Bright:687/6– 642.

Manassés, durante o seu reinado, pagou tributos à Assíria, enviou tropas judaístas em expedições imperiais, forneceu materiais e mão de obra para projetos imperiais de construção. Mesmo se sentindo forçado a ser vassalo obediente, os assírios podem ter concedido a situação de vassalo mais favorecido³². O pagamento retribuído por Judá, era muito menor do que aquele com que Amon e Moab, seus vizinhos mais pobres, também vassalos, remuneravam os assírios³³.

Assaradon (680-669 a.E.C.), filho mais jovem de Senaqueribe, que o sucedeu no trono, o incluiu entre os vinte e dois reis que foram solicitados a fornecer materiais para os seus projetos de construção, enquanto que Assurbanipal, sucessor de Assaradon, o aponta como um dos muitos vassalos que o ajudaram em sua campanha contra o Egito³⁴.

1.2.1 A política de Manassés

A política do rei Manassés foi uma ruptura total com a do rei Ezequias, deixando de lado e não dando continuidade às reformas já iniciadas, ocasionando o esquecimento do documento oficial que é o Dt original. Manassés adere à política de Acaz na qual a sobrevivência do reino estava em suas mãos e nas mãos de seus assessores mais próximos. Eles estavam determinados a recuperar Judá. E para que isto ocorresse, fez-se necessário a restauração das áreas rurais devastadas e a obtenção de certa medida de independência econômica, com a ajuda das redes dos anciãos das aldeias e dos clãs. A opção de cooperar com a Assíria, reintegrou Judá em sua economia regional, trazendo grande riqueza para alguns e perturbações sociais e incerteza para muitos³⁵.

Como vassalo, Manassés teve de prestar homenagens aos deuses de seu soberano, e no seu próprio templo ergueu altares para as divindades astrais assírias: o sol, a lua e as estrelas. Como os santuários locais de Javé foram restaurados, os cultos de fertilidade

³² Segundo BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.423, é possível que Assurbanipal se tenha mostrado clemente para com Manassés, permitindo-lhe mesmo reforçar suas fortificações (2Cr 33,14) para ganhar um vassalo perto da fronteira egípcia, pronto e capaz de defender o reino contra uma possível agressão daquele lado.

³³ Cf.: BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.418; BALANCIN, Euclides da Cunha. *História do Povo de Deus*.1980, p. 90; LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.251; FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. p.357.

³⁴ Cf.: BALANCIN, Euclides da Cunha. *História do Povo de Deus*.1980, p.90.

³⁵ FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p.365 a 368.

cananéias – a Baal, aos postes sagrados (Aserás), divindades astrais e as suas práticas, tiveram livre curso, com direito a todo aparato da religião da fertilidade. Os rituais da prostituição sagrada eram tolerados até mesmo dentro do templo. De maneira semelhante a Acaz, também Manassés sacrificou seu filho oferecendo-o ao deus Moloque. O javismo corria o risco de se transformar, sem sentir, em politeísmo aberto,³⁶ por existirem culto a vários deuses e, no momento em que houvesse aceitação dos demais deuses, haveria a dispersão e confusão de ritos, ocasionando infidelidade a Javé.

No mandato de Manassés foi derramado muito sangue inocente. Ele foi levado cativo para a Babilônia, embora posteriormente tenha sido libertado (2Cr 33,10-13).

Embora não contemos com informações cronológicas definidas para datar o tempo exato do cativeiro e da soltura de Manassés, o relato bíblico favorece a última década de seu reinado. Se ele foi capturado em 648 a.E.C e se foi reconduzido a Jerusalém como rei vassalo naquele mesmo ano, então restou-lhe pouquíssimo tempo relativo para desfazer as práticas religiosas fomentadas por tantos anos. Entretanto, arrependeu-se no cativeiro e prestou honra a Deus. Na reforma iniciada em Jerusalém, ele deu exemplo de temor a Deus e ordenou ao povo de Judá que servisse ao Senhor Deus de Israel. É duvidoso que esta reforma tenha sido muito eficaz, porquanto aqueles que tinham servido sob Ezequias, em adoração autêntica, tinham sido previamente removidos ou executados³⁷.

A reforma de Ezequias foi completamente cancelada e a voz da profecia silenciada. Manassés foi extremamente violento, exercendo uma política de opressão pesada em cima do povo (2Rs 21,1-9.16.19-22). Ele menosprezou a santidade e a misericórdia de Javé, com atitudes incompatíveis, como transgressão do direito e injustiça social. Tal repressão explica a ausência de grandes profetas neste período. Qualquer voz que se levantasse contra o rei seria calada com o sacrifício da morte³⁸.

³⁶ BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.420; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.105; SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza*: Reino de Judá. 2002, p.31; LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.252; FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p.357. SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p.205.

³⁷ SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p.206-207.

³⁸ Cf.: SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza*: Reino de Judá. 2002, p.31; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.106.

1.2.2 Os últimos dias do Império Assírio

A Assíria havia se expandido muito, não tendo rivais entre as potências mundiais, mas possuía muitos inimigos dentro e fora de seu território. Dentre eles a Babilônia com Shamasshum-ukim, o Egito com Psamético I, filho de Neco, a Lídia com o rei Giges e os povos indo-arianos que colocaram-se como opositores da Assíria³⁹.

Em 652 Assurbanipal enfrentou uma rebelião encabeçada pela Babilônia e apoiada pela população caldéia, pelos elamitas e vários povos das montanhas que ameaçou desmembrar o império. O descontentamento se espalhou pela Palestina e pela Síria e é possível que Judá estivesse envolvido nesta rebelião. Após uma luta terrível, que abalou as bases do império, Assurbanipal dominou a situação⁴⁰.

Em 627 a.E.C., quando Assurbanipal morreu, o fim do império se aproximou e a gigantesca estrutura da Assíria tremeu em suas bases, vacilando e caindo. Dentro de alguns anos, a Assíria estava lutando por sua sobrevivência contra os medos e os babilônicos. Em menos de vinte anos, a Assíria havia desaparecido dentre as grandes potências mundiais⁴¹.

1.3 O REINADO DE JOSIAS

A decadência da Assíria possibilitou a Judá um breve período de independência. Em 640, Amom (642-640), filho de Manasses, o substituiu no trono, por um período de 2 anos e foi assassinado por um grupo de conspiradores. Para evitar que a conspiração tivesse conseqüências, houve uma intervenção da nobreza de Judá, os filhos da terra, “aparentemente a elite social e econômica de Judá”⁴², que era politicamente forte, com base na zona rural e com intenso apoio popular, eliminaram os servos assassinos e elevaram Josias, filho de Amom, com apenas oito anos de idade, ao trono⁴³.

³⁹ BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.422.

⁴⁰ *Ibid.*, p.423.

⁴¹ *Ibid.*, p. 423 e 424.

⁴² FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p. 369.

⁴³ Cf.: METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.111; BALANCIN, Euclides da Cunha. *História do Povo de Deus*. 1980, p.90; SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza: Reino de Judá*. 2002, p.32.

Quando Josias (640-609) assumiu o trono em Jerusalém, o poder da Assíria já havia diminuído no Ocidente e, em conseqüência, começou a se enfraquecer. Com a morte de Assurbanipal, cerca de uma década depois, o seu segundo filho, Sin-shar-ishkun, assumiu o poder. Neste período, havia um grande número de agrupamentos e partidos em conflito que colaboraram para o rápido e irresistível fim do império mundial. Ao mesmo tempo, do norte e do sudeste, surgiram dois adversários do império assírio que este não conseguiria dominar: os Medos de Planalto Iraniano, que avançavam para o sul e para o oeste sob os reis Fraorte e Quiaxares e a Babilônia aramaizada, cujas forças antiassírias lentamente tornavam-se cada vez mais fortes. O golpe mortal para o império neo-assírio foi quando a coalizão medo-babilônica, após um sítio de três meses, conseguiu conquistar Nínive⁴⁴.

A queda de Nínive causou um grande alívio a todo o Império por causa da libertação do jugo assírio. Judá achou-se uma nação livre, conseguindo proclamar sua independência e, pela primeira vez no século, o jovem rei Josias governou um reino livre do jugo imperial. Ele lançou a mais completa reforma de toda a história do país⁴⁵.

Josias, ao atingir a idade adulta, reagiu à condição de pecaminosidade que havia em seus dias. Aos 16 anos ele já buscava fervorosamente a Deus, ao invés de moldar-se às práticas idólatras. Em quatro anos, sua devoção a Deus se cristalizara a um ponto em que ele deu início à reforma religiosa⁴⁶.

1.3.1 A reforma de Josias

No campo político, Josias aspirava por uma revalidação dos direitos dos descendentes de Davi, sobre o território do antigo Estado de Israel. Marchou para tomar posse das províncias de Samaria, Meguido e Galaad, ampliando assim, as fronteiras do

⁴⁴ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 1997, p.387 a 390; BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p. 426; LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.282.

⁴⁵ Cf.: BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p. 426; LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.282; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.114.

⁴⁶ SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p.210.

extinto reino davídico, um tanto para o norte, oeste e leste. Por algum tempo estendeu o controle até o Mediterrâneo. A sua proposta política era ter um só rei, uma só capital⁴⁷.

A reforma teve início no ano de 628 a.E.C, atingiu seu clímax com a observância da Páscoa, em 622 a.E.C. Visto que nem Reis e nem Crônicas nos munem de uma detalhada ordem cronológica dos acontecimentos, é bem possível que as narrativas sumárias que figuram nesses livros se apliquem a este período inteiro. Por este tempo, era politicamente seguro para Josias renovar quaisquer práticas religiosas que estivessem associadas à vassalagem de Judá à Assíria⁴⁸.

Judá corria o risco de sucumbir ante o perigo do sincretismo. Josias sabia que as exigências éticas da Aliança do Senhor eram a certeza da prosperidade, da justiça, do bem-estar de todo o povo. Ele percebeu a importância da fé em Javé para se manter um governo forte e coeso, sendo que desde Salomão os reis toleraram, permitiram ou promoveram os cultos cananeus. O baalismo colocava em perigo o projeto de sociedade igualitária e ética proposta pelo javismo⁴⁹.

Josias, baseando-se na reforma anterior de Ezequias, reorganizou e reformulou o culto oficial de cima a baixo, por dentro e por fora. Em 627, eliminou os cultos assírios de Jerusalém. Segundo Lowery⁵⁰, nenhum santuário judaíta chegou perto do templo de Jerusalém na promoção das práticas estrangeiras de culto. O templo tinha aquilo tudo. Josias não fechou o templo por ser sincretista. Ele o purificou e transformou Jerusalém em santuário exclusivo e legítimo de Israel.

Em 621, estendeu a purificação por todo o Judá e a descoberta do Livro da Lei, neste mesmo ano, deu incentivo para continuar a reforma que estava em andamento. Durante a restauração do Templo, o Livro foi encontrado pelo sacerdote Helcias que o entregou ao rei. Este, consternado e assustado com a eminente ira de Javé e porque os ordenamentos do livro da lei não tinham sido obedecidos, ordenou que consultasse a Javé. A profetiza Hulda declarou-o autêntico. O livro foi lido publicamente e a assembléia geral

⁴⁷ Cf.: BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.427; SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza: Reino de Judá*.2002, p.32; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.113.

⁴⁸ SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p.210.

⁴⁹ SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza: Reino de Judá*.2002, p.32.

⁵⁰ LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.282 a 387.

do povo com os anciãos de Judá, no recinto do Templo, o aceitou como uma lei nova⁵¹. Josias sentiu-se estimulado a desenvolver a reforma religiosa, política e econômica na fidelidade a essas leis. Ele e seu povo se comprometeram a cumprir as determinações da Lei, chegando a empregar meios de forças estatais para que ela fosse respeitada⁵².

No Livro da Lei, estão contidas leis que procuravam preservar a fidelidade ao projeto de sociedade justa e fraterna, expressão do desejo de Deus com relação à humanidade. No antigo Oriente, costumavam depositar coletâneas de leis geralmente num santuário. Finkelstein e Silberman⁵³, referindo-se ao Livro da Lei descoberto no Templo, ressaltam que “em lugar de ser um velho livro que repentinamente foi descoberto, parece mais seguro concluir que foi escrito no século VII, antes ou durante o reinado de Josias”. A lei deuteronomica, entre Ezequias e Josias, foi reformulada e transformada em programa para a reforma⁵⁴.

1.3.2 As medidas da reforma religiosa

As medidas da reforma religiosa de Josias são claras. Antes de tudo, foi um expurgo radical de cultos e práticas estrangeiros. Vários cultos solares e astrais de origem mesopotâmica foram banidos, como também o foram os cultos pagãos nativos. Josias afastou o culto estatal, destruiu os santuários para as divindades estrangeiras, assassinando os sacerdotes eunucos e prostitutas. A prática da adivinhação e da magia foi suprimida. Os santuários do norte, de modo especial o templo rival de Betel, da Samaria, na medida em que foram tomados o controle, foram profanados e destruídos. Seus sacerdotes foram mortos⁵⁵.

⁵¹ FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. 1983, p. 362.

⁵² Cf. METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.112; LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.283; BALANCIN, Euclides da Cunha. *História do Povo de Deus*. 1980, p.91; CROATTO, J.S. *História da Salvação*. 1968, p. 76, FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. 1983, p.63, SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p.210.

⁵³ FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p. 378.

⁵⁴ Cf.: BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.433; BALANCIN, Euclides da Cunha. *História do Povo de Deus*. 1980, p.91; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.111; FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. 1983, p. 363.

⁵⁵ Cf.: BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.429; METZGER, Martin. *História de Israel*. 1984, p.112; SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza: Reino de Judá*. 2002, p.33; LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.307; SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. 1977, p.211 e 212.

Josias centralizou a adoração pública em Jerusalém, fechando todos os santuários de Javé, em Judá. Os sacerdotes dos lugares altos ou foram destituídos por serem falsos (2Rs23,5) ou foram chamados para Jerusalém (2Rs 23,8), a fim de tomarem lugar entre o clero do templo. Quer tenham sido depostos por Josias, quer tenham-se recusado a servir no santuário central, aqueles sacerdotes de lugar alto estavam desempregados⁵⁶.

A intenção de Josias ao centralizar o culto, era de restabelecer a autoridade monárquica, de consolidar o poder e, especialmente de reabastecer os cofres reais. Desta forma, ele restringiu a autoridade econômica e política dos levitas na região rural⁵⁷.

Os levitas rurais, conforme W.E.Claburn, eram uma classe abastada de burocratas locais do culto, a quem os camponeses pagavam tributos. Os levitas retinham mais do dinheiro do imposto do que a monarquia poderia permitir, tornando-se independentes da corte de Jerusalém e construindo uma base política cada vez mais forte para si mesmos em nível local⁵⁸.

1.3.3 O fim do Império de Judá

Por vários anos, Josias lutou pelo fortalecimento de Judá e pela libertação do seu povo. Motivado pela rebelião política contra a Assíria⁵⁹ e com o desejo de reconstruir o antigo reino davidico-salomônico⁶⁰, Josias visou romper a hegemonia cultural do império, criando uma nova consciência nacionalista entre judaítas momentaneamente livres da dominação imperial⁶¹.

O seu fim aconteceu quando a Babilônia começou a despontar no horizonte de Judá. Com o império assírio cada vez mais decadente, os egípcios pretendiam retomar o domínio sobre a Síria e a Palestina, utilizando-se de Judá e de outros pequenos povos como

⁵⁶ Cf.: LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.306; BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.430; FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. 1983, p.364.

⁵⁷ LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.289.

⁵⁸ Ibid., p. 288, apud. Claburn, W.E., "The Fiscal Basic of Josiah's Reforms". JBL 92,1973, p. 11-22.

⁵⁹ LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. 2004, p.284.

⁶⁰ Ibid., p. 287.

⁶¹ Ibid., p. 318.

escudo contra os babilônicos. Diante do ataque dos babilônicos, o faraó Neco partiu em socorro da Assíria. Josias, querendo impedir a passagem de Neco pelo estreito de Meguido, acabou sendo morto na batalha, em 609 a.E.C⁶². Sua morte pôs fim a todos os seus projetos. Seus sucessores não deram continuidade à reforma religiosa. Em 586 a.E.C., Judá passou a ser dominada pelos babilônicos. Jerusalém e o templo foram destruídos e uma considerável parte da população foi deportada. Na leitura deuteronomista, Israel passou a ser culpada pela catástrofe por haver desrespeitado a reivindicação de exclusividade de Javé sobre o seu povo e por não viver de acordo com a ordem social adotada na aliança⁶³.

Ao relatarmos a história dos reis de Judá, no século VIII e VII e suas ações para continuarem a exercer seus reinados, percebemos situações de violência entre as nações. Os reis Ezequias e Josias buscaram a unidade de Israel em Javé, através das reformas baseadas no Livro da Lei, visando unificar o reino para mantê-lo forte e coeso. Com o enfraquecimento da Assíria e a queda de Nínive, Israel libertou-se do pagamento de tributos e tornou-se uma nação livre, vivendo um período de paz. Israel percebeu que a sua vocação era servir a Javé, o Deus libertador.

Além desta unidade em reforçar os valores do projeto libertador de Javé, os reis buscaram caminhos de prosperidade, justiça e bem-estar do povo, centralizando a fé num Deus amoroso que não abandona o seu povo. Com as medidas tomadas na reforma, Israel vivenciou períodos de paz em que o *Shemá*, neste contexto histórico, tornou-se pertinente, ou seja, passou a ser a oração de resposta de fidelidade a Javé pelas bênçãos recebidas, inclusive pela paz. Por isto, ao recitar esta exortação, Israel sentia confiança e segurança como forma de fortalecer a fé e vivenciar os valores como a fraternidade e solidariedade. Os reis Ezequias e Josias basearam suas reformas na fé e nos valores propostos por Javé, onde reinavam com prosperidade. Mas, devido à fragilidade humana, estas situações de escravidão, violência, injustiça e opressão que os reinos sofreram, voltaram a ser percebidas na contemporaneidade, a qual apresentaremos no quarto capítulo, juntamente com sinais que apontam um caminho para a formação da cultura de paz.

⁶² SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza*: Reino de Judá. 2002, p.34.

⁶³ BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuterônimo*. 2003, p.106.

2 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS AO DEUTERONÔMIO

No capítulo anterior, foi apresentada a reforma do rei Ezequias que incluía uma revalorização das tradições religiosas e sapienciais, espalhados no Reino do Sul e no Reino do Norte. A reforma aconteceu com a centralização do culto em Jerusalém. Já no mandato do rei Josias, a reforma reforçou e deu continuidade à obra inacabada de Ezequias que propiciou uma tentativa de restabelecer a unidade dos reinos de Israel e Judá. O rei Josias prosseguiu com a centralização política e religiosa⁶⁴. Foi um tempo marcado por conflitos e situações tanto de violência como de paz, mas com o reconhecimento da importância da fé em Javé e das exigências éticas da aliança. Foi marcado também pela reforma material e pela atividade renovada dos sacerdotes, profetas e sábios.

A seguir, apresentaremos as questões introdutórias do livro do Dt, bem como a sua importância, estilo, gênero literário e estruturação. Faremos, também, um estudo sobre o seu contexto, autoria e as intenções teológicas que caracterizam este livro tão importante do Antigo Testamento.

2.1 ALIANÇA COM JAVÉ

Na Bíblia, o livro do Dt constitui a parte final do Pentateuco. Este não é composição única e sem costuras, mas uma colcha de retalhos de fontes variadas, cada uma escrita sob diferentes circunstâncias históricas, para expressar diferentes pontos de vista, religioso ou político⁶⁵. Segundo Watts⁶⁶, o Dt pode ser lido a partir de três maneiras diferentes: 1) A parte final do Pentateuco; 2) O começo da história de Israel; e 3) Como um livro pactual.

⁶⁴ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuterônomo*. 1992, p. 28-29.

⁶⁵ FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p.27.

⁶⁶ WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p.209.

- 1) Parte final do Pentateuco: Para os Judeus do 4^o século a.E.C, o Dt era o último livro da Torá e a parte mais significativa de suas bíblias. Ele marca a conclusão da obra de Moisés como legislador e feitor da aliança. Deste ponto de vista, o livro apresenta uma reafirmação da aliança e da lei, de forma que Israel podia obedecer e cumprir, à medida que entrava em Canaã.
- 2) O começo da História de Israel: É olharmos o Dt como constituinte da primeira parte da história de Israel, com os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis. Neste ponto de vista, o livro fornece as perspectivas teológicas básicas, a partir das quais a história inteira há de ser interpretada. As características de suas afirmações são repetidas muitas vezes nos livros que o seguem.
- 3) Como livro pactual⁶⁷: O Dt possui uma relevância, uma qualidade dinâmica, e envolve uma urgência diferente dos dois pontos de vista acima. Ele é, originalmente, um livro da aliança, um convite à aliança ou um reavivamento do pacto, pois “desenvolve o tema da aliança de Deus com Israel”⁶⁸.

Na leitura do Dt como livro pactual, percebemos que ele contém uma recapitulação da história de Israel⁶⁹ e é descrito como documento da aliança, do exemplo de pregação levítica, contendo projetos para renovação religiosa e resposta ao choque cultural da dominação estrangeira. Ele é descrito ainda como tentativa de humanizar antigas leis, chamado à pureza cultural e à base para a centralização do culto⁷⁰, e se encontra entre a libertação da escravidão do Egito e a posse da terra prometida⁷¹.

A complexidade dos temas supõe uma época diferente do tempo a que o texto se refere. Esta obra interferiu profundamente na vida do povo, marcando, em grande parte, o

⁶⁷ As renovações pactuais são encontradas na Bíblia em: Ne 8,9 (de Esdras); 2Cr 29,10 (do Rei Ezequias); 2Rs 23 (de Rei Josias); I Sm 10,25 (início da Monarquia); e 1Sm 11,15 (Josué).

⁶⁸ LA SOR, William S. et alii. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1999, 123.

⁶⁹ ELLIS, F. Peter. *Os homens e a mensagem do Antigo Testamento*. 1991, p.52.

⁷⁰ HOPPE, Leslie J. *Deuteronomio*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuteronomio*. 1999, p. 187.

⁷¹ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronomio, uma lei pregada*. 1992, p. 11; STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronomio*. 1992, p.9.

AT⁷². Inspirando-se em menor ou maior medida no Dt, surgiu a Obra Histórica Deuteronomista e a redação do Deuteronomio⁷³.

No Dt, o povo entra em aliança com Deus vivo e libertador. Ele mostra ao povo que é preciso aprender a viver a liberdade e a construir relações econômicas, políticas e sociais justas, a fim de construir uma sociedade nova, centrada na liberdade e na vida, dentro da Terra Prometida⁷⁴. O objetivo dos escritores era fazer a tradição antiga falar novamente, em uma época de grande crise para Israel, a fim de ajudá-lo a superá-la. Israel é chamado a amar Javé e a obedecer as suas leis como garantia de seu futuro e como a última esperança: obedecer e viver ou desobedecer e morrer (Dt 30,15-20)⁷⁵.

A partir deste enfoque, no quarto capítulo, exploraremos a realidade contemporânea que se encontra em crise, semelhante aos conflitos de Israel no mundo bíblico. Tanto em Israel como em nossa realidade, a superação dos problemas está em ouvir e amar a Javé, envolvendo ações de solidariedade e igualdade, contribuindo para a paz. A exegese do texto nos fornecerá elementos para entendermos melhor esta relação.

2.2 IMPORTÂNCIA DO LIVRO DO DEUTERONÔMIO

O Dt é, com certeza, um dos livros mais importantes e influentes das Escrituras hebraicas. Segundo Leslie J. Hoppe⁷⁶, ele proporcionou as perspectivas teológicas que influenciaram os Profetas anteriores (Josué, Juízes, Samuel e Reis), agora em geral conhecidos como a História Deuteronomista de Israel. Influenciou a forma final de vários livros proféticos, principalmente Oséias e Jeremias. Exerceu influência indireta na História de Israel pelo Cronista (Crônica, Esdras e Neemias). O Rolo do Templo da comunidade de Qumran era essencialmente uma reinterpretação essencial do Deuteronomio.

Storniolo⁷⁷ ressalta que o Dt é um dos livros mais citados pelo NT, quase duzentas vezes⁷⁸, ao lado de Isaías e dos salmos, além de influenciar a eclesiologia de

⁷² STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronomio*. 1992, p.23.

⁷³ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 129.

⁷⁴ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronomio*. 1992, p. 9.

⁷⁵ HOPPE, Leslie J. *Deuteronomio*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuteronomio*. 1999, p. 187.

⁷⁶ *Ibid*, p. 187.

⁷⁷ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronomio*. 1992, p.7.

Paulo e a moral evangélica, caracterizando-se como coluna básica do AT e do NT. Suas páginas preservaram tradições já antigas na época de sua criação. Com isto, seu propósito era proporcionar a Israel orientação para seu futuro em uma época em que este porvir era muito duvidoso⁷⁹. Além disto, encontramos nele o *Shemá* recitado ainda hoje, diariamente pelos judeus e que será estudado no próximo capítulo. O Dt é, formalmente, um discurso de adeus que Moisés, o protagonista humano do Êxodo, dirige a Israel às portas de Canaã. O livro compreende um relato da marcha de Israel no deserto e um corpo de leis⁸⁰.

Na narrativa do Dt, encontramos cinco pontos importantes que se entrelaçam: um Deus, um povo, uma terra, um santuário e uma lei. Estes pontos formam um programa para a reforma de Josias⁸¹ e estabelecem a unidade do povo de Israel e a centralidade do lugar de seu culto nacional⁸².

Lemos no Dt que Israel é o povo que Deus elege (Dt 7,6), o faz sair do Egito e guia-o pelo deserto (Dt 8,14-16), o faz passar o Jordão para tomar posse da terra prometida, após ter expulsado os seus habitantes (Dt 9,1-3). Segundo Storniolo⁸³, o Dt está colocado entre os acontecimentos importantes da história do povo de Israel: de um lado, a libertação da escravidão do Egito, a aliança com Javé e a marcha pelo deserto (Ex, Nm, Lv); de outro, a posse de Canaã, a terra prometida.

A partir disto, o Dt é considerado um aprendizado, uma pedagogia da liberdade e da justiça, a fim de construir uma sociedade em aliança fiel com o Deus que liberta e dá vida para todos⁸⁴. Serviu de programa à reforma de Josias, no ano de 622 a.E.C. Conforme 2 Cr 34-35 e 2 Rs 22-23, Josias, no 8º ano de seu reinado, começou a procurar o Deus de Davi, seu pai e, no 12º ano, começou as reformas. No 18º ano, a descoberta do livro no templo, teria vindo confirmar e reforçar a reforma já em andamento deixada por Ezequias.

⁷⁸ Segundo HOPPE, Leslie J. *Deuteronomio*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuteronomio*. 1999, p. 187. “O Novo Testamento cita ou alude a textos deuteronomícos quase duzentas vezes”.

⁷⁹ HOPPE, Leslie J. *Deuteronomio*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuteronomio*. 1999, p. 187.

⁸⁰ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronomio, uma lei pregada*. 1992, p. 13.

⁸¹ *Ibid.*, p. 9.

⁸² FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p.380.

⁸³ STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronomio*. 1992, p.9.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 9.

O reinado de Josias foi como uma virada no processo de formação do Dt. Segundo Lopez⁸⁵, são distinguidas pelo menos duas fases. A primeira, anterior a Josias que compreendia fundamentalmente uma coleção de leis, com sua respectiva introdução e conclusão. A segunda, posterior a Josias, que integrou ao Dt uma obra mais vasta, sendo primeiro como começo da Obra Histórica Deuteronomista e, em seguida, como ponto final do Pentateuco.

Podemos destacar que a importância do livro do Dt está em manifestar uma pedagogia de liberdade e justiça, formando um programa que serve de base para a reforma de Josias, estabelecendo, assim, a unidade do povo em torno do *Shemá*, o qual, agora, será proposto como caminho para a paz, na contemporaneidade.

2.3 ESTILO DO DEUTERONÔMIO

O Dt apresenta um estilo diferente de qualquer outro livro do AT. Lembra o estilo feroso e direto de Jeremias e que tem melhor sabor, quando é ouvido do que quando é lido individualmente. Nele se encontra uma oratória fluente e solene, servindo aos propósitos do autor que busca atingir, comover, convencer e influenciar os ouvintes não só pelo intelecto, mas também pelo sentimento e pelo entusiasmo. Segundo Storniolo⁸⁶, no Dt encontram-se frases longas e envolventes, ampliações do pensamento, estilo direto, repetições freqüentes de idéias e princípios, para reforçar a lei estabelecida, garantindo a observância dos ensinamentos de Javé.

O Dt é tido como uma obra cheia de vida e de força persuasiva, dentro de um gênero que seria monótono por se tratar de leis. Neste livro encontramos três elementos: leis, narrativas e exortações. Segundo Storniolo⁸⁷ “as leis são apresentadas de modo caloroso, apelando ao bom-senso e aos sentimentos”. As narrativas falam de um passado, mas dirigem-se ao presente, visando a formação de uma consciência histórica que constrói o futuro. As exortações se dirigem à liberdade e pedem uma decisão, uma opção clara pelo projeto libertador de Javé que garante vida a todos.

⁸⁵ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronomio*, uma lei pregada. 1992, p. 9.

⁸⁶ STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronomio*. 1992, p.12.

⁸⁷ Ibid., p. 12..

Na redação do Dt, encontramos variações entre o plural e o singular, sendo que seções na segunda pessoa do singular (seções-tu) se alternam com outras na segunda pessoa do plural (seções-vós). Há também breves linhas com o verso na 1ª pessoa do plural (seções-nós). Segundo Lopez⁸⁸, as seções vós, em sua grande maioria, contêm narrações históricas, enquanto as seções-tu são parenéticas. O código legislativo está redigido no singular. Portanto, as seções parenéticas e legislativas no singular correspondem ao Dt primitivo e as seções históricas e outras passagens no plural foram acrescentadas posteriormente. Segundo Braulik⁸⁹, estas alternâncias de variações poderiam destacar retoricamente pontos altos temáticos ou assinalar subdivisões.

O Dt usa recursos literários e formas artísticas de seu tempo ao relatar fatos que provavelmente não teriam interessado e nem envolvido Moisés, no século XIII⁹⁰. Segundo Peter F. Ellis⁹¹ um destes recursos literários, muito comum antigamente, era atribuir às pessoas palavras que nunca pronunciaram, mas que podiam muito bem ter proferido se fosse o caso. A prova mais clara do uso desse recurso literário em alguns livros é exatamente a semelhança de estilo nas expressões atribuídas a pessoas diferentes.

2.4 GÊNERO LITERÁRIO DO DEUTERONÔMIO

O gênero literário ou chave de comunicação do livro é bastante complexo e resulta de uma confluência da instituição do tempo do reino dividido. Encontramos o eco das personagens centrais com suas funções e literaturas próprias: sacerdote, profeta e sábio.

- **Sacerdote:** com a lei ou instrução, indicando diretivas práticas em questões difíceis e conflitivas. O Dt é diretiva prática, é lei (Dt 17,8-13);
- **Profeta:** com sua oratória fluente e emotiva, atinge os ouvintes com a leitura dos acontecimentos e tenta convencê-los a uma mudança radical. Desta forma, o Dt é uma lei proclamada, um anúncio profético que provoca conversão (Dt 11,26-28; 30,15-20);

⁸⁸ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio*, uma lei pregada. 1992, p. 20.

⁸⁹ BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuteronômio*. 2003, p.101.

⁹⁰ Segundo ELLIS, F. Peter. *Os homens e a mensagem do Antigo Testamento*. 1991, p.101, os fatos como: referência ao exílio e a volta; descrição de uma cerimônia da aliança em Siquém; leis que supõem um contexto sociológico inexistente muito depois da morte de Moisés; tratado sobre a monarquia de Israel.

⁹¹ *Ibid.*, p. 101.

- **Sábio:** conselheiro perspicaz, faz ver a realidade para educar o discernimento que leva o homem à realização da vida, atingindo prosperidade e felicidade. Desta forma, a lei do Dt é conselho de sabedoria que leva o povo à vida (Dt 4,6-8).

Percebemos que o Dt reúne três chaves fundamentais do AT: a lei ou instrução (sacerdotes), apresentada como palavra de conversão (profetas) e como conselho que leva à vida (sábios). Tudo isto se mescla num outro grande gênero: o da história, que relata o passado para ensinar a decidir o futuro, no presente⁹².

2.5 COMO É APRESENTADO O DEUTERONÔMIO

O Dt está estruturado a partir da ação de Moisés que revelou aos israelitas, diante da Terra Prometida, os termos completos das leis a que eles deveriam obedecer, se verdadeiramente quisessem herdar Canaã. Moisés, consciente de que estava impedido de entrar na nova terra, reúne o povo e exorta-o para a fidelidade com Javé, pronunciando três longos discursos ao povo de Israel⁹³. A estrutura do Dt pode ser assim apresentada: Em 1,4-5 está a introdução com a indicação de tempo e lugar. Em seguida, vem o primeiro discurso em que Moisés faz a retrospectiva da migração de 40 anos do Horebe (=Sinai) até Moabe; retomam-se as tradições de Êxodo e Números⁹⁴, lembrando o passado e indicando as possibilidades e perigos do futuro⁹⁵, com a seguinte subdivisão: sumário histórico da palavra de Javé (1,6-3,29), obrigações de Israel para com Javé (4,1-40) e nota sobre cidades de refúgio (4,41-43). O segundo discurso contempla as leis de Javé (4,44-26,19), sendo que 4,44-49 “servem como cabeçalho da segunda parte e não como resumo da primeira”⁹⁶ e foi proferido *no outro lado do Jordão, no vale próximo a Bet-Fegor, na terra de Seon, rei dos amorreus* (Dt 4,46). Dt 4,2; 13,1 expõe a “assim chamada fórmula canônica: não acrescentar nem omitir nada”⁹⁷.

⁹² STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. 1992, p.12-13.

⁹³ LA SOR, William S. et alii. *Introdução ao Antigo Testamento*.1999, p. 121.

⁹⁴ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*.1994, p. 120.

⁹⁵ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. 1992, p.9.

⁹⁶ LA SOR, William S. et alii. *Introdução ao Antigo Testamento*.1999, 121.

⁹⁷ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*.1994, p. 120.

Segundo Schmidt⁹⁸ a parte central do Dt é o núcleo de leis que corresponde a Dt 12-26. Caso o Dt original tenha sido escrito no estilo de discurso de Javé, também se pode presumir que, quando a lei do Dt foi introduzida nessa descrição histórica como discurso de Moisés, ela também foi descrita numa dimensão histórica posterior⁹⁹. Este segundo código de leis¹⁰⁰ detalhava os perigos mortais da idolatria, estabelecia o calendário dos grandes festejos religiosos, listava amplo conjunto de legislação social e ordenava que, uma vez que a terra tivesse sido conquistada, somente o Deus de Israel deveria ser venerado num único santuário, o *lugar que Iahweh teu Deus houver escolhido* (Dt 26,2)¹⁰¹. Ao redor do núcleo agregam-se duas molduras de discursos: uma interior, correspondente aos capítulos (5,1-11,32; 27,1-28,68) e outra exterior, correspondente aos capítulos Dt 1,1-4,49; 29,1-30,20.

Dt 5,1-11,32, é o segundo discurso introdutório sobre a natureza do mandamento. Moisés dá instruções para a vida na terra. Ele está assim subdividido: Em Dt 5,1-21 é apresentado o Decálogo, e outra versão está em Ex 20,2-17, que traz a fundamentação social do mandamento do sábado, anteposto às falas de Moisés, como palavra de Deus que está em Dt 5,22-33; Dt 6,4-9 traz o *Shemá*: Ouve, ó Israel e suas “inesgotáveis possibilidades interpretativas”¹⁰², compondo o grande mandamento (6,1-25); 6,20-25 contém a catequese, com instrução das crianças: é a perseverança na proclamação e confissão de geração em geração; de 7,16 a 9,1ss e outras são apresentadas as exortações à guerra; Por fim, o Dt 8 apresenta a boa terra, sendo que 8,15 e 9,4-6 expõem a posse da terra sem merecimento¹⁰³.

Dt 12,1-26,19 patenteia as leis complementares aos princípios normativos de Dt 5 que estão assim identificados: 12,1-16,17 são os mandamentos referentes à unicidade e pureza do culto. Contêm a exigência de centralização(12); sedução para adorar deuses estranhos (13); mandamentos referentes aos alimentos (14); remissão de dívidas (15); calendários festivos, sobretudo Páscoa (16). Dt 16,18–18,22 apresenta disposições referentes a autoridades: juízes (16,18-17,13), reis (17,14-20), sacerdotes (18,1-8), profetas (18,9-22). De Dt 19 a 25 são mostrados os mandamentos de conteúdo variado, miscelânea

⁹⁸ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 120.

⁹⁹ BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuteronômio*. 2003, p.102.

¹⁰⁰ O 1º Código de Leis está expresso em Ex 20,24.

¹⁰¹ FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2004, p.80.

¹⁰² SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. 2004, p. 127.

¹⁰³ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 120.

de leis, sobretudo concernentes à conduta social: Direito e asilo (19); leis referentes à guerra (20); leis referentes ao matrimônio, entre outras (21 e 24); leis sobre pertença à comunidade (23,1-8)¹⁰⁴.

Dt 27,1-28,68 apresenta a cerimônia a ser instituída em Siquém e as conseqüências da observância à Lei Deuteronomica: maldições pela desobediência (27); bênçãos pela obediência (28,1-14) e novamente maldições pelas desobediências (28, 15-68). Dt 29,1-30,20 está o terceiro discurso de Moisés, trazendo em seu interior o segundo bloco de discursos de despedida e a aliança com Javé: Aliança de Horebe e de Moabe (28,69); propósito da revelação de Javé (29,1-29); proximidade da Palavra de Deus (30,1014); e escolha colocada diante de Israel (30,15-20). De 31,1-34,12 expõe a conclusão do Pentateuco e apêndices: Palavras finais de Moisés (31,1-32,47); leitura da lei a cada sete anos (31,9-13); Cântico de Moisés (32); Bênção de Moisés constituída por um hino (33, 2-5. 26-29) e ditos tribais (33,6-25); morte de Moisés (34)¹⁰⁵.

O livro do Dt se apresenta como resultado de longo processo de formação e amadurecimento. Fiéis às tradições fundamentais do povo de Deus, os autores souberam, todavia, adaptá-las e renová-las sem cessar, a fim de darem uma resposta mais apropriada às exigências de um mundo em mudança¹⁰⁶.

2.6 CONTEXTO EM QUE SURTIU O DEUTERONÔMIO

O Dt trata de temas complexos. Martin Noth¹⁰⁷, em 1943, propôs que a Obra Histórica Deuteronomista teria sido redigida por um só autor, possivelmente na Palestina do século VI a.E.C., com o objetivo de explicar o fim do reino de Judá e o exílio babilônico.

Alguns anos depois, surgiram duas correntes:

¹⁰⁴ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 121.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 121.

¹⁰⁶ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronomio, uma lei pregada*. 1992, p. 86.

¹⁰⁷ O livro de M. Noth chama-se *Überlieferungsgeschichtliche Studien* [Estudos de história das tradições]. Cf. DE PURY, A.; RÔMER, T.; MACCHI, J.-D. (éds.) *Israël construit son histoire: l'historiographie deutéronomiste à la lumière des recherches récentes*. Genève: Labor et Fides, 1996, p. 18-39.

a) A primeira corrente, baseia-se num artigo escrito em 1968 e reeditado em 1973, em que Frank Moore Cross¹⁰⁸, propõe duas edições da OHDtr: a primeira edição, elaborada na época de Josias (640-609 a.E.C.), é um escrito otimista que dá suporte e celebra a reforma político-religiosa deste rei de Jerusalém; a segunda edição, escrita durante o exílio, é marcada pela experiência da catástrofe de 586 a.E.C. e transforma o anterior escrito de propaganda em explicação teológica das causas da desgraça que atingiu Jerusalém e Judá.

b) A segunda corrente foi defendida por Rudolf Smend¹⁰⁹, feita em 1971 e retomada em 1978. Ele propõe três redações para a OHDtr, todas escritas no tempo do exílio. O objetivo da OHDtr seria o de explicar a catástrofe do exílio.

Os estudiosos supõem que os destinatários, aos quais o texto se refere, não viveram no século XIII a.E.C. (1.230), mas talvez no séc. VIII a.E.C.¹¹⁰, (a partir de 750). Admite-se, entretanto, que o conteúdo básico do livro dificilmente surgiu antes do aparecimento dos primeiros profetas literários por volta de 750 a.E.C. Mas, possivelmente ainda pouco antes da destruição do Reino do Norte, em 722 a.E.C.¹¹¹.

As variações de estilo, as quebras de seqüência e as pequenas unidades auto-suficientes deixam transparecer que o livro se formou aos poucos, num período de 350 anos, de 750 a.E.C. a 400 a.E.C.¹¹². Durante este longo período, Israel passou por grandes agitações nacionais e internacionais, por problemas econômicos, políticos, sociais e religiosos¹¹³.

A lei descoberta no tempo de Josias não coincide com a forma contemporânea do Dt. A pergunta que se tem é: Que parte abrangia o Dt original encontrado no templo, o assim chamado “documento do templo”, e como se desenvolveu até alcançar a sua

¹⁰⁸ O artigo de CROSS, F. M. The Themes of the Book of Kings and the Structure of the Deuteronomistic History pode ser lido em seu livro *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1973, p. 274-289 (Reprint Edition: 1997).

¹⁰⁹ Cf. SMEND, R. *Die Entstehung des Alten Testaments*. Stuttgart: Kohlhammer, 1978 [1990].

¹¹⁰ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuterônômio*. 1992, p.23; GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuterônômio, uma lei pregada*. 1992, p. 12.

¹¹¹ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 122; SILVA, Airton José. *O contexto da obra histórica deuteronomista*, 2005. p. 18.

¹¹² STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuterônômio*. 1992, p.23.

¹¹³ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 122.

configuração final atual¹¹⁴? Originalmente iniciava com o capítulo 4 (v. 45) ou 6 (v. 4) e finalizava no capítulo 28? Ou o complexo mais antigo compreendia apenas o núcleo legal Dt 12-26, que gradualmente foi enriquecido? De qualquer forma, tal divisão continua sendo tosca demais¹¹⁵.

Segundo Schmidt¹¹⁶, é provável que o crescimento do Dt tenha se dado de dentro para fora, num processo que compreendeu três estágios principais:

a) A primeira versão do Dt, o Deuterônomo original, compreenderia os capítulos 12,1-26,15¹¹⁷ – um código de leis – assim chamado Protodeuterônomo. Esta coleção antiga se constitui de corpo de leis menores e complementações explicativas. A intenção principal desta camada é a centralização do culto.

b) Uma redação deuteronomica retrabalha as leis e acrescenta essencialmente a moldura interna de falas introdutórias, os atuais capítulos 4,44-11,32, e uma conclusão, os capítulos 26,16-28,68.

c) A redação pós-deuteronomica, ou seja, deuteronomística, que pressupõe o exílio (587 a.E.C), acrescenta complementações adicionais no corpo de leis, não provindas do mesmo punho, podendo ser diferenciadas entre camadas deuteronomísticas mais antigas e mais recentes.

Com estes três estágios, parece que o Dt já teve uma história preliminar antes de ser descoberto e de exercer influência na época de Josias. Fica evidente, segundo Schmidt, que o Dt não surgiu a partir de diversas fontes escritas, mas de sucessivas complementações¹¹⁸. Ele foi o resultado de uma reinterpretação consciente de antigas tradições legais, a fim de dar a Israel esperança para o futuro¹¹⁹. Em sua redação, o Dt

¹¹⁴ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p.123.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 123.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 125.

¹¹⁷ SILVA, Airton José. *O contexto da obra histórica deuteronomista*, 2005. p. 19.

¹¹⁸ KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação do Deuterônomo: Programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*. 1999. Tese (Doutorado em Teologia Bíblica - Antigo Testamento), p 163, cita que os autores como Georg Braulik e Norbert Lohfink, chamam esta teoria de “Modelo de Blocos” – ‘Blockmodell’ – pois o Dt foi formado a partir da junção de diversos blocos literários.

¹¹⁹ HOPPE, Leslie J. *Deuterônomo*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuterônomo*. 1999, p. 188.

recorreu a textos já existentes do Pentateuco e dos livros históricos, concedendo-lhes, neste processo, suas próprias ênfases e interpretações provindas da boca de Moisés¹²⁰. Este processo de formação é compreensível se concebermos o livro não como obra de um único autor, mas de uma escola. A atuação dela começa já na época pré-exílica e adentra bastante a era exílica e pós-exílica.

Os ensinamentos do Dt estão em torno de Deus e do povo de Israel, situados numa vasta rede de relações. Ele mostra o povo de Deus solidamente implantado na Terra Prometida e observando a Lei do Senhor. A viva consciência que Israel tinha de ser o povo eleito e amado por Deus o impeliu, no mais profundo do seu ser, a se conduzir lealmente com o Senhor, a evitar tudo o que pudesse afastá-lo de seu amor¹²¹. Como resultado da auto-suficiência e individualismo gerado pelo distanciamento dos valores ressaltados pelo *Shemá*, leva Israel a não efetivar uma cultura de paz, e sim momentos e situações de paz.

2.7 AUTORIA DO DEUTERONÔMIO

Ainda hoje, a compreensão referente à autoria do Dt, não foi respondida satisfatoriamente¹²². Com o avanço dos estudos e descobertas, surgiram dúvidas crescentes. Inicialmente a autoria do Dt era atribuída diretamente a Moisés¹²³, por refletir as circunstâncias da época da monarquia. Depois, elaborou-se gradativamente a teoria das fontes, afirmando que o Dt original está correlacionado com a reforma do culto realizado por Josias, no ano de 621 a.E.C.¹²⁴, pois as exigências do Dt coincidem com as inovações de Josias¹²⁵. Mas, segundo Silva¹²⁶, o Dt original foi composto na época de Josias, guardado no Templo e, em seguida, utilizado como documento de propaganda para a reforma deste rei.

¹²⁰ BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuterônômio*. 2003, p.100.

¹²¹ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuterônômio, uma lei pregada*. 1992, p. 86.

¹²² SILVA, Airton José. *O contexto da obra histórica deuteronomista*, 2005. p. 11.

¹²³ Conforme GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuterônômio, uma lei pregada*. 1992, p.10, o primeiro teólogo judeu do I Século, Filón de Alexandria e o historiador judeu, Flávio Josefo, também do I Séc., afirmam expressamente esta idéia. A Igreja herdou e a conservou por muitos anos.

¹²⁴ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 121.

¹²⁵ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 121-122 cita que as inovações do Rei Josias são referente à centralização do culto, a festa da Páscoa e a proscrição da adoração dos astros, da prostituição sacra, das massebas e aserás, do sacrifício de crianças, da adivinhação, da necromancia e outras práticas típicas de religiões estranhas.

¹²⁶ SILVA, Airton José. *O contexto da obra histórica deuteronomista*, 2005. p.18.

Segundo Storniolo¹²⁷, na raiz do Dt se encontram as antigas alianças, sendo quatro as principais: a do Horebe-Sinai (5,6-20); a de Moabe, só noticiada no Dt (1,5; 4,44-46; 28,69; 31,9-13); a de Siquém (Js 24, provavelmente em relação com Dt 27), e da Guilgal (1Sm 12). O Dt não distingue muito as alianças a fim de mostrar a sua continuidade. Porém, a fundamental é a de Horebe-Sinai¹²⁸.

A tradição que deu origem ao Dt se localiza provavelmente nas festas de renovação da aliança (31,9-13), celebradas nos santuários. A estrutura destas festas produziu uma pregação típica, fundamentada no texto das alianças, e que se indicava como uma espécie de catequese que adaptava e aplicava o texto da aliança às novas situações vividas pelo povo. Esta tarefa estava ao encargo dos Levitas que constituíam a tradição oral¹²⁹.

O próprio Dt informa (18,6-8) que ao lado do levita que exerce uma atividade cultural no santuário, havia a figura do levita itinerante, sem ofício litúrgico estável e, por isso, desprovido economicamente. Estes levitas itinerantes se destacavam como pregadores-catequistas com a missão de ensinar a Lei (31,9-16) explicando-a, aprofundando-a e aplicando-a às situações concretas do povo¹³⁰. Esta pregação indica que o Dt não tem um interesse litúrgico e celebrativo e sim uma preocupação social e exortativa, comprovando a influência destes levitas quanto à justiça, à igualdade e à paz¹³¹.

Destarte, segundo Storniolo, o Dt é o resultado do esforço pastoral dos levitas itinerantes, que procuravam tornar concreta, na vida prática, a aliança sempre renovada nos santuários, por ocasião das festas. Os levitas estavam intimamente ligados à religião de Javé e o tinham como o único Deus de Israel. A importância deles está no fato de que Moisés e Aarão eram Levitas. A sua ideologia era mentora da libertação e da criação de uma sociedade igualitária. Eles criticavam as instituições e as relações sociais corrompidas, e anunciavam o caminho para a conversão a fim de haver fidelidade à aliança. Os critérios para as críticas eram os textos da aliança guardados no santuário. Eles se tornaram os legítimos continuadores da palavra de Moisés e, por isto, atribuíam a própria pregação a

¹²⁷ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. 1992, p.24.

¹²⁸ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. 1992, p. 20.

¹²⁹ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. 1992, p. 24.

¹³⁰ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 127.

¹³¹ STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. 1992, p.25.

Moisés, o que lhes dava autoridade para a crítica e o anúncio que faziam ao povo do seu tempo. A atuação dos levitas como sacerdotes itinerantes, residindo inclusive nas cidades de Israel como estrangeiros residentes, faz pensar que o Dt nasceu nos meios levíticos. Sua redação original foi feita por um levita que reuniu as pregações espalhadas e as redigiu no seu estilo único¹³².

Segundo Schmidt¹³³, a disposição paralela no Dt em haver alternância entre o texto legal e sua interpretação, é devido ao fato de ter sido uma leitura pública e oral da lei. G. von Rad¹³⁴ entendeu o estilo descontraído como lei pregada e justifica: “Afinal, é esta a diferença mais elementar entre o Código da Aliança e o Dt e que, justamente devido às amplas coincidências do material em ambos os códigos, cai na vista: o Dt não é direito divino codificado, mas aí se prega sobre os mandamentos”.

2.8 INTENÇÕES TEOLÓGICAS

O Dt se apresenta como um discurso de Moisés proferido antes da entrada na terra prometida (Dt 4,4ss). No tempo monárquico, Israel é trasladado através dos séculos para o ponto decisivo da antiga história salvífica. Por isto, o princípio teológico básico do Dt é histórico-salvífico¹³⁵ e se caracteriza por Javé ter escolhido Israel dentre todos os povos e, em consequência a revelação de sua vontade, a centralização do culto em um único lugar. Além de um único povo e de um único culto, Schmidt¹³⁶ acrescenta ainda: um único país, um único rei, um único profeta, dos quais apresenta as seguintes constatações:

a) **Único Deus:** em Israel era óbvio que houvesse multiplicidade de Santuários (Ex 20,24), o Dt exige exclusividade: *Não oferecerás teus holocaustos em qualquer lugar que vejas, pois é só no lugar que Javé houver escolhido, numa das tuas tribos, que deverás oferecer teus holocaustos* (Dt 12,13s).

¹³² STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. 1992, p.25-27. Segundo SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p.127, deve haver uma ligação entre o Dt e os levitas, já que o livro se preocupa com o bem estar deles (Dt 12.12,18ss) e os inclui como pessoas miseráveis que carecem de proteção e auxílio (14.27ss; 26.11ss). Mas isto pouco contribuiu para a formação do livro.

¹³³ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p. 126.

¹³⁴ Cf. *Gesammelte Studien II* p. 112 Apud SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p.126.

¹³⁵ HOMBORG, Klaus. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1981, p. 76.

¹³⁶ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1994, p.127-133.

Schmidt considera típica, no Dt, a fundamentação teológica para a centralização do culto, tanto na indicação do local como a vinculação exclusiva da fé em Javé num único santuário. A identificação com Jerusalém pouco aparece nas camadas mais antigas do Dt, pois o livro não menciona a cidade de Sião, mas a Obra Histórica Deuteronomista, se torna a formulação e se vincula claramente com Jerusalém. A mais antiga fórmula de centralização associa-se a esta concepção: Deus mesmo habita nos céus, só seu nome permanece na terra. A unicidade de Deus corresponde à dedicação integral e incondicional de todo o ser humano para com Deus.

Mas, segundo Braulik¹³⁷, a exigência de restringir o culto a Javé num único local remete a fórmula do altar de Ex 20,24, significando, desde o início, Jerusalém como eleita, mais precisamente o seu templo. No Dt não se fundamenta, em parte alguma, o local único de culto com a adoração exclusiva a Javé ou com a natureza única de Israel. A centralização em um único local veio somar-se a interesses sociais, levando a destruição de todos os santuários no país, recorrendo a antigas prescrições, em que os direitos exclusivos eram de Javé.

A exigência da concentração do culto num único local acarreta modificações, principalmente na vida da população rural que vive distante de Jerusalém.

b) **Único Povo:** O relacionamento de Deus com o povo se dá mediante um ato prévio de Deus, a eleição, que faz a opção pelo povo e o elege para ser o seu povo. Esta eleição de Deus se fundamenta no amor.

c) **Único Culto:** a versão atual do Dt, a unicidade do culto só surge em conseqüência da unicidade de Deus, como é antecipada e articulada de forma programática no *Shemá*. Javé se coloca diante de todo o Israel (Dt 5,1). Diante de tanta multiplicidade de cultos, representadas pela religião Cananéia, o povo é convocado a demonstrar a sua fé num Deus único.

¹³⁷ BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuterônimo*. 2003, p.104-105.

d) **Único País:** o Dt tenta estabelecer leis humanitárias em que o direito do indivíduo e da família possa prevalecer sobre as obrigações para com a comunidade.

e) **Único Profeta:** o profeta é aquele que atualiza o passado, contrapondo o antigo e o novo, numa expectativa quanto ao futuro. Quem é obediente na fé terá longa vida, descanso diante dos inimigos, fertilidade para com a natureza e o fim de todas as enfermidades.

2.9 DEUTERONÔMIO: UMA LEI PREGADA

A comunidade israelita recebeu as leis do Dt como lei pregada que não é tão considerada com cunho jurídico de organização política do estado. Segundo Lopez¹³⁸, a comunidade de Israel teve a experiência do poder terrível de Deus por ocasião da libertação do Egito e de sua presença próxima, quando Ele ratificou a aliança. Estes acontecimentos foram decisivos para que o povo de Israel acreditasse em Javé, o reconhecesse como seu Deus e aceitasse sua palavra e suas leis como regra de vida. J. A. Thompson¹³⁹ ressalta que o Dt identifica as disposições legais como instrução religiosa. Ele afirma que o livro não é um código judicial, mas uma exposição da fé. Na visão deste autor, o Dt serviria como manual para aqueles que seriam responsáveis para administrar a lei em Israel: reis, sacerdotes e juízes. A lei é considerada como expressão da vontade de Deus que necessita ser obedecida pelo povo escolhido e redimido da escravidão. Este povo carece de diretrizes para alcançar uma vida feliz e de comunhão. Deus realizou grandes atos de livramento e orientação em favor de Israel, não só no êxodo, mas durante a sua peregrinação pelo deserto.

O fundamento para compreendermos as leis como regra de vida, encontra-se em Dt 6,20-24, onde o filho indaga o pai: *Que são estes testemunhos e estatutos e normas que Iahweh nosso Deus vos ordenou?* Na resposta do pai encontramos a chave explicativa da lei, pois ele dirá que *Nós éramos escravos do Faraó no Egito, mas Iahweh nos fez sair do Egito com mão forte* (Dt 6.21). Esta afirmação da libertação do Egito, graças à intervenção

¹³⁸ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. 1992, p.24.

¹³⁹ THOMPSON, J.A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 13.

de Deus, é que encerra o porquê da observância da Lei¹⁴⁰. Para Peter F. Ellis¹⁴¹, o Dt contém uma recapitulação da história de Israel. Em parte repete, completa e explica as leis dadas no Sinai. Por isto, os tradutores gregos deram o nome de *Deuteronômio* que é a segunda lei. O livro, porém, é muito mais do que uma simples repetição. Ele é, antes, o comentário de um pregador que vê as leis e a história de Israel à luz de sua lei fundamental e do seu espírito inspirador: a lei do amor.

A experiência que Israel teve de Deus não se restringiu à idéia, doutrina moral ou teológica. Ela, antes de tudo, estava ligada à intervenção salvífica de Deus que interviu com seu poder libertador para que Israel pudesse sair do Egito. Assim como a presença de Deus na história foi salvífica, do mesmo modo, as leis que ele prescreveu também tiveram o mesmo valor. Esta ação de Deus foi para que o povo vivesse bem, com dignidade e liberdade para que não recaísse na escravidão. Em resposta à ação de Deus, Israel mostrou-se reconhecido, aceitando a lei como dom e como regra de vida na terra. O cumprimento da lei passou a ser tarefa de Israel para salvaguardar a vida livre na Terra Prometida, usufruindo, assim, desta condição¹⁴².

¹⁴⁰ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. 1992, p. 25.

¹⁴¹ ELLIS, F. Peter. *Os homens e a mensagem do Antigo Testamento*. 1991, p. 52.

¹⁴² GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. 1992, p. 25.

3 EXEGESE DO DEUTERONÔMIO 6,4-9

O II capítulo deste trabalho faz um apanhado geral do livro do Dt e ressalta a importância desta obra referente à presença de Deus no meio do povo de Israel. No presente capítulo, exibiremos a exegese da perícopé escolhida para análise e aprofundamento: Dt 6,4-9. Esta perícopé está situada dentro de um contexto maior que é Dt 6-28, denominada como Livro da Lei ou Deuteronômio primitivo. Este conjunto de capítulos recebeu o nome de lei a partir da versão dos Setenta, que traduziram *torá* por *nomos* (lei). Etimologicamente *torá* significa “instrução”, “ensinamento”. O livro do Deuteronômio é apresentado como *torá*, relatado em 2Rs 22,8.11 e se preocupa com a educação do povo de Israel¹⁴³. O autor J.A. Thompson¹⁴⁴ declara que o título Dt deriva da tradução grega de uma frase em Dt 17,18, onde o rei que viesse a governar Israel receberia ordens de preparar uma cópia desta Lei.

A introdução primitiva do Livro da Lei corresponde aos capítulos de 6-11. Ela se abre proclamando solenemente a unidade de Javé (6,4-9) e se encerra mencionando Israel como povo numeroso, estabelecido na terra de Canaã (10,12; 11,10-12). Nesta unidade introdutória percebemos uma coesão na ação de Javé, o Deus um, (6,4), que escolheu um povo para si (7,6), o fez sair do Egito, o guiou através do deserto (8,14-16) e o fez atravessar o Jordão (9,1-3), porta de acesso à Terra Prometida, e o governou como grande nação (10,22; 11,10-12)¹⁴⁵.

Nesta unidade destacam-se três pontos: o primeiro é a proclamação solene da unidade de Javé (6,4-9); no segundo, Israel é definido como povo consagrado ao Senhor (7,1-6) e, no terceiro (8,7-18), são exaltados os valores da terra, com advertências contra seus perigos. Segundo Lopez¹⁴⁶, da unidade de Javé (6,4) decorre a união plena e total de Israel com Ele (6,5) e desta, a separação de todos aqueles que não participam da união

¹⁴³ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio*, uma lei pregada. 1992, p. 24.

¹⁴⁴ THOMPSON, J.A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 12.

¹⁴⁵ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio*, uma lei pregada. 1992, p. 26.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 26.

(7,1-6), o que inclui e legitima a separação dos cananeus. Israel recebe a exigência de amar exclusivamente a Javé por ter garantido a terra como fruto de seu amor (8,7-18)¹⁴⁷.

3.1 DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE DO DEUTERONÔMIO 6,4-9

Diante do contexto literário que expomos, os versículos que antecedem a perícope que analisaremos, referem-se aos mandamentos, estatutos e normas que Israel deveria seguir para viver e prolongar os dias na terra que irá conquistar. Israel é convidado a pôr em prática a ordem de Javé, com a garantia de se multiplicar na nova terra. Já os versículos que procedem da perícope retornam ao tema da entrada na terra prometida com a promessa de futuro próspero e farto.

A perícope de Dt 6,4-9, forma uma unidade em si, por se tratar de várias ações, enfocando um único objetivo, ou seja, Israel é convocado a ouvir que Javé é o Deus único com o dever de amá-lo *com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força*. A consequência deste amor leva Israel, em primeiro lugar, a guardar em seu coração e, em segundo lugar, transmitir aos seus filhos em todas as suas ações, tornando-a visível aos olhos, nos umbrais das casas e nas portas. Segundo Lopes¹⁴⁸, ao longo da história, os judeus praticantes mantinham presos à testa e ao braço esquerdo, durante a oração, os filactérios¹⁴⁹ com o texto de Dt 6,4-9: “entre os achados do deserto de Judá foram descobertos alguns desses filactérios de couro, datado no séc II d.E.C”.

Segue a exegese da perícope.

¹⁴⁷ THOMPSON, J.A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 26.

¹⁴⁸ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. 1992, p. 27.

¹⁴⁹ Filactérios ou tephilin eram pequenos pedaços de pergaminho que os judeus usavam contendo textos bíblicos.

3.2 TRADUÇÃO DO HEBRAICO DO DEUTERONÔMIO 6,4-9

- 4 שְׁמַע יִשְׂרָאֵל יְהוָה אֱלֹהֵינוּ יְהוָה אֶחָד:
- 5 וְאַהַבְתָּ אֶת יְהוָה אֱלֹהֶיךָ בְּכָל-לִבְבְּךָ וּבְכָל-נַפְשְׁךָ וּבְכָל-מְאֹדְךָ:
- 6 וְהָיוּ הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה אֲשֶׁר אֲנִי מְצַוְךָ הַיּוֹם עַל-לִבְבְּךָ:
- 7 וְשָׁנַנְתָּם לְבָנֶיךָ וְדַבַּרְתָּ בָם בְּשַׁבְתְּךָ בְּבֵיתְךָ וּבְלֶכְתְּךָ בַדֶּרֶךְ וּבְשֹׁכְבְךָ וּבְקוּמְךָ:
- 8 וְקָשַׁרְתָּם לְאוֹת עַל-יָדְךָ וְהָיוּ לְטָטְפַת בֵּין עֵינֶיךָ:
- 9 וְכָתַבְתָּם עַל-מְזוּזַת בֵּיתְךָ וּבְשַׁעְרֶיךָ:

⁴*Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!* ⁵*Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força.* ⁶*Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração!* ⁷*Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé.* ⁸*Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos;* ⁹*tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas.*

Passaremos a comentar os termos que compõe a perícope Dt 6,4-9, no qual o *Shemá* Israel contém o dogma e a norma fundamental da fé em Javé¹⁵⁰, onde destacaremos o que é mais significativo e importante para compreendermos e aprofundarmos o estudo, cuja tradução foi assumida da Bíblia de Jerusalém¹⁵¹.

3.3 OUVE, Ó ISRAEL: IAHWEH NOSSO DEUS É O ÚNICO IAHWEH (Dt 6,4).

שְׁמַע יִשְׂרָאֵל יְהוָה אֱלֹהֵינוּ יְהוָה אֶחָד:

O primeiro versículo é a base fundamental da perícope, por conter o indicativo da fé de Israel na unicidade de Javé. Israel é convocado a ouvir Javé por ele ser o seu único Deus que renova a vida essencialmente humana.

¹⁵⁰ BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuteronômio*. 2003, p.113.

¹⁵¹ BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. Nova Edição revisada e ampliada, 2002.

3.3.1 Ouve, ó Israel... שמע ישראל

A perícopre escolhida abre-se com o imperativo “ouve”, seguido do vocativo Israel que, por sua natureza, caracteriza-se como chamado que toma forma de convite. Israel é convidado a ouvir que o “Senhor é uno”¹⁵². Este chamado é dirigido a Israel, referindo-se a toda a comunidade israelita, ressoando nas vozes proféticas, alicerçando e renovando a vida essencialmente humana. A comunicação humana se dá através do ouvido e da boca, assim como a comunicação entre Javé e Israel e da humanidade para com Deus¹⁵³. O ouvir assinala a compreensão, o discernimento, a obediência e a adequação à vontade de quem fala, particularmente de Deus (Dt 6,4-9). Ouve, atentamente, ó Israel, presta atenção, abre totalmente sua percepção, silenciando completamente a mente, meditando sobre o que estiver pronunciando, interiorizando e absorvendo a mensagem de tal forma que se torne parte de tua própria essência. Nesta textura, o ouvir é assimilar a mensagem profética de salvação. É colocá-la em prática para confirmar que sua ação se equipara com a fé e o amor em Javé¹⁵⁴. Reafirma assim, que a comunicação humana é um meio de demonstrar que as ações correspondem ao entendimento do que foi falado.

No AT, a auto-revelação de Deus em sua palavra, caracteriza essencialmente a compreensão veterotestamentária de Deus¹⁵⁵. O *ouve Israel* inclui a diferença entre Deus e o ser humano: Deus fala, o ser humano ouve. Não está expresso a auto-revelação de Deus por se tratar da recordação da história de Israel e é por isto que este é chamado a ouvir os ensinamentos de Javé.

A confissão e o mandamento principal do povo de Israel encontra-se no *Shemá* (ouve) que é composto pelos textos de Dt 6,4-9, com 11,13-21 e Nm 15,38-41. O texto mais importante, porém, é este que estamos analisando, que contém a proclamação por excelência da fé judaica: o “Senhor é único”. Segundo Lopez¹⁵⁶, desde o fim do séc. I de nossa era, o *Shemá* não cessou de ser recitado, de manhã e à tarde, pelos judeus observantes¹⁵⁷. Conforme o Talmud¹⁵⁸, as palavras do *Shemá* Israel não são dirigidas aos

¹⁵² GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. 1992, p.28.

¹⁵³ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p.167.

¹⁵⁴ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 153.

¹⁵⁵ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. 2004, p. 97.

¹⁵⁶ GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. 1992, p. 26.

¹⁵⁷ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 153.

¹⁵⁸ SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*. 1987, p. 234.

ouvidos, mas ao coração. O próprio Cristo, em Mc 12,31, responde aos fariseus sobre o maior mandamento, citando Dt 6,4ss, que segue: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito.*

Wolff¹⁵⁹ apresenta o *Escuta Israel* como a palavra que funda e renova a vida essencialmente humana, pois, com o ouvido e com a boca, não só acontece a correspondência entre os homens, mas também entre Javé e Israel, entre a humanidade e seu Deus. O ‘ouve Israel’, também é apresentado como um convite a responder a Javé com a mesma plenitude de seu amor em favor do povo¹⁶⁰.

O ouve Israel possui duas características que consideramos importantes: um convite a recordar a libertação da opressão e escravidão do Egito; e uma resposta de amor, de comprometimento e reconhecimento a Javé que age e escolhe o povo como seu e lhes garante a prosperidade. Esta resposta começa em ouvir o que Javé quer, no reconhecimento de que ele é um, amando-o com todo o ser e realizando ações que caracterizam este ouvir.

3.3.2 *Iahweh nosso Deus יהוה אלהינו*

Ao citarmos Deus, encontramos em hebraico os seguintes termos: ’el, ’elohim e ’eloah. ’El significa forte, chefe ou aquele para quem se vai. É uma terminologia que os semitas deram a Deus e que inclui a noção de superioridade e elevação sobre o mundo e os homens¹⁶¹. ’Elohim é usado em relação a um simples ser divino, tanto a respeito do Deus de Israel como de outros deuses. Segundo Sánchez¹⁶², ’Elohim é um suposto plural de ’El: Deuses. É nome divino que mais aparece no AT e cuja forma plural tem sido interpretada como: Deus por excelência. ’Eloah aparece mais frequentemente em poesia, não havendo diferença de significado com os outros termos¹⁶³.

¹⁵⁹ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 108.

¹⁶⁰ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 153.

¹⁶¹ *Ibid.*, 2000, p. 62.

¹⁶² *Ibid.*, p 64.

¹⁶³ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 230.

Segundo os autores¹⁶⁴, quando pesquisamos o significado do nome de Deus, é mais seguro buscar o caráter dele em suas descrições encontradas nas Escrituras, ao invés de depender das etimologias questionáveis.

Javé¹⁶⁵ é o nome do Deus de Israel sem outros acréscimos. O nome implica que um ser pessoal divino revelou-se como Deus de Israel através da aliança e do êxodo. Ele aponta para a realidade pessoal divina enquanto anunciada e experimentada. Confirma, assim, o relacionamento único Javé-Israel e atesta o caráter único de Javé, a um só tempo. Este caráter único emerge do confronto entre a fé de Israel e outras religiões, sendo resposta à questão sobre o monoteísmo do Antigo Israel¹⁶⁶. O monoteísmo constitui, nitidamente, o centro da fé israelita e é o resultado da história da revelação¹⁶⁷.

Deus foi considerado e invocado por Israel e outros povos religiosos como fundador, guia, doador de bem-estar ou até mesmo de castigo, de acordo com suas ações, e salvador em seus desastres. Isto os levou a reconhecer a Javé como Deus único (Dt 6,4-5) e Deus de seus pais (Ex 3,6)¹⁶⁸. Este reconhecimento a Javé como Deus único, além de uma resposta de fidelidade traz a experiência de vivenciar valores contidos nas exigências éticas da Aliança. Valores que embasam as relações de justiça e fraternidade, necessárias para experimentar a paz.

3.3.3 *É o único Iahweh!* יהוה אֶחָד:

Na seqüência, ocorre o termo אֶחָד (*'ehad*) traduzido por único, que pode ser encontrado como: um, mesmo, primeiro, cada, uma vez¹⁶⁹. A expressão *Deus um* significa Deus sem divisões no seu interior, enquanto que único indica a negação da existência de

¹⁶⁴ HARRIS, R. Laird et alii. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1998, p. 484.

¹⁶⁵ Segundo HARRIS, R. Laird et alii. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1998, p.345, Javé corresponde ao tetragrama YHWH. O nome pessoal de Deus e sua freqüente designação nas Escrituras, aparecem com um total de 5.321 ocorrências.

¹⁶⁶ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 231.

¹⁶⁷ BAUER, Johanner B. et alii. *Dicionário Bíblico-Teológico*. 2000, p. 96. Conforme MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 795, a Revelação é entendida como automanifestação do divino, onde se percebe a vitalidade de Javé através de suas palavras e ações.

¹⁶⁸ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 54.

¹⁶⁹ HARRIS, R. Laird et alii. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1998, p.47.

outros. Segundo Leslie J. Hoppe¹⁷⁰, há muitas maneiras de traduzir o versículo quatro. (Conforme a tradução da Bíblia Mensagem de Deus: “Javé, nosso Deus, aquele – Que – É é o único”; e a tradução habitual no judaísmo: “O Senhor é nosso Deus, o Senhor é Um”). Embora todas possam ser definidas com fundamentos lingüísticos e teológicos, a tradução da TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia) enfatiza a indivisibilidade do Deus de Israel e do serviço a Ele.

Este versículo e seu contexto mostram a fidelidade que Israel deve ao Senhor, mas esta não é uma única afirmação de monoteísmo explícito. De fato, aqui está implícita a possibilidade da existência de outros deuses que não são negados em seu ‘ser’, e sim em seu ‘ser para’ Israel. Poderiam existir outros deuses, mas nada devem significar para os destinatários dos mandamentos. A unicidade de Deus não reside no fato de ele ser o único Deus, mas em sua solicitude e exigência conforme o Decálogo¹⁷¹. Para Israel, entretanto, só existe um Deus e todas as suas energias devem se voltar ao serviço deste único Deus.

Percebemos assim, que havia outros deuses em Israel, mas a idéia de *Deus um* se tornaria a proclamação máxima da fé na unicidade¹⁷² de Deus, efetuada pela comunidade israelita¹⁷³. O termo *um* enfatiza a unidade, mas reconhece a diversidade dentro da unidade¹⁷⁴. A palavra *um* ou *único* implica monoteísmo, mesmo que não o afirme com todas as sutilezas da formulação teológica. O monoteísmo bíblico tinha uma expressão prática e existencial que levaria ao abandono do ponto de vista como a monolatria. Mesmo que alguém, em Israel, admitisse a existência de outros deuses, a afirmação de que somente Javé era soberano e único objeto da obediência de Israel, fazia soar o toque fúnebre para quaisquer posições inferiores ao monoteísmo¹⁷⁵. Deus, com efeito, revelou-se e explicou sua unicidade numa história particular, isto é, na história da salvação real e concreta¹⁷⁶.

¹⁷⁰ HOPPE, Leslie J. *Deuteronomio*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuteronomio*. 1999, p. 193.

¹⁷¹ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. 2004, p. 119.

¹⁷² Segundo ALLMEN, J.J. Von. *Vocabulário Bíblico*. 1972, p. 428, a unicidade é o atributo de Deus que marca a divina revelação.

¹⁷³ SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA, *Terras bíblicas: encontro de Deus com a humanidade*. 2003, p.14.

¹⁷⁴ HARRIS, R. Laird et alii. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1998, p. 47.

¹⁷⁵ MURPHY, Roland E. *Comentário Bíblico de San Jeronimo – Antigo Testamento*. 1971, p. 309.

¹⁷⁶ ALLMEN, J.J. Von. *Vocabulário Bíblico*. 1972, p. 428.

Para Chevalier e Guerbrant¹⁷⁷, o *um* é igualmente o princípio ativo, o criador. O *um* é símbolo do ser, da revelação que é mediação para levar o homem ao conhecimento do ser superior. Esta totalização é resultante da observação dos preceitos, da lei por parte de Israel. Na mesma linha de pensamento Udo Becker¹⁷⁸ designa *um* como símbolo do princípio ainda diferenciado da criação e, ao mesmo tempo, símbolo da totalidade, a que todas as coisas e seres tendem a voltar. A unicidade é símbolo de Deus.

A repetição oral destas palavras a Deus serve de signo distintivo; não faz falta interpretar a ordem em sentido material. Discute-se sobre o sentido desta “unicidade” de Deus: para Israel ele é absoluto. Na tradição posterior está entendido em sentido absoluto, como profissão de restrito monoteísmo. A unicidade de Deus exige a entrega total, sem divisão, sem reservas,¹⁷⁹ onde todas as ações e os ensinamentos serão embasados no reconhecimento de que Javé escolhe Israel e o liberta como sinal de amor. Israel adere a este amor de Javé, confirmando a unidade do povo para com ele e volta-se a ele na garantia de prosperidade e paz.

A confissão de cunho quase dogmático da unicidade de Deus é incorporada em Dt 6,4 e serve de introdução para motivar Israel guardar o mandamento de ‘amar o Senhor’ como forma de relacionar-se com Ele¹⁸⁰. A noção de que o Senhor é o único Deus de Israel concorda com o mandamento (Cf. Ct 6,8ss). E mais, a relação singular do Senhor com Israel e a obrigação de Israel de amá-lo, são fundamentais para a preocupação das recomendações dadas a Moisés no livro (Cf Dt 5,9ss)¹⁸¹. O amor remetido a alguém está vinculado a ações que o deixam fortalecido em relação aos valores essenciais de Javé, desencadeando ações de justiça e paz.

A confissão central da fé israelita consiste em quatro palavras, *Javé, nosso Deus, Javé, Um*¹⁸². A expressão tem sido entendida de várias maneiras, mas seja qual for a tradução escolhida, Javé deveria ser o único objeto de adoração, lealdade e amor de

¹⁷⁷ CHEVALIER, Jean. GUERBRANT, Alan. *Diccionario de los Símbolos*. 1986, p. 1039.

¹⁷⁸ BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. 1999, p. 289.

¹⁷⁹ SCHÖKEL, Luis Alonso. *Pentateuco II: Levítico – Números – Deuterônimo*. 1970, p. 290.

¹⁸⁰ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. 2004, p. 127.

¹⁸¹ HARRIS, R. Laird et alii. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1998, p. 48.

¹⁸² FRANCISCO, Clyde T. *Comentário Bíblico Broadman: Gênesis, Êxodo, Velho Testamento*. 1986, p. 96 escreve que a doutrina cristã da Trindade não contradiz este texto, embora envolva uma compreensão diferente do conceito da trindade na Pessoa Divina.

Israel¹⁸³. Os Israelitas sabiam que deveriam ser plenamente ‘fiéis’ a Deus e a confirmação de que eles ‘serviam’ a um Deus cuja semelhança nunca podia ser feita, pois ele estava sempre além do conhecimento deles, e devia ser conhecido apenas da maneira como ele resolvesse se manifestar. Desta forma, foram injetadas na história de Israel os elementos que a fizeram uma nação peculiar dentre todas as outras do Oriente Próximo. O Deus único permitiu que Israel se tornasse herdeiro de grande bênção e prosperidade¹⁸⁴.

No *Shemá* de Dt 6,4, a questão da divindade dentro da unidade tem implicações teológicas. Alguns autores eruditos pensam que, mesmo ‘um’ sendo singular, ao usá-lo abre-se espaço para a doutrina da Trindade. Mas, mesmo sendo verdadeira a doutrina da Trindade que é prefigurada no AT, o versículo centraliza o fato de que há um só Deus e que Israel deve a ele sua exclusiva lealdade. (Dt 5,9; 6,5)¹⁸⁵.

O livro do Dt prossegue, dando expressão ao que era o coração da confissão israelita, ou seja, Javé é único Deus. Este deveria ser o objetivo único da fé e obediência de Israel. E a nação não deveria esquecer Javé nem dividir sua lealdade com outros deuses¹⁸⁶.

3.4 PORTANTO, AMARÁS A IAHWEH TEU DEUS COM TODO O TEU CORAÇÃO, COM TODA A TUA ALMA E COM TODA A TUA FORÇA (Dt 6,5).

וְאָהַבְתָּ אֶת יְהוָה אֱלֹהֶיךָ בְּכָל-לְבָבְךָ וּבְכָל-נַפְשְׁךָ וּבְכָל-מְאֹדְךָ:

O versículo a seguir ressalta a importância de Israel, em sua totalidade, amar a Javé com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força que é expresso através de ações que correspondam à resposta de ouvi-lo e reconhecê-lo como único.

3.4.1 Amarás a Iahweh teu Deus... וְאָהַבְתָּ אֶת יְהוָה אֱלֹהֶיךָ

O amor, a partir de um conceito teológico, se apresenta como um sentimento recíproco entre Javé e Israel. No Dt, a palavra amor vem combinada com a palavra escolha,

¹⁸³ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 117; THOMPSON, J.A. *Deuteronomio: Introdução e Comentário*. 1982, p.116.

¹⁸⁴ FRANCISCO, Clyde T. *Comentário Bíblico Broadman: Gênesis, Êxodo, Velho Testamento*. 1986, p. 96.

¹⁸⁵ HARRIS, R. Laird et alii. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1998, p. 48.

¹⁸⁶ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 56.

eleição¹⁸⁷, no qual o amar a Deus mostra-se no cumprimento dos mandamentos¹⁸⁸. Este amor de Javé é um amor que fez uma opção e representa a raiz de uma eleição. Nos livros do AT, o Dt é o primeiro a incorporar a idéia de amor de maneira sistemática em seu pensamento. Esta idéia possui o lugar mais amplo, pois contrasta com Oséias e os outros profetas, pois o conceito de amor, no Dt, é avaliado como frio e sem paixão¹⁸⁹.

O significado básico de amor é afeição e um apego voluntário. O termo é usado em vários contextos, mas carrega sempre o mesmo significado, como apego entre pessoas, objetos, podendo ser um bem ou um mal¹⁹⁰. Para Sánchez,¹⁹¹ caridade é o amor em perspectiva bíblica e cristã. Vai do afeto à relação mais profunda com Deus e com o próximo e de tolerância ao compromisso radical de amar a Javé.

O mandamento de amar a Javé aparece freqüentemente, como, no Dt 6,5; 10,12; 11,1 e em Js 22,5; 23,11 por influência da redação deuteronomica. A linguagem que aparece em Dt 6,5 representa o amor dado a Javé como um autêntico sentimento e não como uma simples convicção. Israel deve amar a Javé com todo o seu coração, com todo o seu ser e com toda a sua força. A principal obra de amar a Javé está em observar os seus mandamentos. Na verdade, o resumo da mensagem do Dt está no fato de que Israel deve retribuir o amor eletivo de Javé. Este amor consiste na idéia pura e simples (Sl 145,20) de amar e observar as leis que o livro apresenta (Dt 5,4; Ne 1,5)¹⁹².

3.4.2 Com todo o teu coração... כָּל-לִבְבְּךָ

A palavra coração (leb/lebab) לֵב é a mais importante para a lingüística da antropologia veterotestamentária. Wolff¹⁹³ analisa estatisticamente a ocorrência da palavra coração e destaca que esta palavra se refere exclusivamente ao “coração” humano e aparece mais vezes do que *nefesh*. Destaca ainda que o coração não é a sede do sentimento,

¹⁸⁷ Segundo MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 271, *Eleição* é considerada como ato de Deus em relação a Israel. Ele torna-se um povo consagrado a Javé com a obrigação de só reconhecê-lo como Deus.

¹⁸⁸ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. 2004, p. 128.

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 35.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 34.

¹⁹¹ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 40.

¹⁹² MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 35; MONLOUBOU, L.; BUIT, F.M. DU. *Dicionário Bíblico Universal*. 1997, p. 30.

¹⁹³ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 61.

muito menos do amor. Para os semitas, o coração é o lugar da razão e do entendimento, do planejamento, das ações, reflexões e da tomada de decisão. A atividade psíquica é geralmente associada, na Bíblia, com vários órgãos do corpo. O principal e mais freqüentemente mencionado é o coração¹⁹⁴.

A palavra coração é também uma das mais importantes entre as que definem o homem bíblico. Chevalier e Guerbrant¹⁹⁵ ressaltam que, na tradição bíblica, o coração simboliza o homem interior, sua vida afetiva, a sede da inteligência e da sabedoria. Nesta visão, este órgão corresponde à noção de centro, sendo que, no ocidente, ele é tido como a sede do sentimento. Eles reafirmam, ainda, que o coração é a sede vital do ser humano, por isso, é tomado como símbolo, nele contém o Reino de Deus: este centro de individualidade representa o estado primordial, portanto, o lugar de atividade divina.

Becker¹⁹⁶ o destaca como órgão vital e central do homem, pois está relacionado com o centro. Declara ainda que, no Judaísmo e no Cristianismo, o coração é considerado como sede das forças afetivas, principalmente do amor, mas também da intuição e da sabedoria. Para Gerd Heninz-Mohr¹⁹⁷, o coração é a sede do amor e do ódio, da condescendência e da rejeição, do desejo e da recusa. Nesta contextura, não estamos contradizendo a citação anterior, em que o coração é a sede da razão, mas estamos enfocando a visão do judaísmo e do cristianismo que apresentam outras perspectivas diferenciadas para o termo coração, como um dado de enriquecimento da pesquisa. Diante disto, Monloubou destaca que, “como os outros termos antropológicos, o coração não quer dizer apenas alguma coisa sobre o homem, mas o homem integral, em certo aspecto, considerado como ser dotado de sentimentos e razão”¹⁹⁸.

A seguir, citaremos alguns elementos que traduzem, de maneira comum, o significado de “coração” por *leb (ab)*. No entanto, é necessário um exame semasiológico, a partir do texto, fazendo uma conexão das asserções. E, a partir daí, enfocaremos algumas noções antropológicas mais usadas para coração:

¹⁹⁴ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p.183.

¹⁹⁵ CHEVALIER, Jean. GUERBRANT, Alan. *Diccionario de los Símbolos*. 1986, p. 341-343.

¹⁹⁶ BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. 1999, p. 73.

¹⁹⁷ HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos. Imagens e sinais da arte cristã*. 1994, p. 267.

¹⁹⁸ MONLOUBOU, L.; BUIT, F.M. DU. *Dicionário Bíblico Universal*. 1997, p. 152.

- ✓ o coração era visto com sede da consciência, do pensar e das tomadas de decisões (1 Sm 24,6).
- ✓ os antigos desconheciam a circulação sanguínea e as funções fisiológicas do coração¹⁹⁹.
- ✓ apenas quando se fala da história do homem *Nabal* (1Sm 25, 37ss), é que se dá a conhecer, na Bíblia, o coração como órgão interno do corpo²⁰⁰.
- ✓ na Bíblia, as atividades do coração estão ligadas ao espiritual²⁰¹.
- ✓ o coração abrange as áreas do corpo, do emocional, do intelectual e das funções do desejo, vontade e aspiração²⁰².
- ✓ a Bíblia também vê, no coração, o centro do homem que vive de modo consciente. Ele é chamado para ter juízo e percepção à Palavra de Deus²⁰³, para ter consciência em ouvir e agir a partir desta palavra.
- ✓ no coração humano são conservadas a lembrança e a memória, bem como os seus mistérios²⁰⁴, ou seja, tudo o que diz respeito à lembrança da libertação da escravidão e à consciência da vontade de viver em liberdade.

Schroer e Staubli²⁰⁵ asseveram que, quando alguém fala, independentemente do que seja, não precisa estar em sintonia com o que ele cogita em seu coração. Mas pode ser que uma pessoa se deixe enganar por tal atitude, porém, Deus vê o que se passa no íntimo de seu ser. Isto porque Deus é amor e suas ações projetam a vida. Quem reconhece o amor de Javé no pensar e no agir, projeta ações interligadas que proporcionam relações de confiança e fortalecem valores como fraternidade e solidariedade. Leslie J. Hoppe²⁰⁶ ressalta que alguns possam estranhar que o v. 5 ordene o amor de Deus. Este amor prefigurado aqui é o tipo de profunda fidelidade e afeição que Israel deve ao Deus que pôs um fim a sua cruel servidão no Egito. As conseqüências desta fidelidade e amor são o fortalecimento dos valores que proporcionaram situações de justiça e paz. No Dt, a

¹⁹⁹ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p.183.

²⁰⁰ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 62.

²⁰¹ *Ibid.*, p. 63.

²⁰² MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p.183.

²⁰³ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 81.

²⁰⁴ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 62.

²⁰⁵ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 65.

²⁰⁶ HOPPE, Leslie J. *Deuterônômio*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuterônômio*. 1999, p. 193.

obediência é prefigurada como amor e a imagem mais figurativa desta afirmação é o relacionamento entre pais e filhos, no qual os termos amor e obediência se equivalem. O amor à obediência entre pais e filhos representa a relação entre Javé e Israel, como uma forma de cultivar e vitalizar a fé e os valores que circundam esta relação. O amor que Israel deve a Deus é abrangente porque as dimensões que o envolvem pressupõem ações que vão ao encontro do projeto de Javé, como a justiça e a igualdade.

Segundo J.A. Thompson²⁰⁷, a obediência de Israel não deveria surgir de um legalismo estéril, baseado na necessidade e no dever, mas sim, da relação de amor que desencadeia ações justas e solidárias, visando o bem comum que, conforme a períclope analisada, enfoca o amar a Javé de forma que expresse estas ações. Em alguns tratados de suserania, uma palavra semelhante é usada para expressar o relacionamento entre o vassalo e seu suserano, pois, aqui, o vassalo tinha a garantia de um amor retributivo, expressado como dever. O equivalente hebraico deste uso da palavra “*amor*” ocorre em 1Rs 5,15, onde a Sociedade Bíblica Brasileira traduz “Hiram sempre fora amigo de Davi”. Ao longo da história as pessoas sempre precisaram de um relacionamento mais profundo que o meramente legal. O termo bíblico “*amar*”, entretanto, tem uma conotação muito mais profunda. O profeta Oséias usa o verbo amar para expressar a afeição de Javé por Israel onde a escolha de Javé por Israel é prova concreta e real de amor. A extensão do amor do homem a Deus deveria ser total, Israel deveria amar a Deus com todo o seu ser e lembrá-lo em todas as suas ações. A expressão de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força, é uma das mais favoritas em Dt (Dt 4, 29; 10,12; 11,13; 13,4; 26,16; 30,2.6.10).

Ao comentar o texto *amar de todo o coração*, Dellazari²⁰⁸ declara que “ele é o primeiro órgão a se formar e o último a morrer, de modo que a expressão *de todo o coração*, signifique realmente até o último suspiro”. Por isto, os momentos cômicos tornam-se entrega total a Deus, sem reservas e, na certeza de que Deus e o homem estão interligados com ações correspondentes a este amor, elas convergem em práticas que promovem a paz.

²⁰⁷ THOMPSON, J.A. *Deuterônômio: Introdução e Comentário*. 1982, p.118; WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p. 254 aludem à mesma referência.

²⁰⁸ DELLAZZARI, Romano. *Devolve-me o Júbilo de Tua Salvação*. 2004, p.19.

No contexto histórico do Dt, a perícopé analisada apresenta um Deus amoroso, libertador, gratuito, misericordioso e fiel. O relacionamento de Israel com o Deus Javé, que o Dt nos propõe, é um relacionamento de amar com todo o coração, com toda a alma e com toda a força. Isto significa não apenas uma faculdade intelectual, como guardar na memória, ou seja, no coração que era a sede do pensamento, os gestos de Javé, mas orientar as ações diárias para que fossem ao encontro de seus ensinamentos, ocasionando relações justas e fraternas que expressem a paz.

Por isso, Amar a Iahweh de todo o teu coração também mostra que o amor de Deus vem do próprio impulso do homem. Como *nefesh* designa desejo e aspiração pura, coração significa a entrega consciente da vontade (Dt 4,29)²⁰⁹. Conscientemente este ato pode ser objeto de prova total a Deus porque remete a ações que desenvolvem valores essenciais para a vida do povo, tornando, assim, o shemá revitalizador diário e permanente do da fé de Israel.

3.4.3 Com toda a tua alma... וּבְכָל-נַפְשְׁךָ

As Bíblias antigas traduzem por “alma” a palavra *nefesh*. Segundo Thompson²¹⁰, este termo é de difícil definição, mas parece se referir à fonte de vida e vitalidade, ou mesmo do próprio “ser”. Em Gn 2,7.19 homens e animais são apresentados como “seres” viventes²¹¹. Os dois termos, coração e alma, entre si indicam que o homem deve amar a Deus sem qualquer reserva em sua devoção. Na Bíblia de Jerusalém, em Gn 2,7 e Sl 65, alma e espírito (Gn 6,17) animam a carne sem se adicionar a ela, tornando-a uma. Não distante, freqüentemente “carne” sublinha o que há de frágil e perecível no homem (Gn 6,3; Sl 56,5; Is 40,6; Jr 17,5); e, pouco a pouco, percebe-se uma certa oposição entre os dois aspectos do homem vivo (Sl 78,39; Ecl 12,7; Is 31,3; cf. também Sb 8,19; 9,15).

Udo Becker²¹² descreve a alma como tipologia: *alma vital* e *alma ego*. A *alma vital* é identificada como hálito, sopro, localizada no coração, no sangue, no fígado e nos ossos. A *alma ego* é centro do pensamento, da vontade e do sentimento. Assim, em uma

²⁰⁹ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 79.

²¹⁰ THOMPSON, J.A. *Deuteronomio: Introdução e Comentário*. 1982, p.256.

²¹¹ No AT homens e animais são descritos pela mesma controvertida expressão hebraica, *nefesh hayya*, que a Sociedade Bíblica Brasileira traduz por alma vivente, em Gn 2,7 e por seres viventes em Gn 2,19.

²¹² BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. 1999, p. 16.

breve estatística, Wolff²¹³ relata que *nefesh* aparece 755 vezes, no AT e a Septuaginta traduz 600 vezes por *psychê*. Esta diferença mostra que a diversa significação da palavra chamou a atenção em muitos lugares. E, em outros poucos lugares, encontramos a tradução “alma” correspondente ao significado *nefesh*, mas *nefesh* não é apenas “alma” e sim, um conjunto com a figura total do homem e, especialmente, com a sua respiração. Por isso ele não tem *nefesh*, mas é *nefesh*, vive como *nefesh*²¹⁴. Porém, não podemos excluir o uso da palavra hebraica *nefesh* como compreensão do ser humano (Gn 2,7) para melhor compreendermos sua totalidade na análise deste versículo.

Se perguntarmos qual a parte do corpo humano que pode ser identificada no ser e no agir humano designados por *nefesh*, encontraremos uma riqueza de significado. Ao observarmos os textos, deveremos examinar as funções e particularidades de um membro do corpo e como a palavra fixa com maior ou menor clareza determinado aspecto do homem. Devemos ter presente a trajetória de nossa compreensão e não o modelo de uma semasiologia histórica. Importa ter em mente que, enquanto os hebreus usam uma palavra em um contexto e a usam em outras situações com significados diferentes, nós necessitamos de diversos termos para traduzi-la. A conexão do texto em que cada vez ocorre o vocábulo é que decide. Assim sendo, ao enfocarmos *nefesh* como homem e o homem como *nefesh*, percebemos um significado do ser humano como o ente vivo individual, que não alcançou a vida por si mesmo nem a conservará por si. Mas o homem tem um anseio vital, procura a vida, assim como nos leva a entender a garganta como órgão de ingestão de alimentos e de respiração e o pescoço como parte do corpo.

Encontramos, também, que *nefesh* “não significa apenas o órgão da garganta visível, mas igualmente da garganta audível, que chama, insaciável, ansiosa pelo ar”²¹⁵. E, na admoestação do Dt, amar a Javé com toda *nefesh* (Dt 6,5ss), significa que o homem faça entrar toda a vitalidade de seus desejos e toda a sua aspiração ansiosa no amor ao único Deus de Israel (Cf Mc 12,30), onde todo o ser, coração e alma estão ligados a Javé.

²¹³ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 21.

²¹⁴ *Ibid.*, p. 21-22.

²¹⁵ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 78.

Enquanto *nefesh* é apresentado junto ao órgão de respiração e o processo de respirar, *ruah*²¹⁶ aparece como o “vento” que vem de Javé e volta a ele, constituindo, ao mesmo tempo, o hálito de vida do homem (Jó, 34,14s)²¹⁷.

No AT, *nefesh* é atribuída a Deus, enquanto que *basar* não se refere nenhuma vez a Deus. Frequentemente *basar* está relacionado aos animais²¹⁸. Apesar disso, a semelhança de *nefesh* com *basar* está em indicar o homem como tal, como uma unidade²¹⁹.

Os termos *basar*²²⁰ e *nefesh* seguidamente estão unidos. *Basar* tem o sentido de pele e *nefesh* indica a dimensão individual. E *kol-nefesh* significa “todos os indivíduos que podem ser contados” e *kol-basar*, todos os viventes. Um organismo que recebe sua vida do espírito permanece unido a Deus.

Como já citamos, *nefesh* é empregado em relação a Deus e *basar* em nenhuma ocasião. Já *ruah* apresenta dois aspectos distintos em relação a *nefesh* e *basar*: primeiro, *ruah* significa força da natureza, o vento e, em segundo lugar, *ruah* se refere mais vezes a Deus do que aos homens, animais e falsos deuses. *Ruah* é o sopro de Deus que dá vida ao homem.

Encontramos uma outra identificação para *nefesh*. *Nefesh não se identifica com o “sopro de vida” que o homem recebe de Deus; a nefesh viva é o homem tal como é, quando começa a viver. Mas, não podemos pensar que nefesh signifique vida ou alma. Nefesh é uma totalidade. Totalidade esta que deve ir além, como o significado que aparece em muitos casos: nefesh é traduzido por “eu” ou “pessoa”. É o “eu pessoal”, é o “eu”, como sujeito consciente, de ação e paixão embasadas na igualdade e fraternidade no seguimento a Javé. Talvez o ego da psicologia moderna trace um paralelo com nefesh, do termo hebraico, que mais se aproxima do sentido psicológico: um sujeito consciente. Esta idéia aparece no NT com o conceito gramatical de alma (*psyché*) que, traduzido em*

²¹⁶ Segundo DELLAZZARI, Romano. *Devolve-me o Júbilo de Tua Salvação*. 2004, p. 26-27, o termo *ruah* está intimamente relacionado com a vida, é força vital divina que perpassa toda a criação. E não está submetido ao controle do homem.

²¹⁷ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 53.

²¹⁸ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 43.

²¹⁹ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 28.

²²⁰ Segundo WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 43, *basar* é próprio tanto do homem quanto do animal, pois pode indicar todo o corpo: exterior e interior.

português, é alma. A *psyché* é associada à vida e possui uma variada abordagem, na qual destacamos o amor. Amor verdadeiro é amor de toda *psyché* (Mt 22,37; Dt 6,5; 10,12).

Destacamos, desta forma, que *nefesh* não é um mistério que devemos preservar e ao qual somente as pessoas amorosas e sensíveis têm acesso²²¹. O enfoque que damos à palavra *nefesh* está na unidade do homem, significando o elã vital, a força que faz a pessoa unir-se e ser ávida por vida²²², com a necessidade de promovê-la em todas as suas ações e relações com os outros. Os termos *ruah*, *basar* e *nefesh*, na análise que procedemos do contexto em que a perícopé está inserida, estão estritamente associados ao *Shemá*, por observarem a ordem de Javé de amá-lo com todo o coração, com toda a alma e com toda a força. Estes termos referem-se à totalidade do ser humano e o direcionam, em seu ser e agir, para a fidelidade a Javé.

3.4.4 Com toda a tua força. :וּבְכָל-מְאֹדֶךָ

Ao falarmos em força, associamos a ela a palavra milagre que nos remete ao seguinte: no AT, raramente o poder taumáturgico era transmitido aos homens. O maior prodígio da história de Israel era o Êxodo. Existia um caráter miraculoso em relação aos acontecimentos, mas as tradições não enfatizavam desta forma. Os acontecimentos eram relacionados como as maravilhas do poder e da vontade de salvação de Javé. Esta relação demonstra não tanto uma fé no milagre, mas, muito mais, a fé em Javé como o Senhor da história. Através de ações prodigiosas, como a libertação do exílio, reforça a ação de num Deus amoroso, misericordioso e fiel, como apresenta o Dt, ocasionando, assim, uma relação muito próxima entre milagre e fé. Para o semita, só Javé poderia querer a vida e justiça ao povo. Por isto, a palavra força nos leva a entender a importância de amar a Javé com a mesma força da realização de suas obras²²³, com ações justas e solidárias que primem pela paz.

Watts²²⁴ declara que a expressão *toda a tua força*, realça a totalidade e energia da pessoa, isto é, Israel deve concentrar-se unicamente em Javé. Pois a devoção deve ser

²²¹ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 90.

²²² Ibid., p. 78.

²²³ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 612.

²²⁴ WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p. 254.

concentrada totalmente num só objeto, logo, deve ser absoluta. Em 2Rs 23,3, encontra-se que é preciso amar a Javé *com todo o seu coração e com toda a sua alma* e em 2Rs 23,25, tem o complemento *voltar-se a Javé com toda a sua força*. Amar é seguir os preceitos e estatutos de Javé até à última energia vital. É reafirmar a unidade do homem, onde suas ações são embasadas no recordar o amar a Javé, evidenciando valores necessários para relações de justiça e paz, na qual o shemá, sendo recitado diariamente, revigora a fé e torna possível o milagre que passa a ser entendido como a ação de um Deus amoroso .

No pensamento semita encontramos a importância de fazer valer a ação e não a força. Isto demonstra como os homens viam a relação entre o concreto e o abstrato. Cada objeto indica algo a mais. O homem nem consegue pensar o abstrato sem o concreto. O que importa não é a forma, mas a impressão que ela causa²²⁵, ou seja, as ações tornam-se necessárias para fortalecerem a aliança entre o homem e Javé e a correspondência aos mandamentos de Javé. Na verdade, o livro do Dt não é nada mais que um esboço das conseqüências práticas do versículo cinco. Jesus (Mt 22, 36-37) o citou como grande mandamento da lei.

3.5 QUE ESTAS PALAVRAS QUE HOJE TE ORDENO ESTEJAM EM TEU CORAÇÃO (Dt 6, 6).

וְהָיוּ הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה אֲשֶׁר אֲנִי מְצַוְךָ הַיּוֹם עַל־לְבָבְךָ:

Este versículo apresenta a importância de Israel observar as palavras ordenadas por Javé, no coração, por ser ele a sede da razão, o qual desencadeia ações conforme os ensinamentos que estão contidos nos dez mandamentos.

3.5.1 Estas palavras que hoje te ordeno ... וְהָיוּ הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה אֲשֶׁר אֲנִי מְצַוְךָ הַיּוֹם

O versículo inicia fazendo referência às palavras que Javé ordena e sua relação com o povo de Israel. Estas palavras são referências ao anúncio geral da lei deuteronômica e não somente do Decálogo, que Israel aprenderá e cuidará de pôr em prática (Dt 5, 1ss). Ela é comunicação enquanto elemento de linguagem, expressão quase fotográfica de quem

²²⁵ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 15 e 16.

a pronuncia. Sánchez²²⁶ se refere à *palavra* como realidade, pois atualiza o que significa e, uma vez emitida, como a de Deus, não pode voltar para ele sem realizar sua finalidade. A finalidade da palavra relacionada aos mandamentos, refere-se à palavra transformada em ações diárias. Estas ações correspondiam à execução de todas as tarefas do dia, observando os mandamentos que eram a certeza do caminho a seguir. O hebraico usa *palavra* onde nós usamos coisa ou fato. Isto nos leva a perceber a força da palavra que está presente desde a criação (Gn 1), perpassando pelos profetas (Jr 1,9), tornando-se lei, ensinamento, anúncio, alerta, indicação e revelação. A palavra de Javé, na história, é dinâmica no sentido que cumpre o que significa²²⁷.

A ordem é vinculada a Javé como uma forma de se atingir o objetivo de seguir os mandamentos, recordando a aliança com Javé, realizando ações que proporcionam relações de fraternidade e situações de paz. Diante disto, *estas palavras que hoje te ordeno* remetem aos meios pelos quais se chegará ao reconhecimento de Javé como um e amá-lo com todo o coração. Deste modo, os dez mandamentos são instruções que levam a prática da justiça, chamam atenção para a comunhão com Deus e com seu povo e promovem vida digna para todos²²⁸.

Watts²²⁹ ressalta que a unicidade de Javé necessita que as suas palavras, que expressam a sua vontade, recebam atenção plena e constante dos israelitas. Porquanto o *Shemá* é expressão central da fé que apresenta o recordar constante da unidade entre Javé e Israel, mergulhado em valores que apontam a paz. Tais passagens mostram que a obediência ao mandamento é o subproduto do amor. À objeção de que o amor não pode ser ordenado, pois tem que ser espontâneo, deve-se dar a resposta de que o amor flui da gratidão e da devoção. Amar é uma expressão de lealdade. O homem que ama alegremente ama com todo o seu ser. A presente injunção foi feita para deixar claro a Israel qual é o caráter do seu reconhecimento com Javé, seu Senhor, onde não se trata de um amor retributivo, de medo, nem de favores, mas de um amor integral, total e livre, abarcando os valores necessários para relações fraternas. Qualquer coisa menos que absoluta devoção e lealdade levaria a uma lealdade devida, que teria sido impossível. A ordem do amor não pode ser interpretada como prova de que o amor seja menos que espontâneo, mas como

²²⁶ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 156.

²²⁷ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 682.

²²⁸ ZENGER, Erich. *O Deus da Bíblia*. 1989, p. 73.

²²⁹ WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p. 255.

prova de que apenas um amor que não é dividido pode ser chamado amor em seu sentido mais verdadeiro²³⁰.

3.5.2 *Estejam em teu coração!* : על-לְבָבְךָ

Na continuidade do versículo citado *estejam em teu coração*, Dt 6,6 relata que o saber poderá levar a uma consciência permanente, isto é, deve ficar na “consciência dos ouvintes”, demonstrando que o coração é também o local das recordações²³¹. No pensamento hebraico, o coração era o centro da consciência, do intelecto e da vontade. Certamente nós referiríamos como cabeça ou cérebro. A função do cérebro, bem como a sua localização, eram desconhecidas aos antigos, de maneira que atribuíram estas coisas ao coração. O ser único de Javé requer não apenas lealdade indivisa, mas também pensamento e atenção ininterruptos²³². O coração, sendo sede da consciência, supõe que todos os pensamentos expressos nas ações não sejam desvinculados das palavras que Javé ordena.

Além do que já citamos no versículo anterior referente ao coração, este termo está associado ao coração como um quadro em branco, que será marcado com instruções de importância perene e, por isto, indelével²³³. Estas instruções ficarão gravadas no coração para serem recordadas e observadas como o decálogo que remete a valores essenciais para a existência humana, tais como: a solidariedade, a fraternidade e a justiça. Portanto, o termo coração, nesta perícope, tanto neste versículo quanto no anterior, referem-se ao coração como órgão vital do ser humano que, mesmo sendo a sede do pensamento, deve estar voltado ao que Javé ordenar, evidenciando unidade nas ações e pensamentos.

²³⁰ THOMPSON, J.A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 118-119.

²³¹ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 1983, p. 72-73.

²³² WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p. 255.

²³³ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 64.

3.6 TU AS INCULCARÁS AOS TEUS FILHOS, E DELAS FALARÁS SENTADO EM TUA CASA E ANDANDO EM TEU CAMINHO, DEITADO E DE PÉ (Dt 6, 7).

וּשְׁנַנְתָּם לְבְנֶיךָ וְדַבַּרְתָּ בָם בְּשִׁבְתְּךָ בְּבֵיתְךָ וּבְלִכְתְּךָ בַדֶּרֶךְ וּבְשֹׁכְבְךָ וּבְקוּמְךָ:

O versículo traz o reconhecimento da libertação e a resposta de fidelidade a Javé que são manifestados por Israel, através da atitude de inculcar aos filhos, com palavras e ações que testemunham a fé no Deus libertador.

3.6.1 *Tu as inculcarás aos teus filhos...* וּשְׁנַנְתָּם לְבְנֶיךָ

Este versículo inicia com o verbo na segunda pessoa do singular, reforçando o empenho do mestre em introduzir seus ensinamentos, seja Israel como filho de Javé ou os pais como genitores²³⁴. Ser filho representa a relação da aliança que é a adoção²³⁵ feita por Javé a Israel. Javé levou Israel como um homem leva o seu filho, e foi quem o ensinou a andar (Os 11,3).

Na época de Abraão, a autoridade do pai era absoluta. Já na monarquia, quando este texto foi escrito, a autoridade paterna não parecia ser tão absoluta, deste modo a educação e a instrução dos filhos competia aos genitores. Os pais tinham o dever de ensinar a sabedoria²³⁶ que consistia na arte de harmonizar conhecimento, vontade e ação, cujo princípio básico é o *temor de Deus*²³⁷, na perspectiva dos escritos sapienciais. A lei estabelecia o dever dos filhos de honrar os pais (Ex 20,12; Dt 5,16), que incluía a obediência e o respeito, onde a recompensa seria uma longa vida²³⁸. O ensinar e o aprender, o ouvir a voz de Deus que aparece em Dt 6,4-8 estão, no próprio texto esboçados e institucionalizados, demonstrando a educação dos pais para com seus filhos²³⁹. Isto vem ao encontro da primeira bênção pronunciada sobre o homem, no relato da criação, em que ele devia ser fecundo, multiplicar e encher a terra (Gn 1,28).

²³⁴ Segundo MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p.349, o termo genitor refere-se ao pai e à mãe.

²³⁵ Conforme MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 350, a adoção significa aceitação da parte de Javé, seu amor e proteção particulares, como também responsabilidade e obediência impostas a Israel, ao israelita piedoso ou ao rei.

²³⁶ *Ibid.*, p.349.

²³⁷ Segundo SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 208, temor de Deus é o princípio básico da sabedoria bíblica do AT e que se dá através da reverência, admiração e confiança.

²³⁸ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 349.

²³⁹ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 165.

O ensinar e aprender a ouvir a voz de Deus refere-se a uma forma de catequese familiar (Dt 6, 20-25). Os pais eram o exemplo vivo de amor a Javé de todo o coração, e ensinavam os filhos através de histórias, exemplos e fatos que eram transmitidos por gerações. Tais fatos eram embasados na ação de Javé em favor do povo, no projeto de libertação e promoção da vida digna, sempre reforçando os valores como a solidariedade, a justiça e a fraternidade. Estes valores correspondiam às práticas necessárias para expressar o *ouvir e amar a Javé* com todo o ser. Os ensinamentos e valores estavam profundamente ligados a ações concretas, às relações fraternas como no cultivo da fé através do culto prestado a Javé e de seguir as suas ordens, recordando a aliança, porque a fé é transmitida e herdada dos pais. Com isto, o cultivo de valores fazia parte da tradição que não se referia tanto ao passado, mas muito mais ao futuro²⁴⁰.

A fé no Deus único não é uma condição alcançada uma vez por todas e que gerações futuras herdaram do passado. Ela é, pelo contrário, exigência permanente para o futuro. Por isso, Javé ordena inculcar aos filhos esta fé que é representada por palavras e testemunhos²⁴¹.

O dever dos pais para com seus filhos consiste em repetir as palavras de Javé com insistência para frisá-la em todo o ser, dando continuidade à tradição de reconhecer a Javé como Deus um e amá-lo com todo o seu coração e sua alma.

3.6.2 *Delas falarás sentado em tua casa...* וְדַבַּרְתָּ בָּם בְּשֹׁבְתֶךָ בְּבֵיתְךָ

A continuidade desta citação reafirma o dever dos pais para com os filhos e para com todos aqueles que habitam as casas e os pertencentes à família dinástica. Quando um homem ama a Deus de maneira total, obedece alegremente às suas palavras que estão guardadas no coração. A exigência do amor a Deus implica todas as outras, e a disposição de amar a Deus abrange tanto a disposição de obedecer aos seus mandamentos quanto a disposição de comunicar tais mandamentos às gerações seguintes, de modo a preservar uma atitude de amor e obediência entre o povo de Deus em todas as épocas. O livro do Dt dá importância especial à tarefa de ensinar a família²⁴².

²⁴⁰ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. 2004, p.50.

²⁴¹ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. 2004, p. 138.

²⁴² THOMPSON, J.A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 119.

Na continuidade deste versículo, o *falar em tua casa* refere-se não apenas à tarefa dos pais de ensinar os filhos, mas a casa como local central para os ensinamentos, porque a habitação na Palestina não era isolada. Formavam-se aglomerados de casas em cidades e aldeias. Isto favorecia a segurança e a necessidade básica, especialmente do abastecimento da água. A casa era um abrigo em que a família comia e dormia, contendo apenas um único cômodo para todos os fins. O que lá acontecia era visível a todos, não havendo privacidade. A família israelita era grande e a moradia abrigava várias famílias. Geralmente a casa era adjacente a um pátio e, às vezes, fechada somente de um lado e, mais freqüentemente, de dois ou três lados²⁴³.

A palavra *casa* não se refere apenas à estrutura material, mas a uma família dinástica (Casa de Davi), ou um grupo maior, como uma tribo, ou ainda um povo inteiro (casa de Israel). Por este motivo, o templo era formado não só pela estrutura mas também pelas famílias e por todo o povo de Israel e, assim, ele era chamado casa de Javé²⁴⁴.

O dever dos pais era de comunicar o ensinamento de Javé, de um Deus amoroso, misericordioso e fiel, como é apresentado no Dt. A fala estava ligada essencialmente à prática, envolvendo todo o ser e em todos os momentos. A forma de falar sentado dá a conotação de autoridade, pois só quem tivesse autoridade de mestre podia ensinar sentado.

Watts²⁴⁵ destaca que manter a lei no centro da atenção não é tão prático e requer um método. Dos vv 7-9 surgem medidas práticas para oportunizar a vivência da lei, como construir a ponte entre o sermão no Templo e as recordações diárias que possibilitem sua aplicação. Esta consiste na instrução religiosa, adequada nos lares. Deste modo, assim que os pais se tornarem cientes de sua obrigação de ensinar diligentemente as verdades aos seus filhos, estarão cumprindo o requisito para que as coisas tenham um lugar constante em seus pensamentos e os valores essenciais contidos nas exigências éticas da aliança não serão esquecidos.

²⁴³ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 152.

²⁴⁴ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p.154.

²⁴⁵ WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p.225 e 256.

3.6.3 *Andando em teu caminho, deitado e de pé.* : וּבְלִכְתָּךְ בַּדֶּרֶךְ וּבְשֹׁכְבְךָ וּבְקוּמְךָ :

O texto ressalta a ordem dada por Javé que importa ser seguida todos os dias e em todas as situações, andando, deitado e de pé²⁴⁶, como o versículo cita. Andar carrega a dimensão dinâmica da vida, pois no AT, o caminho significa a vida do homem ou uma parte dela: a experiência humana, sucesso ou desgraça. Em algumas citações, a palavra caminho refere-se a um conceito ético e designa a maneira de viver e comportar-se (Pr 1,31). As coisas pertencentes à palavra de Deus buscam também fazer parte normalmente da conversa durante todas as atividades do dia, quer em casa, quer nos negócios, quer nos períodos de final do dia, antes de dormir, ao levantar-se e ao iniciar cada dia²⁴⁷. As verdades de Deus, a sua palavra e a sua vontade devem fazer parte natural e normalmente, da conversa em casa, no caminho, de noite e de dia²⁴⁸. Inevitavelmente tudo isso fará parte da vida e das decisões do povo, possibilitando situações que enfoquem a paz. .

De modo muito especial, o caminho do homem lhe é mostrado pela vontade de Javé. Em algumas ocasiões, esta palavra não aparece diferente do termo mandamento²⁴⁹ (Dt 5,23; Ex 32,8). Em outra perspectiva, os caminhos de Deus aparecem como a conduta, o desígnio e os atos do homem, pois eles são amor e fidelidade (Sl 25,10). A devoção de Israel aos mandamentos de Deus precisa ser total. Israel procura estar sempre atento e lembrar da lei sob qualquer circunstância. O judaísmo primitivo transportou as metáforas em ordens. O costume judaico era o de usar filactérios²⁵⁰ contendo o *Shemá* ou outros textos bíblicos.

No entanto, Jesus fez uma crítica a este processo porque nem sempre a obediência a essa ordem era acompanhada pelo tipo de total obediência prefigurada pelo v. 5(Cf Mt 23,5). Os Judeus também começaram a prender um *mezuzah*²⁵¹ à parte superior da ombreira da porta. O Dt tenta assegurar que cada israelita, em suas casas e em toda

²⁴⁶ Conforme os autores: MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p.705; SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 231, no At, em torno de 250 vezes se fala dos pés ou das pernas. Em Hebraico, pés e pernas têm o mesmo significado.

²⁴⁷ WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p.256.

²⁴⁸ THOMPSON, J.A. *Deuteronomio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 119.

²⁴⁹ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p.137.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 348: Filactérios eram pequenos estojos de couro contendo rolos diminutos com trechos bíblicos que os judeus usavam no braço e na testa .

²⁵¹ *Ibid.*, p. 735 - Mezuzah : pequeno estojo contendo um texto bíblico escrito.

comunidade se destaque na fidelidade a Deus. A base da fidelidade é a libertação divina de Israel da escravidão (v. 12) e a instância divina na fidelidade. Não há necessidade de determinar a força da fidelidade de Deus a Israel; pois foi tentado anteriormente com resultados desastrosos²⁵².

3.7 TU AS ATARÁS TAMBÉM À TUA MÃO COMO UM SINAL, E SERÃO COMO UM FRONTAL ENTRE OS TEUS OLHOS (Dt 6, 8).

וְקִשְׂרֹתֶם לְאוֹת עַל־יָדְךָ וְהָיוּ לְטֹטְפֹת בֵּין עֵינֶיךָ:

Este versículo contempla a necessidade de Israel representar com sinais visíveis a observância das leis de Javé, que eram recordadas nas ações diárias, através do uso dos filactérios.

3.7.1 *Tu as atarás também à tua mão como um sinal...* וְקִשְׂרֹתֶם לְאוֹת עַל־יָדְךָ

A citação inicia indicando a ação de atar nas mãos²⁵³ as palavras que Javé ordenara como um sinal visível: *Tu as atarás também à tua mão como um sinal...* O que fora originalmente dado como uma metáfora tornou-se, mais tarde, para os Judeus, uma ordem literal. Esta passagem, juntamente com Dt 11,13-21; Ex 13,1-10 e 11-16, era escrita em pequenos rolos colocados em pequenos invólucros de couro atados à testa e ao braço esquerdo, quando o *Shemá* era recitado²⁵⁴. A ação de atar representa um sinal necessário para a recordação da ordem de Javé. A palavra mão tem um rico e amplo conceito na antropologia bíblica, indicando poder, propriedade, atividade, energia e dinamismo. É sinônimo da própria pessoa que, em consequência, vê, conhece, aprecia, julga, fala, decide, atua e se compromete, conforme escrito neste versículo²⁵⁵.

²⁵² HOPPE, Leslie J. *Deuteronômio*. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuteronômio*. 1999, p. 193.

²⁵³ Conforme SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 195: Com mais de 1600 referências, “mão” (hebraico yad), é uma das mais frequentes palavras da Bíblia hebraica. Para o semita, yad indicava braço e mão como um todo.

²⁵⁴ THOMPSON, J.A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 119.

²⁵⁵ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 131.

O fazer humano se concentra nas mãos e tem o significado de usá-las. Todas as ações, como os ensinamentos, correspondem às práticas do bem, da justiça e da paz. As ações realizadas por elas se tornam a prática viva da revelação de Javé e a imagem concreta do seu amor²⁵⁶. Em hebraico, יָד (yad) significa mão e força, a mão expressa atividade, força, senhorio²⁵⁷. Ela é tida como um símbolo de poder e supremacia, expressando a idéia de atividade, potência, domínio. As mãos fazem parte da totalidade do ser humano e tornam-se instrumento da ação de Javé, na qual a prática diária se tornará uma unidade com a ordem dada por Ele. Com isto, ser tocado pela mão de Deus é receber a manifestação de seu espírito, sendo, às vezes, as mãos comparadas com o olho: vê também²⁵⁸. As mãos agem conforme aquilo que os olhos vêem, ou seja, ao vermos justiça as mãos praticaram ações justas.

Pôr as mãos nas mãos do outro é entregar a liberdade e abandonar o poder, pois o ato de imposição possibilita transferir energia e potência. Crer nas mãos de Deus ou de tal homem significa estar a sua mercê. Poder ser enviado ou aniquilado por ele. A mão é símbolo de ação diferenciadora, ela é como uma síntese exclusivamente humana, é passiva no que contém e é ativa no que tem. Serve de arma e utensílio e se prolonga por seus instrumentos²⁵⁹.

Israel deve ensinar as leis de Javé sem negligência e constantemente, o povo deve atá-las como um sinal em várias partes do corpo, e escrevê-las. O amor de Deus e as exigências de sua aliança deveriam ser o interesse central e que absorvesse toda a vida do homem²⁶⁰.

Na seqüência do versículo a palavra *sinal* representa o símbolo que indica a existência ou a presença do seu significado. Ele dirige a atenção para a realidade na qual está inserida. Neste encadeamento, o sinal refere-se à ação que será realizada a partir das palavras que Javé ordena. O sinal raramente é usado como presságio ou entendido por

²⁵⁶ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 120.

²⁵⁷ HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos. Imagens e sinais da arte cristã*. 1994, p. 232.

²⁵⁸ CHEVALIER, Jean. GUERBRANT, Alan. *Diccionario de los Símbolos*. 1986, p. 682, 684, 685.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 284, 682, 684 e 685.

²⁶⁰ THOMPSON, J.A. *Deuteronomio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 119.

adivinhação. Na narrativa dos atos salvíficos de Javé, o uso dos filactérios²⁶¹, pelos judeus, se torna um sinal e um memorial na mão e na testa (Ex 13,9.16; Dt 6,8; 11,18).

3.7.2 Serão como um frontal entre os teus olhos; וְהָיוּ לְטִטְפַת בֵּין עֵינֶיךָ:

No uso bíblico, o olho não é apenas o órgão da vista. No AT aparece como uma figura muito comum que indica toda a pessoa, como sede de funções psíquicas, sendo considerado também como o órgão do julgamento e da decisão²⁶². Quem vê tem segurança na escolha porque vê o bem e quem o pratica, assim como são visíveis as ações de Javé em favor da paz.

O olho humano ou divino reflete a vida interior, os sentimentos do coração, intenções, juízos, esperanças, desejos e atitudes, já que é porta. Contudo, pode ser considerado também como fotografia do coração e a exteriorização da pessoa²⁶³. Seguir a ordem dada por Javé consiste em realizar ações coerentes e promotoras do bem em vista da paz. As conseqüências das escolhas feitas são vistas por olhos que podem optar pela vida ou pela morte, mas neste estudo, é apresentada a escolha pela vida e por ações que demonstram um relacionamento com um Deus amoroso que quer vida digna para todos.

O termo frontal está vinculado à faixa que os judeus usam à volta da cabeça²⁶⁴ para ser lembrado em todos os momentos do dia, desde o acordar até o dormir. Nesta faixa há um estojo com pequeno rolo de oração com o “*Shemá Israel*”, lembrando a obrigação de ouvir a voz de Deus. Recorda o relacionamento amoroso entre Deus e o povo, que é o fundamento deste ouvir²⁶⁵.

²⁶¹ Conforme MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 348 e 881, Filactérios tem o significado de proteção. Eles eram usados na cabeça e no braço. Eles confirmam o *Shemá*, a profissão de fé em um único Deus conforme é citado em Dt 6,4-9.

²⁶² SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p. 66.

²⁶³ SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. 2000, p. 150.

²⁶⁴ PEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio* – Dicionário da Língua Portuguesa séc. XXI. p. 945.

²⁶⁵ SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. 2003, p.165.

3.8 TU AS ESCREVERÁS NOS UMBRAIS DA TUA CASA, E NAS TUAS PORTAS (Dt 6, 9).

וּכְתַבְתֶּם עַל־מְזוּזוֹת בַּיְתֶךָ וּבַשְּׁעָרֶיךָ:

Neste último versículo, o ato de escrever representa um dos meios visíveis para recordar a ação de Javé. Escrever nos umbrais das casas, nas portas e nos portões dos povoados e cidades destaca a importância da centralidade em Javé, tornando-a visível para todos os que chegam ou passam pelas casas, entram ou saem das cidades ou templos. Os povos antigos costumavam decorar a porta²⁶⁶ com amuletos para que pudessem se proteger contra os maus espíritos. Esta prática, segundo Mackenzie²⁶⁷, pode ser o reflexo da prática hebraica de pendurar na porta o *mezuzah*.

Os israelitas, além de carregarem pequenos textos nos braços, desenvolveram outra prática, a de colocar estas quatro passagens (Dt 6,4-9 e 11,13-21; Ex 13,1-10 e 11-16) em pequenos recipientes que eram afixados no portal de entrada da casa (*mezuzah*). Cópias antigas de tais documentos foram encontrados nas cavernas de Qumran e em outros lugares. Tais práticas tiveram significado profundo para algumas pessoas. As breves passagens da Escritura eram *sinais* que representavam todo conteúdo da lei, que deveria ser ensinada e observada. Quando esta prática foi transformada em mero legalismo, o espírito da antiga ordem foi destruído, pois o que sustentava os homens na obediência a Deus era a lembrança de suas misericórdias passadas. Tais *sinais* já eram suficientes e não precisavam de quaisquer lembretes físicos. A recordação dos atos salvadores de Deus e a declaração das exigências de sua aliança já manteriam viva a fé e lealdade de Israel²⁶⁸.

Os judeus ortodoxos aceitam os v. 8 e 9 como uma grande verdade e os usam em cópias dentro de caixinhas, nos pulsos e na testa, durante as orações, e as chamam de filactérios. Eles colocam fragmentos de pergaminho com estes versículos em caixinhas metálicas de *mezuzah* e as depositam nas portas de suas casas²⁶⁹.

²⁶⁶ Conforme ALLMEN, J.J. Von. *Vocabulário Bíblico*. 1972, p.332, além do seu sentido próprio, porta também é designada para representar uma casa, cidade ou lugar de habitação.

²⁶⁷ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1984, p. 735.

²⁶⁸ THOMPSON, J.A. *Deuteronomio: Introdução e Comentário*. 1982, p. 119.

²⁶⁹ WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. 1986, p. 256.

A porta é símbolo da passagem de um lugar para o outro²⁷⁰. Ela é considerada passagem entre os estados, os mundos, o conhecido e o desconhecido, da luz às trevas, do tesouro à necessidade. A porta se abre a um mistério, sua abertura permite entrar e sair e é passagem possível de um domínio a outro, do sagrado ao profano. Nas igrejas e nos templos as portas são aberturas de peregrinação sagrada que conduz até à presença real da divindade²⁷¹.

A palavra umbral e sua significação esotérica provém de seu papel e de passar entre o exterior (profano) e o interior (sagrado). Umbral também simboliza a separação e a possibilidade de uma aliança, de uma união, de uma reconciliação. Manter-se no umbral é manifestar o desejo de aderir às regras que regem a morada. Pôr-se sob o umbral é pôr-se sob a proteção do dono da casa: Deus. Cruzar o umbral exige certa pureza do corpo, da intenção e da alma²⁷².

Para finalizar, percebemos que no texto, o pronome pessoal “tu” aparece três vezes acompanhado por verbos. Esta forma de expressão reflete ações que venham fazer parte do interior de cada membro do povo de Deus e os levem a fé e ao compromisso. Com isto, a exclusividade de Deus se estende na obra da criação, da salvação e da santificação.

²⁷⁰ BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. 1999, p. 223.

²⁷¹ Cf. CHEVALIER, Jean. GUERBRANT, Alan. *Diccionario de los Símbolos*. 1986, p. 855; HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos. Imagens e sinais da arte cristã*. 1994, p. 297.

²⁷² CHEVALIER, Jean. GUERBRANT, Alan. *Diccionario de los Símbolos*. 1986, p. 1036.

4 O *SHEMÁ*, UM CAMINHO PARA A CULTURA DE PAZ

O presente capítulo aponta o *Shemá* como um caminho para a formação da cultura de paz. Ele é citado por Cristo, no Evangelho, como *o primeiro e o maior mandamento da Lei*, seguido do segundo que é *amarás o teu próximo como a ti mesmo* (Mt 22,34-40). Ao atualizarmos o *Shemá* como um caminho, destacamos atitudes importantes e necessárias que são fundamentais na contemporaneidade, tais como: o *ouvir* nos remete a recordar os acontecimentos da história, tanto positivos quanto negativos. O *amar* expressa-se em atitudes de testemunho do amor a Deus, através de práticas que formam uma organização social não apoiada na violência, mas determinada por estruturas fraternas²⁷³. As *palavras que hoje te ordeno* são os Dez Mandamentos e as suas leis complementares, que guiam e impelem à vida, indicam um caminho com práticas de justiça²⁷⁴ para construir uma sociedade sem empobrecidos e excluídos. A atitude de *inculcar aos filhos* os ensinamentos de Javé revela a necessidade de ser testemunha desta experiência, conservando-a de geração em geração. Conseqüentemente, o *Shemá* é um caminho que reflete a ação de Javé, tendo como fundamento os mandamentos, buscando fortalecer a fé que é centro de tudo, apontando para mudanças de atitudes pessoais em vista de ações solidárias e de paz.

Como caminho, o *Shemá* se torna uma possibilidade de instaurar uma tradição de paz que venha envolver os povos de diferentes raças, cores e credos. No primeiro momento, resgataremos a história de Israel como experiência de liberdade e paz, seguido das contradições vividas na contemporaneidade que se caracterizam pela violência e injustiças. No terceiro momento, trabalharemos os fundamentos para compreendermos a paz, com os aspectos que a permeiam, como a solidariedade, o diálogo, a tolerância, o pluralismo cultural, até chegarmos ao comunitarismo solidário. Por fim, indigitaremos algumas organizações sociais como sinais que evidenciam o *Shemá* e efetivam a cultura de

²⁷³ BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuteronômio*. 2003, p.113.

²⁷⁴ ZENGER, Erich. *O Deus da Bíblia*. 1989, p. 73.

paz, pois trazem como primícias valores essenciais nas relações pessoais que promovem vida e dignidade.

4.1 ISRAEL E A EXPERIÊNCIA DE PAZ

Ao abordarmos a história do século VIII e VII, descrevemos as ações dos reis Ezequias e Josias que implementaram a reforma política e religiosa na intenção de unificar o Norte e o Sul de Israel em torno de um Deus, um povo, uma terra, um santuário e uma lei. Esta unificação tinha o objetivo de garantir que a dinastia davídica reinasse para sempre e triunfasse sobre todos os inimigos²⁷⁵. Fundada na ação concreta da libertação da escravidão do Egito, a comunidade de Israel foi convocada a ouvir e amar Javé de forma incondicional e em qualquer circunstância de sua vida. Este dever de Israel era a condição que Javé ordenara para lhes garantir a liberdade e a permanência na terra conquistada.

No processo de unificação, houve a reforma do Templo realizada pelo rei Josias. O objetivo era purificá-lo das práticas estrangeiras cananéias, como o culto a Aserá e a Baal e do culto cananeizado a Javé que tinham a imagem da serpente como uma divindade. Durante este processo, foi encontrado o Livro da Lei, que a profetiza Hulda declarou como autêntico, o que deu ênfase à reforma religiosa.

Este Livro da Lei é o Dt original, contendo leis, sobretudo de cunho litúrgico que levaram Israel a preservar a fidelidade ao projeto de Javé. Com acréscimos no tempo de Josias, sustentaram a independência de Israel da Assíria, em termos políticos, econômicos e religiosos. O Dt original foi o rompimento com o centro de dominação assírio e a opção incondicional por Javé, como o Deus único e libertador. Esta é a hora histórica do *Shemá*, pois o povo de Israel, livre da dominação assíria, só escutará a voz de Javé e é só ele que os israelitas irão amar. Com isto, o Dt original tornou-se a constituição do povo de Israel que visava criar uma sociedade sem empobrecidos e excluídos²⁷⁶, apelando para a justiça e a fraternidade e fundamentando uma cultura para paz.

²⁷⁵ BRIGHT, John. *História de Israel*, 1985, p.374.

²⁷⁶ KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação do Deuteronômio: Programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*. 1999.

O livro do Dt não é uniforme, pois possui enfoques diferentes em relação aos períodos dos reis, conforme citamos a cima. Nesta pesquisa, a análise contemporânea decorre do *Shemá* porque o contexto histórico em que se situa o Dt fundamenta um Deus amoroso, misericordioso, que quer justiça e dignidade ao povo. O relacionamento apresentado no Dt entre Deus e Israel é de confiança, de amor e de fidelidade. Na atualidade este relacionamento está enfraquecido, inclusive os valores que a ele eram agregados, como a solidariedade, a fraternidade e paz. No período em que Israel se encontrou livre do poder da Assíria, vivenciou um período de paz. Diante disto, ao analisar a contemporaneidade, cito o *Shemá* como o fundamento necessário para haver situação de paz em vista de uma cultura de paz.

Ele resume o regulamento proposto ao povo de Deus afirmando que Javé pôs diante de Israel, a vida e a morte, a bênção e a maldição, indicando a escolha pela vida (Dt 30,19)²⁷⁷. Esta escolha pela vida está relacionada com o *Shemá*, como um convite que perpassa o ouvido, o coração, a alma e a força e o leva a recordar a fidelidade e a ação de Javé, sendo ele um caminho que proporciona paz²⁷⁸. Com Jesus Cristo, o projeto de Javé apresenta uma nova dimensão, a do *amar o próximo como a si mesmo* (Mt 22,39). Este amor ao próximo ultrapassa as diferenças religiosas, políticas e culturais na formação de uma cultura de paz, onde o *Shemá* passa a ser compreendido como portador de valores essenciais como: a solidariedade, a tolerância e a fraternidade que proporcionam ações de paz.

4.2 ALGUNS PROBLEMAS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

A ação de Javé já havia sido experienciada por Israel, proporcionando a solidariedade, a cooperação, a dignidade e harmonia que vieram garantir a paz, pois Israel revela que a aliança firmada com seu Deus é uma aliança de paz, como se afirma em vários textos bíblicos (Nm 6,26; Nm 25,12; Is 26,12; Is 54,10; Ez 34,25)²⁷⁹.

²⁷⁷ *Solidariedade e Paz: manual CF-2005 ecumênica*. p. 47.

²⁷⁸ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p. 126.

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 126.

No decorrer dos últimos séculos de nossa história, houve um relativismo quanto à proposta de Javé no *Shemá*, no qual o sentido antropológico e político-social ocasionou um pensar do homem como ele sendo o centro de todas as realizações. O interesse individual daqueles que exerceram o poder proporcionou uma distorção de valores e o afastamento do projeto de vida deixado por Javé. A partir desta realidade, podemos citar a Segunda Guerra Mundial, denominada Guerra Fria que foi até o final da década de 1980 e a queda do Muro de Berlim. E, nos anos de 1990, as guerras “quentes” dominadas pela afirmação absoluta do capitalismo como sistema econômico, na fase neoliberal, caracterizadas pela fome, exclusão, narcotráfico, intolerância racial, marginalização e preconceitos, multiplicando as formas de violência²⁸⁰.

Com a cultura da violência instaurada em nossa realidade, surge um ser humano cada vez mais individualista, passando a valer a experiência e a convicção pessoal, fruto do raciocínio lógico que cada um possui²⁸¹, resultado de uma situação neoliberal. Na contemporaneidade, a auto-suficiência do homem substituiu Deus e os ídolos de todos os tipos nortearam a sociedade, impedindo a efetivação de uma cultura de paz a partir da proposta do *Shemá*, pois a opção por Javé, o Deus da libertação e da vida, da solidariedade, da tolerância, do amor ao próximo não foi valorizada, cristalizando-se assim, como essencial, a natureza humana, e a cultura do egocentrismo²⁸².

O cenário atual apresenta uma realidade cercada de conflitos. Seus efeitos devastadores perduraram ao longo das gerações, tornando-se difícil estabelecer relações de solidariedade, de cooperação e respeito à individualidade e subjetividade do ser humano. A degradação do meio ambiente, da economia e da cultura de paz, fez a humanidade experimentar o problema da violência, da intolerância e do afastamento de Deus, gerando situações que sustentam uma cultura de violência, dificultando assim, o surgimento de sinais duradouros para a construção da paz²⁸³.

No século recém terminado, mais de 200 milhões de pessoas – a grande maioria de cidadãos indefesos – foram massacradas em guerras, revoluções e conflitos políticos,

²⁸⁰ CANDAU, Vera M. *Por uma Cultura da Paz*. <<http://www.dhnet.org.br/direitos/bibpaz/textos/cpaz.htm>>

²⁸¹ GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia Crítica: Alternativas de Mudança*. 1986.p.37.

²⁸² GUARESCHI, Pedrinho A. *Psicologia Social Crítica: como prática de Libertação*. 2004. p.40.

²⁸³ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p. 18.

religiosos e étnicos, sem falar nas vítimas da violência diária de nossos povos e cidades. A violência se tornou um fato comum não só nos campos de guerra, mas também nas ruas da cidade e nos lares de nossas sociedades mais avançadas²⁸⁴.

Este aumento exacerbado de conflitos apontam para a realidade social em que vivemos, onde a globalização torna-se incapaz de prevenir as ameaças que se apresentam à paz, porque a revitalização cultural tende a levantar muros que separam as pessoas umas das outras. A intolerância deriva dos mal-entendidos entre as pessoas, resultando em barreiras desnecessárias²⁸⁵.

Pelo mundo, espalha-se o empobrecimento progressivo, compreendendo o flagelo do ser humano, as limitações decorrentes do sistema neoliberal com seus problemas conseqüentes como a fome, a doença, a violência, a deteriorização do ser humano e a degradação da sociedade. No Brasil, cerca de 50 milhões de pessoas vivem abaixo da linha de pobreza e não são raras as histórias de pessoas que se alimentam de lixo urbano, inclusive de lixo hospitalar. Segundo os dados do IBGE²⁸⁶, os mais ricos, 1% da população, concentram 13,8% da renda, enquanto os mais pobres, 50% da população, participam de 13,5% da riqueza²⁸⁷.

E temos, como conseqüência, também a alteração drástica das relações de sociabilidade. Mais do que nunca, o ser humano é colocado em uma luta fratricida pela sobrevivência, submetendo todo e qualquer critério de relação social e humanitária, em todos os seus aspectos, ao princípio da competição²⁸⁸.

A realidade apresentada é fruto desses sistemas fechados sobre si mesmos, incapazes de incluir a todos e, por isso, produtores permanentes de vítimas, geradores da exclusão mundial²⁸⁹. Tais situações desumanas, denunciadas pelos profetas e condenadas pelo Evangelho, evidenciam a cultura de violência que permeia a história global e se

²⁸⁴ GÓMEZ, Leonel Narváez. *Cultura da paz e prevenção da violência*. In: A reconciliação: para prevenir a violência e construir a paz duradoura. 2003, p.15.

²⁸⁵ MIGLIORE, Celestino. *Intervenção da delegação da Santa Sé na ONU sobre a Cultura da Paz*. 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia.html>

²⁸⁶ Cf Correio Brasiliense, 29/04/2000, p.11. Apud ABDALLA, Maurício. *O princípio da cooperação em busca de uma nova racionalidade*. 2002, p.38.

²⁸⁷ ABDALLA, Maurício. Op. cit. p. 37 e 38.

²⁸⁸ Ibid., p. 40.

²⁸⁹ BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. 2003. p. 65.

colocam claramente contra a vontade de Deus, proclamada no Dt. A manifestação da vontade de Deus é sintetizada através do *Shemá* que trazia esperança e levava Israel a crer no seu amor e na sua fidelidade²⁹⁰.

Esta esperança que o *Shemá* trazia a Israel perpassa hoje as barreiras das indiferenças sociais e a vulnerabilidade do empobrecimento em que inúmeras pessoas vivem, nas quais os valores como a solidariedade e a tolerância auxiliam para a formação da cultura de paz. A vinculação essencial da proposta do *Shemá* com a proposta de amor ao próximo, nos compromete não só com a ruptura com os ídolos, mas também com a ruptura com o sistema de globalização neoliberal que é incapaz de propor ações que possibilitem a instauração de uma tradição²⁹¹ para uma cultura de paz²⁹².

4.3 FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA PAZ

A humanidade, no decorrer da história, diante dos acontecimentos, descobertas, conflitos, degradação dos valores, vistos acima, sentiu-se impelida a fazer uma releitura destes fatos marcantes. Com isto, nota-se a necessidade de voltar-se a Deus, ouvi-lo e amá-lo como nos mostra o Dt. Mostraremos, a seguir, um caminho possível para a existência de uma cultura de paz, onde o *Shemá*, na perspectiva do amor ao próximo, é o fundamento que concretiza esta proposta. Para isto citaremos algumas compreensões do conceito de paz.

O conceito de paz²⁹³ é complexo e se diferencia de povos para povos, conforme a sua necessidade. Dificilmente pode ser separado das condições socioculturais e socioeconômicas²⁹⁴. Na Bíblia, a palavra *shalom* aparece 239 vezes e é saudação que comunica uma paz completa, resumo de tudo de bom que Deus quer oferecer, quando faz

²⁹⁰ LIBÂNIO, João Batista. *Qual o caminho entre o crer e o amar*. 2004, p. 56.

²⁹¹ Segundo GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p. 67, tanto a ONU, quanto a UNESCO desenvolveram a temática da paz como tradição. Esta tradição foi desenvolvendo e aprofundando a compreensão inicial apresentada e, nos últimos anos, sistematizada pelo conceito de cultura de paz.

²⁹² KRÜGER, René. *Proclamar Liberdade*. 1993, p. 164-167.

²⁹³ ROCHA, Felipe. Educar para a Paz. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 1989, p. 243. destaca que a palavra *paz* existe em todas as línguas, das quais apresentamos algumas: *shalom* para os hebreus, *al-islam* para os árabes, *eirene* para os gregos, *paz* (derivado de *pactum*) para os romanos, *snati* (= paz) e *ahimsa* (= não violência) para os indianos, *heiwa* para os japoneses, *ho p'ing* para os chineses e assim por diante.

²⁹⁴ *Ibid.*, p. 249.

aliança com o povo. Conforme a Manual da CF 2005²⁹⁵, ela abrange muitos outros significados como: bem-estar, felicidade, saúde, segurança e relações sociais equilibradas; harmonia consigo mesmo, com o próximo e com Deus. Não é só o contrário de violência e ódio, mas é a vida como ela devia ser.

Ao falarmos em paz, nos referimos à relação entre Javé e Israel, qualificada pelo *Shemá*, através do qual Israel recordava o projeto de libertação e fidelidade, e os valores essenciais como a solidariedade, a fraternidade e a justiça, bases para o equilíbrio nas relações comunitárias e para a adequada valorização da vida.

Na Bíblia, os fundamentos da paz nascem da aliança entre Deus e Israel, ao passo que o afastamento de Javé para o seguimento dos outros deuses gera a violência, insegurança e indiferença²⁹⁶. O povo, ao se distanciar de Deus, quebrou a aliança feita com Javé, ficou sem referência, sem unidade, sem cooperação e solidariedade, tornando-se frágil e sem resistência às imposições dos outros reinos.

4.4 ASPECTOS QUE PERMEIAM A PAZ

A paz é fruto da vivência de valores necessários na sociedade. Para gerar uma cultura de paz, consideramos necessária ações que contenham o *Shemá* como um caminho para a paz e, associados a ele, trazemos conceitos que abrangem as dimensões relacionadas a este temário, tais como: a solidariedade, o diálogo, a tolerância, o pluralismo cultural e o comunitarismo solidário como fundamentos para elaborar um caminho que consolida a paz.

4.4.1 A solidariedade

A proposta bíblica é que haja paz. Segundo Guimarães²⁹⁷, a paz tem um nome novo, que se chama solidariedade. A busca de compreensão da solidariedade parte do princípio da igualdade, que elimina relações de inferioridade ou superioridade. Só há

²⁹⁵ *Solidariedade e Paz*: manual CF-2005 ecumênica. p. 51.

²⁹⁶ *Solidariedade e Paz*: manual CF-2005 ecumênica. p. 46

²⁹⁷ Guimarães, Marcelo R. *Um novo mundo é possível*. [s/d] p. 65 e 79.

solidariedade com justiça que culmina em ações em vista de uma organização e mudança de estruturas sociais. Não há paz sem solidariedade, porque, no momento em que as pessoas e os povos se regem por ela, há uma relativização dos conflitos e novos enfoques das relações. Assim, é importante que a paz seja alicerçada num compromisso de reciprocidade, em que todos se importam com todos²⁹⁸.

Para que a paz e a solidariedade sejam duradouras, impende construir uma cultura de paz. A cultura de paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não-violenta dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais – o princípio do pluralismo – e que assegura e sustenta a liberdade de opinião²⁹⁹.

Quando falamos em cultura, referimo-nos às relações cristalizadas, as formas de relacionamento criadas pelo homem, ou seja, tudo o que ele faz para poder sobreviver e se relacionar com o mundo exterior. É a sua maneira de falar, de vestir, de morar, de comer, de trabalhar, de rezar e de se comunicar. Esta cultura passa a ser a sua garantia e a sua defesa. É a forma que o povo tem de auto-afirmar-se e fortalecer-se na razão de seu existir³⁰⁰.

4.4.2 O diálogo e a tolerância

A UNESCO³⁰¹ tem estimulado muitas pesquisas sobre cultura de violência e cultura de paz. As análises partem do desvelamento dos mecanismos de formação de uma cultura de violência onde uma das bases é a tolerância³⁰². A tolerância está entre os valores essenciais à vida democrática. É uma atitude ativa, fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro. Ela é o respeito e a

²⁹⁸ *Solidariedade e Paz*: manual CF-2005 ecumênica. p. 44.

²⁹⁹ ABRAMOVAY, Miriam et alii. *Escolas de Paz*. UNESCO, 2001, p. 19.

³⁰⁰ GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia Crítica: Alternativas de Mudança*. 1986, p. 104-105.

³⁰¹ Conforme GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p.61, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) foi criada em 1946, proporcionando um desenvolvimento de pesquisa em torno da temática da paz. Ela surgiu a partir de elementos que vão caracterizar a tradição da paz, por exemplo, a convicção de que as mentes humanas constituem-se o lugar privilegiado de erguer “as defesas da paz”, a percepção de que a incompreensão entre os povos e a desconfiança entre as nações está na raiz das guerras, ou consciência da necessidade de fundar a paz num núcleo intelectual e moral.

³⁰² GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p. 20.

aceitação da diversidade das culturas do mundo. Não é só um dever de ordem ética, mas uma necessidade política e jurídica. E também é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de Paz. A tolerância é a harmonia na diferença³⁰³.

Häring e Salvoldi³⁰⁴ salientam que a harmonia na diferença é um atributo para se construir a cultura da paz que se dará através do diálogo ecumênico, entre as culturas e entre as religiões. Como diálogo se entende o relacionamento interpessoal e existencial entre o eu, o tu e o nós, servindo para aplacar os ânimos, enriquecendo cada um a partir das contribuições trazidas por pessoas diversas. Eles ressaltam que o diálogo ecumênico, para a construção de uma cultura de paz, tem como base os temas justiça e paz que unem a todos em busca da realização de uma obra comum de evangelização, contribuindo, assim, para unificar e vivificar o gênero humano. Dialogar entre as culturas não é absolutizar uma ou outra cultura. É, sim, reconhecer a humanidade como uma grande família e que se faz necessário o respeito, a sua forma de ser, de viver, suas tradições, costumes, crenças, ou seja, a sua cultura como tal. O diálogo entre as religiões acontece se as relações forem baseadas na gratuidade, no respeito recíproco, na escuta e no diálogo, onde todos devem se abrir mais para ouvir e ver as situações de vulnerabilidade humana e a falta de valores na sociedade. O diálogo não depende da eloquência, mas do testemunho gerado através de ações que refletem a caridade libertadora e as relações de igualdade e solidariedade.

A partir do que citamos, Häring e Salvoldi³⁰⁵ afirmam que, para haver uma cultura tolerante, uma cultura de paz, o diálogo inter-religioso e ecumênico encontra o seu fundamento nas palavras de Jesus que, ao citar o Dt 6,5 acrescenta *amar o próximo como a si mesmo*. Assim ocorre a união que Jesus faz entre Dt 6,5 e Lv 19,18, porque em Lc 10,27 é o levita que responde a Jesus. Por isso, ao acrescentar o amar ao próximo, partimos do pressuposto de que haja uma relação de fidelidade, de amor e reconhecimento a Javé, vinculado ao relacionamento com Deus e com o próximo vivenciado com o Shemá. Este amor pressupõe um amor incondicional, que ultrapasse as diferenças culturais e religiosas,

³⁰³ ABRAMOVAY, Miriam et alii. *Escolas de Paz*. UNESCO, 2001, p.19.

³⁰⁴ HÄRING, Bernhard; SALVOLDI, Valentino. *Tolerância: Por uma ética de solidariedade e de paz*. 1995, p. 91-97.

³⁰⁵ HÄRING, Bernhard; SALVOLDI, Valentino. *Tolerância: Por uma ética de solidariedade e de paz*. 1995, p. 98-99.

na perspectiva do respeito ao próximo, para que possam emergir outras ações em vista de uma cultura de paz.

4.4.3 O Pluralismo cultural

Dentro de uma cultura de paz citamos também o princípio do pluralismo que é afirmado por Felipe Rocha³⁰⁶ como uma atitude face à realidade, quer material, quer humana. Este pluralismo consiste na aceitação das diferenças. No plano cultural³⁰⁷, o pluralismo pode entender-se fundamentalmente de dois modos: estático e dinâmico. O estático pretende perpetuar a situação plural atualmente existente, ou seja, trata de uma forma conservadora de encarar a sociedade, a cultura e a vida. Este pluralismo não é sinônimo de paz, mas de guerra. Já o pluralismo dinâmico promocional, pelo contrário, apresenta-se não tanto como um fato, mas como meta a atingir, ou melhor, uma aspiração a concretizar em cada dia. Este pluralismo promocional não visa uniformizar as pessoas e seus valores, mas procura uma convergência que as respeite, podendo levar a paz, assegurando e sustentando a liberdade de opinião. O pluralismo cultural é uma força diretriz para a paz e para a solidariedade internacionais e para o desenvolvimento sustentável³⁰⁸. Ele reafirma a importância da superação das diferenças culturais na construção de uma cultura de paz reforçada nas palavras de Jesus de amar o próximo como a si mesmo como complemento do *Shemá*. A fé é fonte de amor a Deus que é misericordioso e justo. O *shemá* é um caminho de fortalecimento e agregador de valores que respeitam a cima de tudo as diferenças em vista da paz.

Sendo o pluralismo a base cotidiana de uma cultura que respeita todos os direitos individuais, nos deparamos com necessidade de, além da violência clássica da guerra e do homicídio, combater a pobreza e as privações no campo das necessidades materiais, a repressão e a privação dos direitos humanos, estabelecendo uma correspondência entre violência estrutural e injustiça social, tendo é ampliado o conceito de violência para algo

³⁰⁶ ROCHA, Felipe. Educar para a Paz. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 1989, p. 265-266.

³⁰⁷ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um novo mundo é possível* [s/d].p. 48, conceitua *pluralismo* cultural como variedade de culturas, percepções humanas, comunidades e etnias existentes em nosso mundo.

³⁰⁸ Em <http://www.comitepaz.org.br/a_unesco> encontramos que o princípio do pluralismo assegura e sustenta a liberdade de opinião.

evitável que obstaculiza a relação humana³⁰⁹. Desta forma, concordamos com Abdalla³¹⁰ que cita o princípio da cooperação como eixo fundamental para edificar novas formas de relacionamentos humanos. Não se trata, pois, de substituir um eixo por outro, mas, sim, de um processo civilizatório que irá proporcionar justiça e dignidade à humanidade, promovendo, assim, relações de igualdade para uma cultura de paz.

4.4.4 O Comunitarismo solidário

Para compreendermos as relações de igualdade num processo civilizatório de construção da cultura de paz, o ser humano, seus valores, sua conduta e relações necessitam ser concebidos dentro de uma sociedade que prime pela solidariedade, cooperação e participação. Neste sentido, Pedrinho Guareschi³¹¹, ao analisar a sociedade, assevera que, para que aconteça o *comunitarismo solidário*, o ser humano necessita ser visto como pessoa-relação, sendo um, singular e específico. Ele é um, mas não pode ser sem os outros. O ser humano sendo um e múltiplo, tem a sua subjetividade e singularidade. A singularidade mostra o ser humano como um e irrepetível, pois ao estabelecer uma relação, ele recorta pedaços específicos, pessoais e próprios para construir a sua subjetividade que é o conteúdo das relações. Isto quer dizer que a subjetividade do ser humano é constituída pelos outros, pelas relações que serão estabelecidas. Com este enfoque em relação ao ser humano, é possível resgatar a vivência dos valores em âmbito pessoal e social, na perspectiva do *Shemá* que, como um caminho que agrega valores como a solidariedade e fortalecimento da fé e o relacionamento para com Deus, proporcionará duas dimensões centrais para a sociedade: a dimensão de uma relação de comunhão e a dimensão da ação que irão viabilizar um caminho para a cultura de paz.

Estas dimensões são atributos ou sinais que evidenciam a paz. Acreditamos que é possível construir a cultura de paz, tendo como fundamento o amor ao próximo vinculado ao *Shemá*. Ele proporciona atitudes e comportamentos que favorecem relações de igualdade e solidariedade, resultando na construção de uma cultura de paz.

³⁰⁹ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p. 80.

³¹⁰ ABDALLA, Maurício. *O princípio da cooperação em busca de uma nova racionalidade*. 2002, p.100.

³¹¹ GUARESCHI, Pedrinho A. *Psicologia Social Crítica: como prática de Libertação*. 2004, p. 51-59.

5.5 ORGANIZAÇÕES SOCIAIS COMO SINAIS QUE EVIDENCIAM O *SHEMÁ*

A experiência vivida pelo Povo de Israel que é recordada com o *Shemá*, aponta para a possibilidade futura de garantir a paz. A paz já deixou de ser utópica e tornou-se, além de um interesse global, uma necessidade. João Paulo II³¹² propõe a reorganização da sociedade a partir da solidariedade, da justiça e de ações humanitárias para o embasamento da paz. Já existem algumas ações visíveis que são tentativas possíveis para construir a cultura de paz.

A partir da 25^a Conferência geral da UNESCO, em 16 de novembro de 1989, foi confirmado que, quem inventou a guerra, também é capaz de inventar a paz. Esta ideia tornou-se importante para a elaboração do conceito de cultura de paz. Na 28^a Assembleia Geral da UNESCO, reunida em Paris, em 1995, foram definidas várias finalidades da educação para a paz, mas a finalidade principal é de desenvolver, em cada pessoa, os valores universais e os tipos de comportamentos sobre os quais se funda uma cultura de paz³¹³.

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou o Ano 2000 como ano internacional por uma cultura de paz e a década 2001-2010, como década internacional para uma cultura de paz e não-violência para as crianças do mundo. Em outubro de 1999, a mesma assembleia aprovou a Declaração e Programa de Ação sobre Cultura De Paz, onde também se define cultura de paz como conjunto de valores, atitudes, comportamentos e estudos baseados em fatos como: o respeito à vida, o fim da violência e a promoção da não-violência, através da educação, do diálogo e da cooperação. Esta cultura de paz vai implicar, segundo o documento, em uma série de medidas destinadas a promover uma cultura de paz mediante também a educação, promovendo um desenvolvimento econômico e social sustentável, o respeito aos direitos humanos, a compreensão e a tolerância³¹⁴. Estas medidas recuperam, em parte, o sentido do *Shemá* que tem a proposta do amor ao próximo, revitalizando valores que desencadeiam numa cultura de paz.

³¹² João Paulo II, *Eclésia in America*, nº 55, Paulinas: São Paulo, 2003 n.6 p.95

³¹³ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p. 65.

³¹⁴ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. Tese Doutorado em Educação. UFRGS, p. 66.

A paz é uma realidade que se desenvolve dentro do ser humano, na mente ou no espírito do homem, porém mediatizados por valores, atitudes, comportamentos e estilo de vida³¹⁵. A formação de uma cultura de paz visa construir também uma nova cultura política, econômica e social. Uma alternativa é apresentada no artigo 204 de Constituição Federal, onde é assegurado que o povo participe diretamente na elaboração e controle social das políticas públicas em todas as esferas: nacional, estadual e municipal³¹⁶. Assim será garantida a humanização e as exigências éticas na realização de projetos embasados em valores como os contidos no *Shemá*.

Atualmente os sinais de paz que podemos perceber na forma em que a sociedade está organizada, são desenvolvidas pelas ONGs, Pastoral da Criança³¹⁷, pastorais sociais³¹⁸, movimentos sociais³¹⁹, Fome Zero³²⁰, Estatuto do Desarmamento³²¹, Estatuto da Criança e do Adolescente³²², Estatuto do Idoso³²³, Fórum pela Paz³²⁴, Escolas de Paz³²⁵, e os diferentes programas que consistem em reconhecer ações que proporcionam a paz. Esta forma de agir são manifestações pela necessidade de mudanças na conjuntura atual, com resultados que estabeleçam referenciais comuns para mobilizar a sociedade na estruturação de uma cultura de paz.

³¹⁵ ONU. *Declaración y programa de acción sobre una cultura de paz*. 1999 p.3.

³¹⁶ *Solidariedade e Paz*: manual CF-2005 ecumênica. p. 121.

³¹⁷ A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de atuação ecumênica, ou seja, aberta a pessoas de todas as religiões. Disponível em <www.pastoraldacrianca.org.br>

³¹⁸ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, 2003-2006*. (Nº 71) 2003, p. 93-107 cita a necessidade de se construir uma sociedade solidária, na qual as pastorais sociais buscam formação, organização e ações que contribuem para esta finalidade.

³¹⁹ Movimento dos Sem Terra, Movimento dos Trabalhadores Desempregados, Movimento das Mulheres Agricultoras.

³²⁰ O Fome Zero é uma estratégia impulsionada pelo governo federal para assegurar o direito humano à alimentação adequada, priorizando as pessoas com dificuldade de acesso aos alimentos. Disponível em <www.fomezero.gov.br>

³²¹ A Lei 10.826, de 22 de dezembro de 2003, conhecida como Estatuto do Desarmamento, entrou em vigor no dia seguinte à sanção do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, quando foi publicada no Diário Oficial da União. Portanto, começou a vigorar no dia 23 de dezembro de 2003. O decreto que a regulamentou, nº 5.123 de 01/07/2004, foi publicado no Diário Oficial da União no dia 02 de julho de 2004, começando a vigorar naquela data. Disponível em <<http://www.mj.gov.br/seguranca/desarmamento.htm>>

³²² Cf Lei nº 8.069, de 13.07.1990. No site: <<http://www.presidencia.gov.br/CCIVIL/LEIS/L8069.htm>>

³²³ Lei nº 10.741, de 01.10.2003. No site: <http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm>

³²⁴ Conforme citado no *manual CF-2005 ecumênica*. p. 122 o Fórum permanente é um espaço articulador das entidades, da sociedade civil e das Igrejas para que o objetivo de superar a violência em todos os níveis seja mais eficazmente alcançado.

³²⁵ Cf. no site: <http://www.comitepaz.org.br/a_unesco_e_a_c.htm>

Estes sinais existentes tornam-se ações permanentes que levam a construir uma nova sociedade na perspectiva do comunitarismo solidário. As pessoas envolvidas nestas ações, com suas experiências resultantes de paz, consolidarão as necessidades de cultivar os valores contidos no *Shemá*, proporcionam a tradição da paz, ocasionando o engajamento social, cultural, político e religioso para uma cultura de paz.

Para a sustentação dos projetos sociais que existem, reafirmamos o *Shemá* como um caminho possível para que estas ações se tornem permanentes e desenvolvam a tradição de paz. A conexão do *Shemá* com o amor ao próximo é indispensável nas relações comunitárias e sociais, pois aponta para o respeito às diferenças, embasado nas relações de igualdade e fraternidade. Promove a vida, a dignidade, a solidariedade e contribui para legitimar os sinais existentes.

Nesta perspectiva, percebemos que a revelação de Deus acontece através destes vários sinais que apresentamos. Existem outros sinais no seio da história humana como forma da revelação de Deus. A importância de apreendermos a presença secreta de Deus e contemplar os sinais do espírito do tempo e dos espaços em que nos encontramos é uma maneira de retomarmos o *Shemá*. O *amar o próximo como a si mesmo* apresentado por Jesus, se torna um complemento ao *Shemá* Israel, contendo, em sua essência, a opção pela vida, a dignidade humana e a solidariedade. Ao retomar as ações dos projetos sociais que citamos, identificamos, também, como resultados, a inclusão social e a diminuição das situações de miséria humana e da vulnerabilidade causada pelo sistema neoliberal. Por este motivo, em meio a tantos conflitos sociais e desigualdades, o *Shemá* é atual, proporcionando um enraizamento de valores que confluirá na caridade libertadora, onde o capital não será o centro, mas, sim, a dignidade humana e a valorização da vida, como princípios da cultura de paz.

CONCLUSÃO

Tendo desenvolvido o presente trabalho, destacamos que a história do povo de Israel foi marcada por conflitos, tensões, infidelidades e dificuldades de se manter como nação forte, coesa e independente. Vivendo em tempo da monarquia dividida, os reis do Sul, no séc. VIII e VII a.E.C., Ezequias e Josias, perceberam a necessidade de se voltarem a Javé e investiram na unificação de todo o Israel, uma vez que o reino do Norte já havia sido extinto. Promoveram as reformas religiosas, sociais, políticas e econômicas em torno de um só Deus, de um só templo e de um só rei, por constatarem a necessidade de recordar a fé no projeto de vida proposto por Javé no qual as exigências éticas da Aliança fossem respeitadas como garantia da prosperidade, da justiça e do bem-estar de Israel.

Durante a execução da reforma do templo, no reinado de Josias, no século VII a.E.C., foi encontrado o livro da Lei que o estimulou a desenvolver as reformas necessárias para preservar a fidelidade a Javé e ao projeto de sociedade justa e fraterna. Os inícios do Dt remontam ao reinado de Ezequias, perdido nos dias do rei Manassés e reencontrado durante o reinado de Josias.

O livro da Lei encontrado no templo, continha, sobretudo, leis litúrgicas. Sob o reinado de Josias, recebeu acréscimos e tornou-se a Constituição do povo de Israel. Como tal, o Dt é um aprendizado, um programa de formação, uma exposição da fé, com uma pedagogia de liberdade e justiça, para construir uma sociedade em aliança fiel com o Deus libertador. Esta segunda lei não é apenas uma simples repetição da história de Israel, mas contém comentários de um pregador que vê as leis e a história de Israel à luz de sua lei fundamental: a lei do amor.

Com a intervenção salvífica de Deus na história, Israel viveu períodos de liberdade e com dignidade, mantendo-se como nação livre, descobrindo, no *Shemá*, um indicativo que recorda a escolha feita de Javé por Israel e a resposta de fidelidade de Israel a Javé, bem como o reconhecimento de que ele é único. Com a exegese de Dt 6,4-9,

percebemos que o *Shemá* é o direcionamento da vida do povo, como um projeto de vida, uma profissão de fé, tornando-se a síntese de um credo. As palavras coração, alma e força apontam para o amor sem reservas e total a Deus. O mesmo se expressa nas idéias referentes à casa, caminho e deitar-se, evidenciando a concepção de totalidade. O símbolo visível na mão e na frente, associado ao coração e à alma, indica uma vez mais que Deus deseja esta totalidade interior e exterior do ser humano. Entretanto, a totalidade da pessoa se fundamenta na fé e no amor. Os sinais nas portas, casas, ruas e o uso de *filactérios*, além de recordar a fé no Deus Javé e o dever de amá-lo com todo o seu ser, indica que tudo está voltado a Ele. Assim, o *Shemá* é visto como agregador dos valores essenciais contidos na aliança. Valores como solidariedade, justiça, cooperação, que são associados ao projeto libertador de Javé e exigem reconhecê-lo como um, ouvi-lo e amá-lo com todo o ser e inculcar esta fé aos filhos durante todas as ações diárias.

O ouve Israel corresponde à recordação de ações que apontam o reconhecer e o amar a Javé como um. Em meio a tantos conflitos que existem na sociedade contemporânea, é inaceitável ficar indiferente diante destas situações, sem buscar valores que embasem ações possíveis para mudança desta realidade. A atitude de ouvir a Javé acontece no escutar a fala de tantos injustiçados e oprimidos pelos sistemas sociais que abafam este clamor por justiça e valorização da vida. Porquanto acreditamos que o ouvir a Javé nos remete a desenvolver projetos que irão ao encontro destes apelos, onde valores, como a solidariedade e a cooperação efetivarão resultados que integram situações de paz.

O reconhecimento de Javé como único, na contemporaneidade, que apresenta múltiplos deuses, não vitaliza a fé no Deus, que quer a vida de todos e não usa de retribuições, nem mediações para a sua existência divina. Este reconhecer Javé como único, ao qual me refiro, não está na exclusão de outras denominações religiosas, ou concepções relacionadas a Deus, mas está, sim, em agregar os valores que são fundamentais para resgatar a dignidade e a justiça a homens e mulheres.

Ao falarmos em amar a Javé com todo o coração, alma e ser, destacamos que, hoje, o amar tornou-se vulgarizado e banal. Os meios de comunicação social trazem regras e exigências que são elencadas como necessárias para amar, tais como: padrões de beleza, *status* social e o mercantilismo sentimental. Para estas realidades, o amor se limita à exploração da beleza física, com padrão pré-determinado pelo mercado e o *status* social

que condiciona o amar a partir do consumismo. Resultando, com isto, no mercantilismo do amor, onde tudo é ilusão e satisfação imediata, gerando superficialidade nas relações, e excluindo, assim, o cultivo do amor ao próximo e a Javé.

Neste emaranhado de situações, o amar a Javé com todo o ser acredito que passe pelo resgate da experiência prática de vivência de valores, começando com a família, perpassando pelas escolas, instituições que podem oferecer às pessoas significativas experiências de amor para a construção de ações efetivas de paz, voltadas para a fundamentação de uma cultura de paz. Efetivar situações de paz, a partir do amar a Javé, é parte do testemunho e práticas dos pais e daqueles que educam. Eles tornam-se promotores de paz através de suas ações e iniciativas.

Ao mesmo tempo em que o ouvir e amar a Javé é uma recordação dos valores essenciais para Israel, reconhecendo-o como um, percebemos a possibilidade do *Shemá* ser, hoje, a essência para uma cultura de paz. O respeito à vida, o fim da violência e a promoção da não-violência, através da educação, do diálogo e da cooperação se constituem como valores integradores em favor da paz.

Consideramos, também, que o ser humano está em processo de mudança na sua essência, principalmente ao nos referirmos à paz, onde ele faz tentativas articuladas para que possa ser estabelecida uma cultura de paz. Porquanto, neste processo, há a necessidade de voltar-se a Deus, não dissociando a interligação que existe entre Deus, o homem e o mundo, em que o *Shemá* torna-se a recordação necessária. Este aborda os valores essenciais ensinados por Javé a seu povo e que, sem dúvida, são atributos fundamentais para nossa realidade atual, ofuscada pelo deslumbramento do ter, do poder e do prazer, geradores do individualismo que, como citamos, impossibilita ações de solidariedade e igualdade, e promove a exclusão e a violência. Mesmo assim, há sinais que são decorrentes da vivência de valores que necessitam ser legitimados como alternativas visíveis para a construção de um caminho de paz.

Finalmente, destacamos que a paz é fruto do cultivo do projeto que Deus tem em relação à humanidade, onde as manifestações, os movimentos, as organizações em favor da vida são clamores contra as injustiças e desigualdades que a sociedade produziu, contribuindo para a formação de uma cultura de violência. Por isso, citamos estas e outras

organizações como sinais da possibilidade agregadora dos valores contidos no *Shemá*, porque se propõem a promover a dignidade humana, a justiça e a solidariedade.

Diante disto, não avaliamos os resultados obtidos, mas a intenção na elaboração e aplicação dos projetos que se tornam sinais visíveis da ação de Deus hoje. Acreditamos que o *Shemá*, sendo base destes e outros projetos, proporcionará um caminho alternativo, com ações duradouras, para a cultura de paz.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ABDALLA, Maurício. *O princípio da cooperação em busca de uma nova racionalidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam et alii. *Escolas de Paz*. Brasília: UNESCO, 2001.

ALLMEN, J.J. Von. *Vocabulário Bíblico*. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1972.

BALANCIN, Euclides da Cunha. *História do Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1980.

BAUER, Johanner B. MARBÖCK, Johannes e WOSCHITZ, Karl M. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.

BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOUTHOU, Gaston. *Avoir la paix*. Paris: Grasset, 1967.

BRAULIK, Georg. *O Livro do Deuteronômio*, p. 96-113. In: ZENGER, Erich, et alii. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

BRIGHT, John. *História de Israel*. 3^a ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa Perspectiva Libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.

CHARPENTIER, E. *Para uma primeira leitura da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1980.

CHEVALIER, Jean. GUERBRANT, Alan. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Herder, 1986.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Série Documentos da CNBB 71).

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. *Solidariedade e Paz: manual CF-2005 ecumênica*. 1ª ed. São Paulo: Salesiana, 2005.

CROATTO, J.S. *História da Salvação*. Caxias do Sul: Paulinas, 1968.

CRÜSEMANN, Frank. *A Torá*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

DELLAZZARI, Romano. *Devolve-me o Júbilo de Tua Salvação*. Desintegração e Recriação da Qualidade de Vida nos Salmos Penitenciais. 2004, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica - Antigo Testamento). EST/ IEPG, São Leopoldo, 2004.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 2Vol. São Leopoldo: Sinodal/ Petrópolis: Vozes, 1997.

ELLIS, F. Peter. *Os homens e a mensagem do Antigo Testamento*. Aparecida: Santuário, 1991.

FELL, Gil. Paz. In: HICKS, David (comp.). *Educación para la paz: cuestiones, principios y práctica en el aula*. Madrid: Ediciones Morata, Ministerio de Educación y Ciencia, 1993.

FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 2ª ed. São Paulo: Girafa, 2004.

FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Paulinas: São Paulo, 1983.

FRANCISCO, Clyde T. *Comentário Bíblico Broadman: Gênesis - Êxodo - Velho Testamento*. 2ª ed. Vol 1. Rio de Janeiro: JUERP. 1986.

GARCIA LOPEZ, Felix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. São Paulo: Paulinas, 1992.

GÓMEZ, Leonel Narváez. *Cultura da paz e prevenção da violência*. Aputi – São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: Centro Loyola de Fé e Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2003. (Artigo: A reconciliação: para prevenir a violência e construir a paz duradoura).

GRANDE SINAL. *Paz, tarefa de todos*. Ano LIX, 2005/5 Setembro-Outubro. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRUEN, W. *O tempo que se chama hoje*. São Paulo: Paulinas, 1977.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia Crítica: Alternativas de Mudança*. 10ª ed. Porto Alegre, Mundo Jovem, 1986.

_____. *Psicologia Social Crítica: como prática de Libertação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas*. 2003. 437f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um novo mundo é possível. Dez boas razões para educar para a paz; praticar a tolerância; promover o diálogo inter-religioso; ser solidário; promover os direitos humanos.* São Leopoldo: Sinodal, [s/d].
- HÄRING, Bernhard; SALVOLDI, Valentino. *Tolerância: Por uma ética de solidariedade e de paz.* São Paulo: Paulinas, 1995.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
- HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos. Imagens e sinais da arte cristã.* São Paulo: Paulus, 1994.
- HOMBORG, Klaus. *Introdução ao Antigo Testamento.* 4^a ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- HOPPE, Leslie J. *Deuteronômio.* In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Org.). *Comentários Bíblicos: Deuteronômio.* Vol 1. São Paulo: Loyola, 1999.
- JEPSEN, A. *Die Quellen des Königsbuches.* 2.ed. Halle, Niemeyer, 1956.
- KÖNINGS, J. *A Bíblia, sua história e leitura: Uma Introdução.* Petrópolis: Vozes, 1992.
- KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação do Deuteronômio: Programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos.* 1999. Tese (Doutorado em Teologia Bíblica - Antigo Testamento). EST, São Leopoldo, 1999.
- KRÜGER, René. *Proclamar Libertação.* Volume XIX. São Leopoldo: IEPG e Sinodal, 1993.
- KÜMMEL, W.G. *Introdução ao Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1980.
- LA SOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LIBÂNIO, João Batista. *Qual o caminho entre o crer e o amar.* São Paulo: Paulus, 2004.
- LOHFINK, Norbert. *Grandes Manchetes de Ontem e de Hoje.* São Paulo: Paulinas, 1987.
- LOWERY, Richard H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo.* São Paulo: Paulinas, 2004.
- MAY, Rollo. *Poder e inocência.* Traduzido por Renato Machado. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico.* 5^a ed. São Paulo: Paulus, 1984.
- METZGER, Martin. *História de Israel.* 4^a ed. São Leopoldo: Sinodal: 1984.

MIGLIORE, Celestino. *Intervenção da delegação da Santa Sé na ONU sobre a Cultura da Paz*. 27 de out. 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia.html>. Acesso em 30 jan. 2006 18:52:27.

MONLOUBOU, L.; BUIT, F.M. DU. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1997.

MURPHY, Roland E. *Comentario Bíblico de San Jeronimo – Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1971.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

ONU. *Declaración y programa de acción sobre una cultura de paz*. New York: ONU, 1999.

PACE E DINTORNI. *Sulle tracce di Gandhi: unità didattica per le scuole superiori sulla nonviolenza nel cambiamento sociale*. Milano: [s.e.], [s.d.].

PEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – Dicionário da Língua Portuguesa séc. XXI*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

REFLEXÃO E AÇÃO. – Vol. 6, nº 1 (jan./jun.1998) – Santa Cruz do Sul: UNISC, 1999.

RINALDI, Giovanni. *Deuteronomio*. Torino: Marietti, 1976.

ROCHA, Felipe. Educar para a Paz. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: Nova Série, ano XXIII, p. 243-273, 1989.

ROSSANO, Pietro; RAVASI, Gianfranco; GIRLANDA, Antônio. *Nuovo Dizionario di Teologia Bíblica*. San Paolo, 1988.

SÁNCHEZ, Parra Tomás. *Dicionário de Bíblia*. Aparecida, São Paulo: Ed Santuário, 2000.

SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

_____. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *A palavra inspirada: A Bíblia à luz da ciência da linguagem*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. *Pentateuco II: Levítico – Números – Deuteronomio*. Madrid: Cristandad, 1970.

SCHROER, Sílvia e STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Edição Vida Nova, 1977.

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Entre a Fé e a Fraqueza: Reino de Judá*. São Paulo: Paulinas, 2002. (Coleção Bíblica em comunidade. Série Visão Global; v.7).

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Terras bíblicas: encontro de Deus com a humanidade*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Bíblica em comunidade. Série Visão Global; v.2).

SILVA, Airton José. <www.airtonjo.com/historia_israel.htm> Capturado em 02 set. 2005 15:38.

_____. O contexto da obra histórica deuteronomista. *EstudosBíblicos*. nº 88 – 2005/4. Petrópolis: Vozes, p.11-27.

STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Deuteronômio*. São Paulo: Paulus, 1992.

THIELE, E.R. *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*. Chicago, University of Chicago Press, 1951.

THOMPSON, J.A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982.

WATTS, John D. W. *Comentário Bíblico Broadman: Levítico – Rute – Velho Testamento*. Vol. 2. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. (JUERP = Junta de Educação Religiosa e Publicações).

WEIL, Pierre. *A arte de viver em paz: por uma nova consciência, por uma nova educação*. Traduzido por Helena Roriz Taveira e Hélio Macedo da Silva. São Paulo: Gente, 1993.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1983.

ZENGER, Erich. *O Deus da Bíblia*. Estudo sobre os inícios da fé em Deus no AT. São Paulo: Paulinas, 1989.